



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POET**

JOSENILSON DA SILVA MENDES

**TRADUÇÃO COMENTADA DA I EPÍSTOLA DE JOÃO EM LIBRAS ESCRITA
PELO SISTEMA SUTTON SIGNWRITING**

FORTALEZA

2020

JOSENILSON DA SILVA MENDES

**TRADUÇÃO COMENTADA DA I EPÍSTOLA DE JOÃO EM LIBRAS ESCRITA
PELO SISTEMA SUTTON *SIGNWRITING***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Orientadora: Prof.^a Dra. Luana Ferreira de Freitas.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M491t Mendes, Josenilson da Silva.

Tradução comentada da I Epístola de João para a Libras pelo sistema Sutton SignWriting / Josenilson da Silva Mendes. – 2020.

159 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Luan Ferreira de Freitas.

1. Estudos da Tradução. 2. Libras. 3. Escrita de Língua de Sinais/SignWriting. I. Título.

CDD 418.02

JOSENILSON DA SILVA MENDES

**TRADUÇÃO COMENTADA DA I EPÍSTOLA DE JOÃO EM LIBRAS ESCRITA
PELO SISTEMA SUTTON SIGNWRITING**

Tese ou Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Aprovada em: ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Luana Ferreira de Freitas (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Débora Campos Wanderley
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

A Deus, autor da vida e gracioso.
Aos meus pais, José Ferreira Mendes e Maria
Edice da Silva Mendes pelo amor, carinho e
investimento em meus estudos.

AGRADECIMENTOS

À Profª. Dr. Luana Ferreira de Freitas, pela excelente orientação.

Aos professores participantes da banca examinadora Débora Campos Wanderley e Rafael Ferreira da Silva pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

A Mariana Lima, pela ajuda com material de pesquisa e conselhos preciosos.

A Jonatan Sousa, por me sugerir material para a pesquisa.

A Fernando Jr., pela ajuda no projeto de pesquisa e outras ajudas importantes.

Aos colegas de trabalho na divisão de tradução e interpretação de Libras, da secretaria de acessibilidade da UFC, Diego Lial, Graziele Fraga, Roberto Jr., Raphael Freire, Jocelma Lima, Luana Magalhães e Marcos Borges, pelo companheirismo, amizade, por me ajudarem nas dúvidas sobre alguns sinais, durante a tradução da I Epístola de João e em outros momentos, o que me ajudou a escrever melhor a Libras pelo sistema Sutton. Também às colegas mais recentes na Divtis Sarah Oliveira, Bianca Farias, Izabele Viana e Wiliana Almeida, pela alegria de sua amizade e companheirismo.

Ao professor Tito Lívio, pelo incentivo e conselhos para entrar no mestrado em Estudos da Tradução.

Aos professores do POET/UFC, Walter Costa, Robert de Brose e Nicoletta Cherobin.

A Madson Barreto e Raquel Barreto, pelo livro Escrita de sinais sem mistérios, por sua amizade e por serem os gigantes sobre cujos ombros pude ver mais longe e alcançar o inalcançável.

A meus professores de escola, representados pela tia Zeuza, na pré-escola, e, de faculdade, representados pela professora Verônica Barbazan, das disciplinas de espanhol.

Ao grupo de estudos e pesquisas sobre educação de surdos – Gepes, com Verônica Magalhães como anfitriã, Ernando Chaves, Neiva Cardins, Liana, Chico, Érika, Renato, Willer Cysne, Renata Peixoto, Andrea Michiles, Raphaella Magalhães, Águeda e Eudimar, que se reuniu regularmente durante anos e cooperou para minha formação.

À Associação dos Surdos do Ceará-ASCE, pelo espaço de convivência com a comunidade surda e oportunidades de desenvolvimento como intérprete e tradutor de Libras.

À Associação de Surdos Evangélicos-A.S.E, pela desafiadora experiência de cooperar na sua fundação e funcionamento por muitos anos.

À Igreja Betesda, pela confiança e apoio por trinta anos no desenvolvimento de meu chamado ministerial com surdos ainda na adolescência.

A meus amigos surdos, José Eudes, Paulo César, Eduardo, Silvestre, Arivelton e Zenaide, Walderi Cazé e Vera Lúcia Cazé, Silas Freitas, Cláudio Rogério, Rachel Monroe, Eliana Neves e Maíra Augusto, com quem aprendi muito da Libras.

A minha igreja, Surdos com Jesus, com Edilson da Costa e Elisângela da Costa, Armando Freitas e Mirela, Raimunda Chagas, Maristela, Luiz Eduardo e Conceição, Oziel e Francilene, Ricardo Maciel e Gevana Silva, Tony Uchoa e Adriana, pelas orações, companheirismo e amor fraterno.

A minha avó materna, Maria Beserra, a Inha, que viveu por 103 anos e cuidou várias vezes de mim na infância.

A meu avô materno, Antônio, o Toin, um segundo pai.

A meus avós paternos, Mariana e Paulo, pelo carinho.

A meus tios e tias, Edimilson e Dalva, Helenita e Manuel, Elsa e Edilson, Edigar e Fátima, Edson e Eliane, Elenito e Elizete, Elias, Ezilda, Edivaudo e Lucídia, Edna, Luiz e Maria de Jesus, Eunice e José, Lourdes, Aloísio e Fransquinha.

A meus irmãos, Júnior que sempre se esforçou por minha educação e cuidados, minha irmã Rosangela, companheira desde a infância, e Rosiane que chegou mais tarde e foi minha experiência inicial em cuidados paternais.

Aos cunhados, Andrhea, George e Michael, respectivamente, pela amizade e carinho recíproco.

A meus sogros, Angelo e Wilma, pelo amparo em momentos decisivos e delicados e por serem uma amorosa extensão de minha família.

A meus pais, José e Edice, que me amam e aquém devo a vida.

A minha esposa querida, Liane, e aos meus filhos, Kézer e Káris, por me ajudarem a ser quem sou e me apoiarem em todo o tempo.

“Achamos o Messias (que, traduzido, é o Cristo).” Evangelho de João, 1:41 (A BÍBLIA)

RESUMO

Nas pesquisas sobre tradução/interpretação, envolvendo Libras e português, publicadas em monografias, teses e dissertações, a tradução para a Libras costuma ser, majoritariamente, na sua modalidade sinalizada/oral. A Escrita de Língua de Sinais (ELS) ou simplesmente Escrita de Sinais (ES), grafada por meio do sistema *Sutton SignWriting* (SW), criado por Valerie Sutton em 1974, é uma das possibilidades mais viáveis quando se trata de tradução propriamente dita, ou seja, de texto escrito para outro na mesma modalidade. Ainda há muita carência de material publicado em Libras escrita e de análise do processo tradutório envolvendo esta modalidade como produto. Temos a intenção, nesta pesquisa, de refletir sobre o processo de tradução, evidenciando procedimentos tradutórios (BARBOSA, [1990] 2004; AUBERT, 1998) para pares de línguas orais-auditivas e gestuais-visuais, por meio de uma tradução comentada, do texto bíblico da I Epístola de João para a Libras, na modalidade escrita pelo sistema SW, usando como textos fontes algumas versões da Bíblia em português, além de cotejar com outras em espanhol, inglês e grego koiné acessíveis em sites, valendo-me também de dicionários *on-line* e da ferramenta “Traduzir” no programa *SignPuddle* (em <http://www.signbank.org/signpuddle/>). Objetivamos, também, justificar a escolha do sistema SW para a tradução, confirmar a necessidade da escrita para a Libras como instrumento de registro e enriquecimento da língua e apontar as funcionalidades e limitações das ferramentas de tradução e edição no programa *SignPuddle*.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Libras. Escrita de Língua de Sinais/*SignWriting*.

ABSTRACT

In translation/interpretation research, involving Libras and Portuguese, published in monographs, theses and dissertations, the translation into Libras is usually in its signaled/oral mode. Escrita de Língua de Sinais (ELS) or simply Escrita de Sinais (ES), using the Sutton SignWriting (SW) system, created by Valerie Sutton in 1974, It is one of the most viable possibilities when it comes to translation itself, that is, written text for another in the same modality. There is still much lack of published material written in Libras and of analysis of the translation process involving this modality as final product. In this work, we intend to reflect on the translation process, evidencing translation procedures (BARBOSA, [1990] 2004; AUBERT, 1998) for oral/auditory and gestural/visual language pairs, by means of an annotated translation, of the biblical text of the "I Epistle of John" for the Libras, in the modality written by the SW system, using as source texts some versions of the Bible in Portuguese, in addition to comparing them with others in Spanish, English and Greek (*koiné*) accessible on websites, also using online dictionaries and the "Translate" tool in the SignPuddle program (<http://www.signbank.org.org/signpuddle/>), in addition to consulting with fellow translators and interpreters of Libras/Portuguese language and deaf people fluent in. We also aim to justify the choice of the SW system for the translation, to confirm the need for writing for Libras as a registry and enrichment tool and to point out the functionalities and limitations of the translation and editing tools in the SignPuddle program.

Keywords: Translation Studies. Libras. Escrita de Língua de Sinais/*SignWriting*.



LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Manual de sinais bíblicos: o clamor do silêncio.....	22
Figura 2	– A Bíblia em Libras no FaceBook e no site.....	22
Figura 3	– Crescimento Cristão I. Exemplo do conteúdo.....	23
Figura 4	– Davi. Escrito por Sérgio Ribeiro.....	24
Figura 5	– DVD As parábolas de Jesus.....	25
Figura 6	– Publicações com DVD em Libras.....	26
Figura 7	– Bíblia em Libras - Comunicar, blog e aplicativo.....	26
Figura 8	– Tradução da Bíblia das Testemunhas de Jeová para a Libras.....	27
Figura 9	– Fotos de pré-produção e do livro <i>No princípio. criou Deus.</i>	27
Figura 10	– Fac-símile de <i>Essai sur les sourds-muets et sur le langage naturel</i> , 1817....	31
Figura 11	– Fac-símile da capa de <i>Mimographie</i>	32
Figura 12	– Fac-símile da Prancha I de <i>Mimographie</i> com os caracteres de movimento	33
Figura 13	– Fac-símile da Prancha II de <i>Mimographie</i> para configurações de mão, partes do rosto e do corpo e símbolos de expressões faciais.....	34
Figura 14	– Notação de configuração de mãos de Stokoe.....	35
Figura 15	– Exemplo de glifos do HamNoSys.....	36
Figura 16	– SignFont.....	37
Figura 17	– Livro de Jouison e fragmento de texto em D'Sign.....	38
Figura 18	– ASLphabet.....	39
Figura 19	– Sistema Ferreira Brito-Langevin.....	39
Figura 20	– Gestemas de François-Xavier Nève.....	40
Figura 21	– Configuração para I-LOVE-YOU e ASL Ortography.....	41
Figura 22	– Iconicidade espacial e linearidade na escrita SMYLE.....	42
Figura 23	– Exemplo de configurações de mão na escrita do SMYLE.....	42
Figura 24	– Parâmetros da ELiS e seus 95 visografemas.....	43

Figura 25 – <i>Diccionário de visagrafia (lengua de señas escrita)</i> , capa do livro e fragmento de texto.....	44
Figura 26 – Manual e alfabeto si5s.....	46
Figura 27 – SLIPA.....	47
Figura 28 – Caracteres do ASLSJ.....	47
Figura 29 – Pontos de articulação/locação e algumas configurações de mão do SEL....	49
Figura 30 – Alfabeto do SignScript.....	50
Figura 31 – Algumas configurações de mão e seus respectivos dígitos.....	52
Figura 32 – Morfemas logográficos para partículas interrogativas, pessoa e animal.....	52
Figura 33 – Symbol Font for ASL.....	53
Figura 34 – Visograma (alfabeto) da VisoGrafia.....	54
Figura 35 – Sinalemas escritos na vertical ou aglomerados.....	55
Figura 36 – Formas para as configurações básicas.....	69
Figura 37 – Categoria 1: Mão.....	71
Figura 38 – Categoria 2: Movimento.....	71
Figura 39 – Categoria 3: Dinâmica.....	72
Figura 40 – Categoria 4: Cabeça e faces.....	72
Figura 41 – Categoria 5: Corpo.....	72
Figura 42 – Locação Detalhada.....	73
Figura 43 – Categoria 7: Pontuação.....	73
Figura 44 – Conjuntos de configurações de mão diferentes para o alfabeto latino.....	74
Figura 45 – Comparativo entre sistemas de escrita para LS.....	76
Figura 46 – Fac-símile de Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos.....	79
Figura 47 – Livro Linguagem das Mãos de Eugênio Oates. Capa de 1990.....	80
Figura 48 – Sinal de "perdoar " em Libras no livro Liguagem das mãos, de Oates.....	81
Figura 49 – Comunicação total. Capa e conteúdo.....	81

Figura 50 – Comunicando com as mãos. Capa e conteúdo.....	82
Figura 51 – Linguagem de sinais do Brasil, de 1983.....	83
Figura 52 – Linguagem de sinais. Capa, sumário e exemplo de uma das páginas.....	83
Figura 53 – Manual ilustrado de sinais e sistema de comunicação em rede para surdos. Capa e exemplo do conteúdo.....	84
Figura 54 – DEIT-Libras. Volumes I e II e conteúdo.....	85
Figura 55 – Quadro de bandeiras dos países e suas línguas de sinais no SP.....	86
Figura 56 – Pastas do SP Brasil.....	87
Figura 57 – Botões Registrar e Entrar.....	87
Figura 58 – Células para preencher com os dados de registro.....	88
Figura 59 – Células para logar no SP.....	88
Figura 60 – Funcionalidade Pesquisar por palavras e células para preenchimento.....	88
Figura 61 – Funcionalidade Pesquisar por sinais e células para preenchimento.....	89
Figura 62 – Ferramenta de pesquisa por símbolo.....	90
Figura 63 – Número de sinais por grupo na pesquisa por grupo.....	91
Figura 64 – Critérios de pesquisa refinada.....	92
Figura 65 – Busca pela frequência do símbolo iniciada pela categoria mão.....	92
Figura 66 – Botão <i>fingerspeller</i> (datilologia).....	93
Figura 67 – Ferramenta de criação de sinais.....	94
Figura 68 – Sexto passo: copiar o sinal escrito para o dicionário selecionado.....	94
Figura 69 – Células para preencher e botão de adicionar ao dicionário.....	95
Figura 70 – Sinal registrado e botões com funcionalidades.....	96
Figura 71 – Ferramenta de escrita de texto em sinais.....	96
Figura 72 – Sexto passo: copiar o texto em sinais para o campo Literatura.....	97
Figura 73 – Botões importar e exportar.....	98
Figura 74 – Botão do guia para usuários de SP.....	98

Figura 75 – Botão que altera a língua.....	99
Figura 76 – Botão da ferramenta traduzir e exemplo de texto e sua edição.....	100
Figura 77 – Tela de seleção dos sinais disponíveis para cada termo do texto.....	101
Figura 78 – Símbolo indicativo de ausência de registro de um termo.....	102
Figura 79 – Texto traduzido palavra-por-palavra para a Libras disposto em colunas e botões com funcionalidades.....	102
Figura 80 – Caixa com células para preencher com termos e textos.....	103
Figura 81 – Texto em Libras editado após a tradução automática.....	104
Figura 82 – Botões com funcionalidades de manipulação do texto.....	104
Figura 83 – Caixa de funcionalidades do criador de colunas de texto.....	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro comparativo das características de sistemas de escrita para LS.....	57
Quadro 2 - Características do sistema Sutton SignWriting.....	75
Quadro 3 - Categorização dos procedimentos tradutórios.....	128
Quadro 4 - Ocorrências dos procedimentos tradutórios na tradução da I Epístola de João para a Libras pelo sistema SW.....	143

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARA	Almeida Revista e Atualizada
ARC	Almeida Revista e Corrigida
ASL	Língua de Sinais Americana
AT	Antigo Testamento
CSMW	<i>Center For Sutton Movement Writing</i>
DAC	<i>Deaf Action Committee For SignWriting</i>
ELS	Escrita de Língua de Sinais
ES	Escrita de Sinais
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LS	Língua de Sinais
LSF	Língua de Sinais Francesa
NAA	Nova Almeida Atualizada
NT	Novo Testamento
NTLH	Nova Tradução da Linguagem de Hoje
NVI	Nova Versão Internacional
SBB	Sociedade Bíblica do Brasil
SP	<i>SignPuddle</i>
SW	Sistema Sutton <i>SignWriting</i>
TILS	Tradutor e Intérprete de Libras
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	A BÍBLIA E SUAS TRADUÇÕES PARA A LIBRAS.....	20
2.1	Manipulação e sensibilidade na tradução.....	28
3	ESCRITA EM LÍNGUAS DE SINAIS.....	31
3.1	O sistema Sutton SignWriting.....	64
3.1.1	<i>O alfabeto do sistema Sutton SignWriting.....</i>	67
3.2	Lexicografia da Libras e SW.....	77
4	O SIGNPUDDLE E A FERRAMENTA DE TRADUÇÃO.....	86
5	TRADUÇÃO.....	107
6	TRADUÇÃO COMENTADA.....	118
6.1	Referencial teórico.....	118
6.2	Comentário da tradução.....	128
87	CONCLUSÃO.....	145
	REFERÊNCIAS.....	148

1 INTRODUÇÃO

Ainda que Michaël Oustinoff (2011, p. 12) diga que “é impossível falar de tradução deixando de considerar os textos bíblicos, seja-se ou não crente, especialmente porque eles foram e continuam a ser, de longe, o objeto de maior empreendimento de tradução na história da humanidade”, a tradução da Bíblia em si não tem a atenção principal nesta pesquisa. Concentro-me aqui no processo de tradução de um texto bíblico, a I Epístola de João, para a escrita de uma língua gestual-visual, de uma minoria linguística, pelo sistema Sutton *SignWriting* (SW)¹, auxiliado por computador, fazendo uma tradução comentada (ZAVAGLIA, RENARD & JANCZUR, 2015).

Quando se fala em tradução envolvendo Libras e português, é comum encontrarmos pesquisas sobre tradução e interpretação, publicadas em monografias, teses e dissertações, nas quais a tradução para a Libras costuma ser na sua modalidade sinalizada/oral². A tradução interlingual (JAKOBSON, p. 64-65, 1975) de línguas de modalidades articulatório-perceptuais distintas produz características no texto alvo próprias desta interação. Este tipo de tradução também é classificado como intermodal (SEGALA, 2010, p. 28).

Vídeo é o mais comum para o registro de material em Libras. Nestes casos, os tradutores, surdos ou ouvintes, também são atores, pois corporificam o texto traduzido, eliminando qualquer possibilidade de invisibilidade do tradutor (QUADROS & SOUSA, 2008).

Contudo, sistemas idealizados para a escrita de línguas de sinais (LS) já existem há quase dois séculos. Uns foram pensados para LS específicas; outros foram criados para se adaptarem a diversas línguas de sinais. Uns usam caracteres alfanuméricos para representar os sinais; outros usam símbolos exclusivos para este fim. Outros ainda combinam estas alternativas num sistema misto. Alguns têm como finalidade apenas prover um sistema de notação para o estudo científico de línguas de sinais; outros objetivam servir como um sistema de escrita de uso corrente. Alguns criadores propuseram uma escrita horizontal e linear como as de línguas orais; outros buscaram prover seus sistemas de maior iconicidade espacial, semelhante à produção dos sinais, na disposição dos caracteres que os compõem.

A Escrita da Língua de Sinais (ELS), ou somente Escrita de Sinais (ES), que se utiliza especificamente do sistema SW, criado por Valerie Sutton em 1974, chegou ao Brasil em 1996.

¹ Objetivei honrar a criadora do sistema de escrita, Valerie Sutton, e especificá-lo, pondo o nome dela antes de *SignWriting* que significa escrita de sinais, o que seria uma denominação genérica para qualquer sistema com o mesmo objetivo, tanto em inglês quanto em português.

² A diferença dos meios de produção e recepção e das estruturas das línguas orais e de sinais caracterizam suas modalidades.

Na intenção de verificar se havia alguma pesquisa semelhante à proposta aqui e como minha pesquisa poderia ser relevante para os Estudos da Tradução envolvendo as LS e sistemas de escrita para elas, busquei e obtive os seguintes dados: a pesquisadora Simone Campos (2012) fez uma seleção de 113 trabalhos acadêmicos publicados no Brasil, no período de 2001 a 2011, que faziam alguma referência ao SW. Destes, 68 foram considerados relevantes por ela. Ao examinar o material, encontrei apenas um artigo que tratava do processo de tradução da Libras escrita para o português escrito (SILVA, 2010). Já Madson Barreto se refere a um artigo seu que foi apresentado e publicado no *SignWriting Symposium* (evento *online*), em 2014, declarando que “o processo de tradução – que contou com a participação de um sujeito surdo na equipe – nos fazem refletir sobre a importância da escrita para as LS...” (BARRETO & BARRETO, 2015, anexo K), o artigo, porém não foi desenvolvido e apenas o resumo foi apresentado.

Numa busca mais recente pelos repositórios de algumas universidades públicas e privadas brasileiras e no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Capes, cobrindo o período de 2012 a 2018, encontrei 26 trabalhos envolvendo o sistema SW. Nenhum tratava da tradução do português para a Libras escrita. Encontrei somente um pôster versando sobre a tradução da escrita de sinais para o português escrito (AMPESAN, 2012). A reflexão sobre o processo de tradução para a escrita de sinais, portanto, ainda não foi objeto de pesquisa, intenção deste trabalho.

Mesmo depois de 20 anos de chegada do sistema SW ao Brasil e de centenas de docentes e tradutores intérpretes graduados em Letras Libras, ainda há muita carência de publicação de material escrito em Libras e de análise do processo tradutório envolvendo esta modalidade como produto. Senti-me desafiado a fazer a análise do processo tradutório e contribuir para a reflexão sobre esta tarefa que envolve a escrita de uma LS.

Como minha trajetória de formação como tradutor e intérprete de Libras é marcada pela experiência de 30 anos no meio cristão, na Igreja Betesda, em um constante esforço de tradução da Bíblia para surdos, e por saber da dificuldade comum entre eles em lê-la em português, considerei necessário e possível fazer a tradução da Bíblia para a Libras escrita pelo sistema Sutton, o qual comecei a estudar mais profundamente em 2012, na especialização em ensino e tradução da Libras, ofertada pela Faculdade 7 de Setembro, em Fortaleza.

Em 2016, dei início à tradução da I Epístola de João. Esta escolha decorre de o texto ser relativamente curto, sintetizar conceitos basilares para a fé cristã e pelo gênero epistolar ser ainda hoje uma forma de comunicação muito comum. Contudo, o gênero epistolar praticamente inexiste em Libras, portanto ele seria construído, assim como as características formais de um

texto nesta língua, tomando como base comparativa as formas já conhecidas em línguas orais.

Não queria fazer uma tradução indireta, de uma única versão em português, mas me valeria das que eu pudesse dispor, além de traduções para outras línguas e de textos em grego koiné³. Minha escolha tradutória pressupõe que tradução da I Epístola de João não pode apagar ou disfarçar o fato de o texto fonte ser de outra língua, pertencer a outra cultura, estar cronológica, espacial e contextualmente distante, e, ao mesmo tempo, compromete-se a deixá-lo acessível, compreensível na língua alvo. Pois eu “entendo a tradução/interpretação como a transferência de ‘sentido’ de uma língua para outra, de uma pessoa para outra, de uma cultura para outra, ancorada a uma rede de significações nem sempre passível de análise completa e acabada” (SANTIAGO, 2012, p. 36).

Como tradutor experiente do par linguístico Libras/português, devo concordar, ao menos parcialmente, que

o tradutor de Libras deve pertencer à cultura surda, ter boas raízes culturais e uma boa experiência na vida social em ambas as línguas; deve conhecer profundamente as várias nuances das duas culturas, encarando não só a estrutura linguística, mas também a vida cultural de uma sociedade como fatos semióticos (SEGALA, 2010, p. 8).

No caso desta pesquisa, não tenho como experimentar a vida social e cultural de uma sociedade já não existente e a qual só tenho acesso pela língua, único traço cultural restante, por meio de traduções. Segala (2010), evidentemente, circunscreve, com razão, o tradutor de Libras ao ambiente nacional, mas não contempla a peculiaridade da tradução de textos milenares, como a Bíblia, para sua língua, algo totalmente exequível.

Há cinco traduções da Bíblia pelo sistema SW para LS no site signwriting.org: Língua de Sinais Tunisiana (LST), Língua de Sinais Maltesa (LSM), Língua de Sinais Norueguesa [*Norsk tegnspråk*] (NTS), traduzida do norueguês por Odd Inga Schroeder e escrito em SignWriting pelo Dr. Ingvild Roald, Libras (somente alguns trechos) traduzida do português a partir da Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas e escrito em SW por Sérgio Ribeiro, e duas em Língua de Sinais Americana (ASL), uma baseada na *The New Living Translation* (NLT), por Nancy Fray Romero, com permissão da *Tyndale Publishers, Inc.*, constando a tradução completa do Novo Testamento (NT), concluída em fevereiro de 2016, e parcial do Antigo Testamento (dos livros de Josué, Rute, Neemias, Ester, Salmos, Daniel, Oséias, Joel,

³ O grego koiné era falado e escrito a leste do Mediterrâneo no período helenístico (séc. III a.C) e românico (séc. V d.C.).

Amós, Jonas e Habacuque, em andamento ou concluídas)⁴ e outra de Jerry Spillman⁵, baseada na tradução *King James*.

Elas não me serviram de material de consulta porque não tomei conhecimento de todas antes de começar a minha tradução, com exceção das em ASL, por não dominar as LS envolvidas, impossibilitando compreender as escolhas tradutórias. Também não sabia dos trechos que estão em Libras.

Os textos fontes utilizados são algumas versões da Bíblia em português como a Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) desde 2000, por sua linguagem contemporânea, aproximada do coloquial, ser mais acessível a surdos que têm o português como L2 e ter servido, em sua primeira edição em português, à iniciativa de tradução do NT para a Libras em 1997; a Almeida Revista e Corrigida (ARC), produzida pela SBB desde 1949, pela Imprensa Bíblica Brasileira (IBB) desde 1944 e pela Sociedade Bíblica de Portugal (SBP) desde 1968, por ser “adotada por grande número de igrejas evangélicas em países de fala portuguesa, especialmente no Brasil e em Portugal” (SBB, 2019); a Almeida Revista e Atualizada (ARA) publicada pela SBB desde 1949, por também ter grande difusão e aceitação no Brasil; a Nova Almeida Atualizada (NAA) publicada pela SBB, em 2017, nova edição revisada da ARA com linguagem atualizada e a Nova Versão Internacional (NVI), publicada pela Sociedade Bíblica Internacional (SBI), hoje chamada de Biblica, em 1991, só o NT, e em 2000 completa, também com linguagem atualizada. Também fiz um cotejo com traduções em espanhol, inglês e em grego koiné acessíveis na *internet*⁶, valendo-me também de dicionários *online* e usando a ferramenta “Traduzir” no programa *SignPuddle*⁷, além da consulta a colegas tradutores intérpretes de Libras/português e surdos fluentes em Libras.

Essa pesquisa tem como objetivos:

- a) traduzir a I Epístola de João para a Libras escrita pelo sistema SW;
- b) apresentar as funcionalidades e limitações da ferramenta “Traduzir” no *SignPuddle On-line* (SP), dizendo como o processo de tradução se desenvolve, como o texto é editado antes e depois da tradução ser realizada pelo computador, como e onde os textos são salvos e armazenados.
- c) analisar o processo tradutório para a ELS pelo sistema SW.

No capítulo 2, A Bíblia e suas Traduções para a Libras, trato da questão da sensibilidade na tradução de textos sagrados (SIMMS, 1997), reúno as poucas publicações conhecidas, as

⁴ Disponível em <https://www.aslgospel.org/> Acessado em 26 de fevereiro de 2020.

⁵ Disponível em <https://cyberjer.com/signbibl/tabdex.htm> Acessado em 26 de fevereiro de 2020.

⁶ Nos sites: <<https://www.bibliaonline.com.br/>> e <<https://biblehub.com/>> Acessados em dezembro de 2016.

⁷ Disponível em <http://www.signbank.org/signpuddle/> Acessado em dezembro de 2016.

mídias mais utilizadas e suas características. Também conto como foi minha entrada na comunidade surda e minha formação como intérprete e tradutor.

No capítulo 3, Escrita em Língua de Sinais, apresento alguns sistemas de escrita e notação mais conhecidos e relevantes no mundo, quando, onde e por quem foram criados, comparo as características destes sistemas, justifico porque é necessária uma escrita específica para línguas de sinais, esclareço as razões que me levaram a escolher o sistema Sutton para tradução da I Epístola de João e como eu tomei conhecimento dele e como se desenvolveu a lexicografia da Libras até o uso de SW.

No capítulo 4, O SignPuddle e a Ferramenta de Tradução, apresento mais um repositório lexicográfico da Libras e descrevo como o *software SignPuddle* e a ferramenta de tradução são utilizados para realizar o trabalho de tradução de língua portuguesa para a Libras, detalhando suas funcionalidades e limitações.

No capítulo 5, Tradução, apresento a tradução da I Epístola de João para a Libras pelo sistema SW.

No capítulo 6, Tradução Comentada, trato das escolhas tradutórias e suas consequências para o texto na língua alvo, das aproximações e distâncias culturais e conceituais entre a língua oral auditiva como fonte e a língua gestual-visual como alvo, da intermodalidade na tradução da I Epístola de João, das dificuldades de construção de um gênero textual epistolar em Libras praticamente sem parâmetros nesta língua e das soluções propostas.

No capítulo 7, apresento a conclusão do trabalho.

2 A BÍBLIA E SUAS TRADUÇÕES PARA A LIBRAS

A interpretação de e para a LS, aqui no Brasil, como em outros lugares no mundo, surge no seio das relações comunitárias. Os agentes destes contextos são chamados de “intérpretes empíricos”, pois “estes sujeitos tiveram iniciação nos espaços empíricos, como a família, em espaços religiosos e nos movimentos surdos” (LAGUNA, 2015, pp. 14 e 20). Também poderíamos chamar de tradutores empíricos aqueles que na “década de 1980, quando os trabalhos religiosos com surdos iniciaram com intensidade no Brasil” (NASCIMENTO, 2016, p. 56), viam-se em situação de tradução do texto bíblico. Este é exatamente ambiente e o período de meu contato com a Libras e os surdos.

Vale ressaltar que a organização e formação dos Tradutores e Intérpretes de Libras (TILS) profissionais no nosso país só teve início no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, protagonizada pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), na promoção de encontros que “objetivaram promover intercâmbio entre os que já atuavam no campo, fosse no contexto religioso, fosse nas poucas experiências profissionais que começavam a florescer no período” (NASCIMENTO, 2016, pp. 60 e 61). A Bíblia, portanto, é objeto de tradução muito comum na formação de TILS que ainda estão na ativa como eu, como diz Silvana Santos:

Por outro lado, o trabalho de evangelização direcionado aos surdos implicava na presença do ILS para realizar as interpretações. Diversas denominações religiosas criaram ministérios de surdos em seus templos, a fim de levar a palavra de Deus às pessoas surdas. Esse fato é um marco na história dos ILS, pois a maioria dos profissionais, que hoje atuam, mantiveram relações estreitas com as questões religiosas. (SANTOS, 2006, pp. 47 e 48)

Várias iniciativas de tradução da Bíblia para o público surdo brasileiro foram realizadas ao longo da história. De modo geral, as traduções para a Libras, não exclusivamente da Bíblia, são para a sua modalidade sinalizada/oral. Pode-se constatar que a maioria das traduções do texto sagrado está registrada em vídeo, traduzindo livros inteiros, algumas partes ou passagens com narrativas bíblicas. Uma vez que a Libras é uma língua espaço-visual e ainda não dispunha de uma escrita até meados da década de 90, o registro em vídeo era mais do que adequado para a disseminação de conteúdos nesta língua.

Alguns livros traziam e ainda trazem a história em português, ilustrações e um DVD ou CD-ROM, assim que a tecnologia permitiu, com a tradução ou dramatização em Libras. Parte dessas publicações de histórias bíblicas foram feitas com desenhos que tentam representar os sinais da Libras: um personagem criado artisticamente reproduziria as características físicas de

um sinalizante em ação. As expressões faciais e posturais, as configurações manuais e os movimentos seriam reproduzidos para representar cada sinal numa sequência que comporia um texto sinalizado, como se fosse uma sequência de quadros em uma animação. Outra possibilidade seria usar da mesma ideia da sequência com fotos de alguém sinalizando e intervenções gráficas sobre as fotos simulando a trajetória e direção dos movimentos.

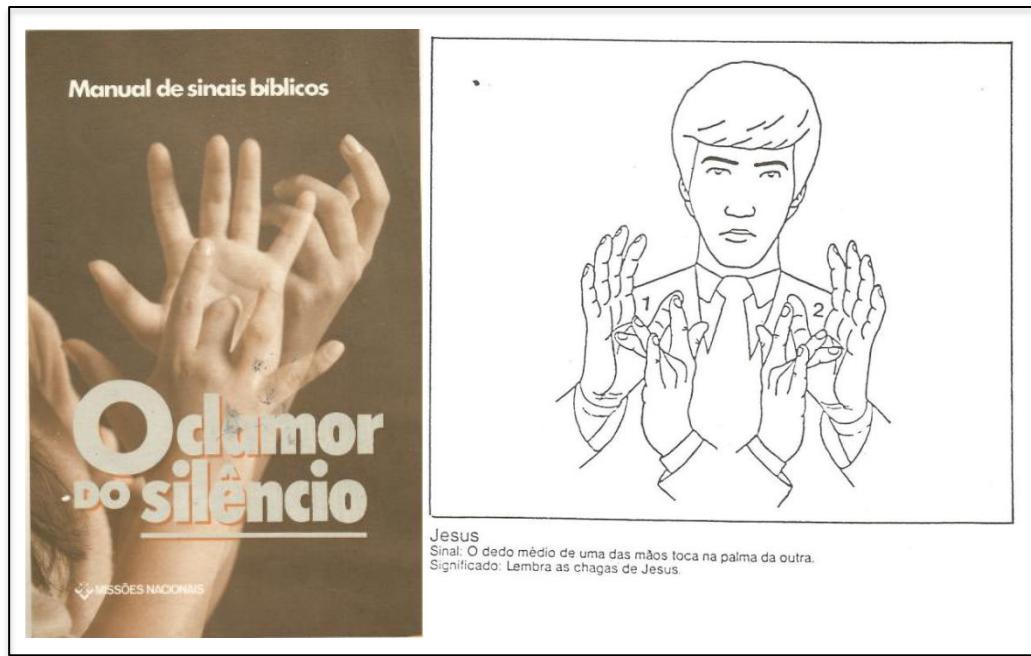
A lexicografia de sinais da Libras, da qual falarei mais no capítulo 3, seção 3.2, pode ser observada em publicações desde o século e com marcante presença de agentes religiosos nesta tarefa a partir do século XX. Os manuais, apostilas ou livros elaborados por estes agentes têm como objetivos ensinar a língua a ouvintes e surdos e cooperar no esforço de evangelização de surdos (TIMÓTEO, 2012, p. 19). Católicos, luteranos, batistas e testemunhas de Jeová, em parceria ou isolados, contribuíram para o registro lexicográfico da Libras e, de modo indireto ou intencional, promoveram a formação de tradutores e intérpretes da Bíblia para seus ambientes de culto.

Em 1991, a Junta de Missões Nacionais (JMN), vinculada a Convenção Batista Brasileira, publicou mil exemplares do Manual de sinais bíblicos: o clamor do silêncio⁸ (Figura 1). A obra procura orientar igrejas na implantação de ministério com surdos. Não é uma tradução do texto bíblico, mas é a primeira publicação especificamente voltada ao conteúdo bíblico em Libras a se referir a livros, funções, locais e personagens bíblicos (DOUETTES, 2015, pp. 90 a 92). O manual passou por uma reedição em 2002. A reedição atualizou a terminologia usada e corrigiu algumas orientações que constavam nas edições anteriores, amparada em publicações científicas de linguistas e pedagogos (SILVA, 2014, p. 12).

É importante ressaltar que a maior parte dos materiais de estudo bíblico para surdos não tem registro formal das publicações. A produção e distribuição costumava ser improvisada, feita à mão e fotocopiada. Daí a dificuldade de encontrar e fazer referência a estes trabalhos.

⁸ Os sinais foram criados por Valdecir Menis e depois desenhados por Salomão Lins, ambos surdos, na década de 1980 (Conf. DOUETTES, p. 92).

Figura 1-Manual de sinais bíblicos: o clamor do silêncio



Fonte:Dissertação de Doulettes e PDF do livro O clamor do silêncio

A iniciativa brasileira mais antiga de tradução da Bíblia de que se conhece é a de Gilmar Manhães, com a missionária Marília Manhães e o jovem surdo Flávio Milani de desenvolver o projeto “A Bíblia em Libras”, iniciado em 1997 (MANHÃES, 2017), e, em 1999, a publicação em VHS da tradução de algumas cartas do Novo Testamento (Carta de Paulo aos Colossenses, Carta de Paulo aos Gálatas, Carta de Paulo aos Efésios, I e II Cartas de Paulo a Timóteo, Carta de Paulo a Tito, Carta de Paulo a Filemom, Carta de Tiago, Carta de Judas). A tradução foi feita a partir de uma versão em áudio da *Bíblia na Linguagem de Hoje*, editada pela SBB. Atualmente, as traduções estão disponíveis em DVD e na internet (Figura 2).

Figura 2-A Bíblia em Libras no FaceBook e no site



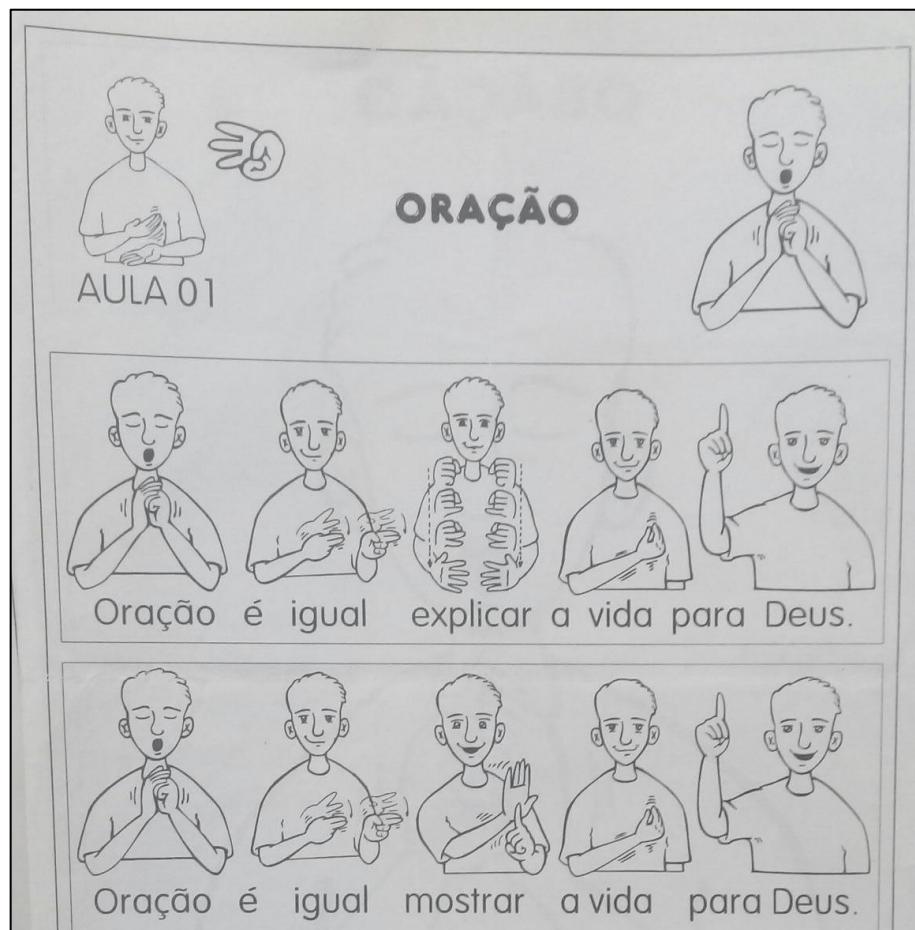
Fonte: <<https://www.facebook.com/ABibliaEmLibras/>> e <<https://www.facebook.com/ABibliaEmLibras/>>

No início dos anos 2000, o ministério com surdos Dynamis, fundado em 1984, na Primeira Igreja Batista em Goiânia, fez a tradução para a Libras de um material de estudo bíblico para discipulado de surdos: o Crescimento Cristão I, com 40 páginas.

Sem editora, a reprodução do material era por fotocópia. Tive acesso a ele em meados dos anos 2000 e passei a usá-lo no ministério de surdos da Betesda. Por causa da variação linguística da Libras, algumas adequações nas ilustrações foram necessárias.

O ilustrador surdo Fábio Sellani trabalhou na produção da obra. Ele criou um personagem que foi desenhado fazendo os sinais e acompanhando o texto em português (Figura 3).

Figura 3-Crescimento Cristão I. Exemplo do conteúdo



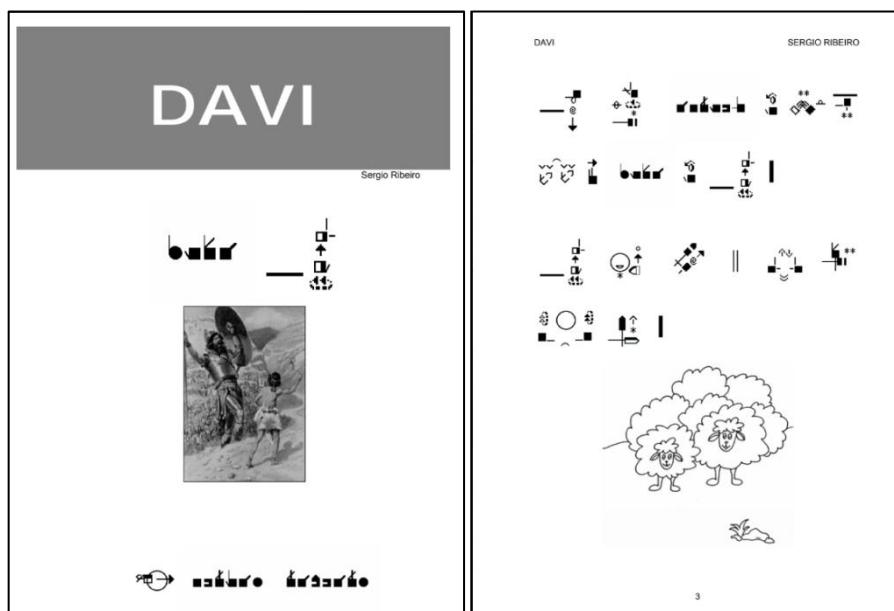
Fonte: Acervo próprio.

Em 2006, Sérgio Ribeiro publicou eletronicamente “Davi” escrito somente em Libras pelo SW e acompanhado de ilustrações (Figura 4). O texto de 11 páginas é uma adaptação de I Samuel, capítulos 16 e 17 e conta a história de Davi e sua luta com Golias. Deduzo que seja a primeira publicação escrita em Libras de uma história bíblica.

Uma característica da obra é a disposição do texto em SW na horizontal. A maioria dos países que adotam o sistema Sutton dispõe o texto na vertical, como proposto desde 1994 (SUTTON, 1998).

Outro detalhe que chama à atenção é a data de publicação. Em 2006, o curso a distância de licenciatura em Letras Libras da UFSC estava iniciando sua primeira edição, a disciplina de ELS ainda seria ministrada, o que torna Ribeiro um pioneiro na tradução e publicação de texto em SW.

Figura 4-Davi. Escrito por Sérgio Ribeiro



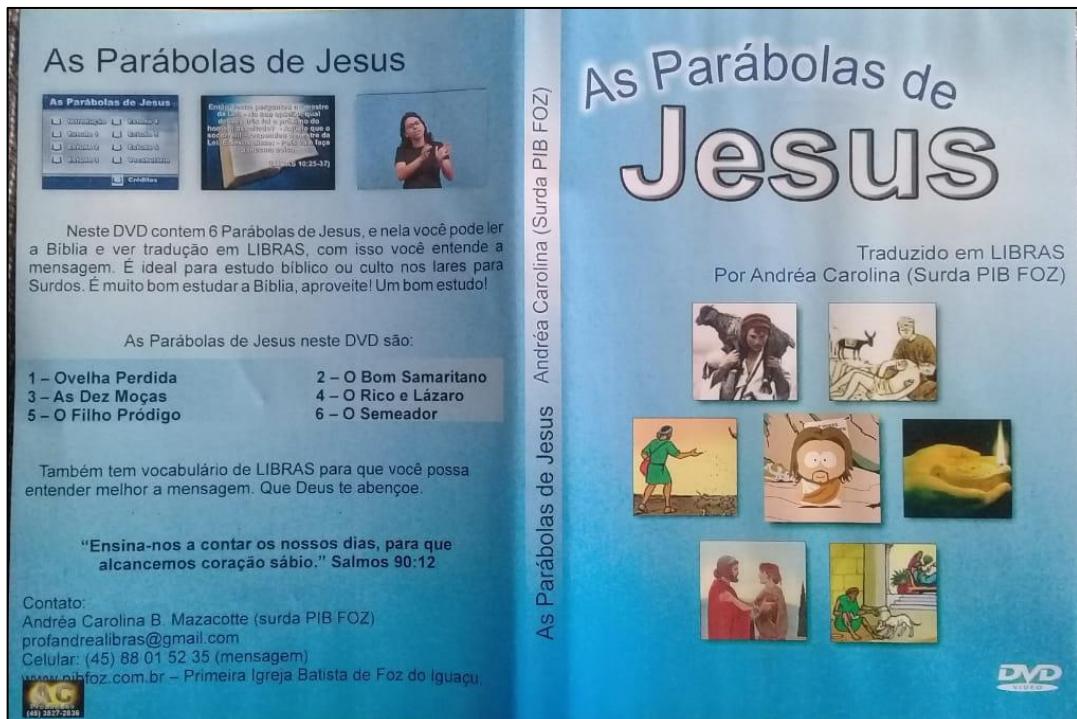
Fonte: Acervo próprio em PDF.

Em 2007, Andrea Mazacotte fez a tradução para a Libras de algumas parábolas de Jesus e as publicou em DVD (Figura 5). O material, intitulado *As parábolas de Jesus*, traz: uma introdução, em que diz que a produção se destina a estudos bíblicos para surdos e ouvintes sinalizantes; seis estudos, nos quais há a tradução das parábolas de Jesus (1-*Parábola da ovelha perdida*, do Evangelho de Lucas, capítulo 15, versículos de 1 a 7; 2-*Bom samaritano*, do Evangelho de Lucas, capítulo 10, versículos 25 a 37; 2-*Parábola das 10 moças*, do Evangelho de Mateus, capítulo 25, versículos 1 a 13; 4-*Rico e Lázaro*, do Evangelho de Lucas, capítulo 16, versículos 19 a 31; 5-*Filho pródigo*, do Evangelho de Lucas, capítulo 15, versículos 11 a 32; 6-*Semeador*, do Evangelho de Mateus, capítulo 13, versículos 1 a 9 e 19 a 23), um capítulo legendado chamado de “vocabulário” para ajudar na compreensão da leitura da Bíblia e, por último, os créditos (MAZACOTTE, 2007).

Cada estudo inicia com o título da parábola em português, sua referência bíblica e uma ilustração. Em seguida, a tradutora faz uma pequena introdução e conta a parábola. Na

sequência, aparecem algumas imagens que remetem à história contada. O texto bíblico, em português, referido no início do capítulo surge na tela e então a tradutora faz uma aplicação prática.

Figura 5-DVD As parábolas de Jesus



Fonte: Acervo próprio.

O Instituto Expressão Surda (IES), criado em 2008, em Curitiba, surgiu do Projeto Biblibras, iniciado em 2007. Os integrantes do projeto produziram o primeiro DVD, *Elias e os profetas de Baal*, que teve distribuição gratuita em 2008. Nos anos de 2012, 2015 e 2016 lançaram uma série de livretos com DVDs, *As Aventuras da Bíblia em Libras* (Figura 6), postos à venda pela SBB.

Segundo o site do IES, o objetivo é “traduzir a Bíblia para Libras sem ambiguidade ou distorção, disponibilizando-a em mídias visuais de qualidade” (IES, s/d), ou seja, um objetivo quase impossível.

Figura 6-Publicações com DVD em Libras



Fonte: Site da SBB. Disponível em: <<https://www.sbb.com.br/serie-dvd-aventuras-da-biblia-em-libras-2-volume.html>>.

Bíblia em Libras – Comunicar é um *blog* criado em setembro de 2012, que conta com um dicionário de sinais em Libras apresentando personagens, lugares e livros bíblicos por meio de fotos ou desenhos. Tornou-se um canal do YouTube, em novembro de 2016, e em seguida um aplicativo para *smartphone*, atualizado em setembro de 2018, estes com a tradução em vídeo do todo o Novo Testamento (Figura 7).

Figura 7- Bíblia em Libras - Comunicar, blog e aplicativo

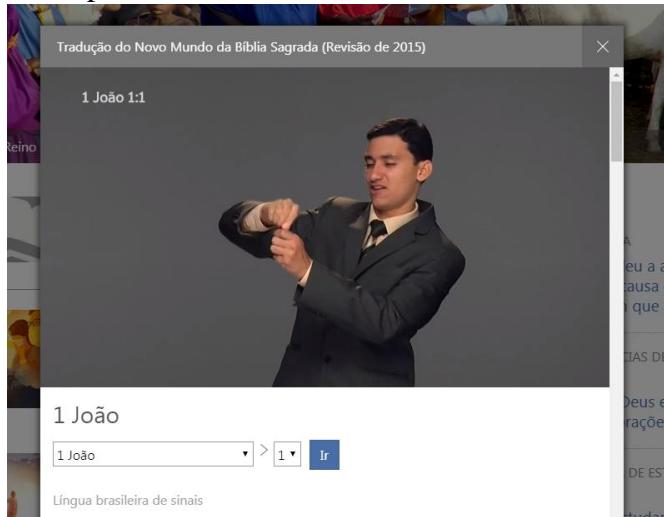


Fonte 1: <<http://bibliaemlibras.blogspot.com/>> e Google Play <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.biblialibras.android&hl=en_US>

As Testemunhas de Jeová também fizeram a tradução completa para a Libras da sua própria Bíblia, Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas (Figura 8), na modalidade sinalizada/oral. O material está disponível em seu site oficial, www.jw.org, bastando escolher

o idioma, na opção língua brasileira de sinais. Nos vídeos, há a informação de que a tradução foi revista em 2015, mas não há nenhuma informação de quando foram realmente gravadas.

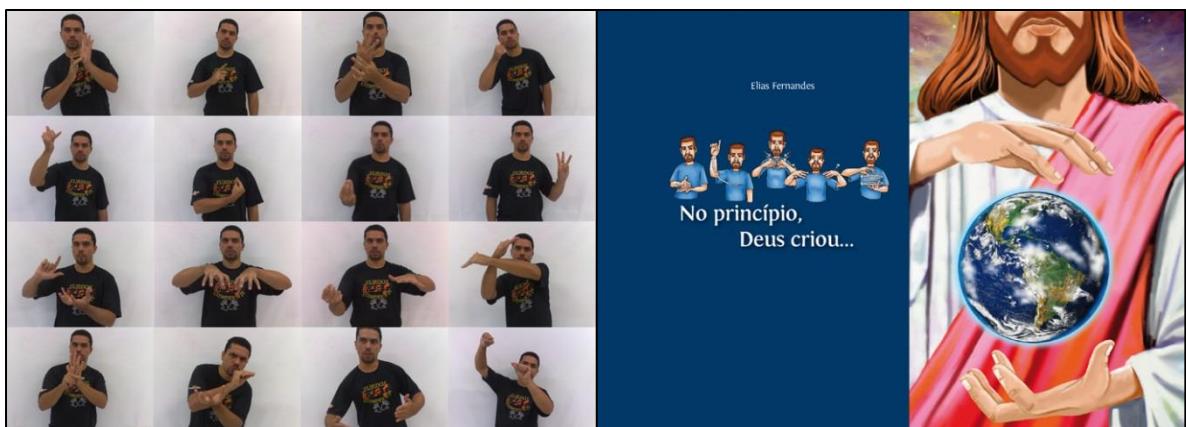
Figura 8-Tradução da Bíblia das Testemunhas de Jeová para a Libras



Fonte:<<https://www.jw.org/bzs/>>. Acessado em 30/11/2018.

No princípio, Deus Criou..., de Elias Fernandes, lançado em novembro de 2014, traz ilustrações representando a sinalização em Libras. O livro conta com ilustrações sequenciais de um personagem que simulam a sinalização em Libras e que intencionam traduzir a narração da criação, o Gênesis, para a Libras de modo gráfico, pictórico, não alfabetico (Figura 9). Como diz o próprio site Surdos Adventistas, “esse é um método de construção de texto pouco utilizado em materiais impressos para o público surdo”. De fato, o método é pouco utilizado na publicação de livros, mas já utilizado há muito tempo em cartazes, panfletos, cartilhas etc.

Figura 9-Fotos da pré-produção e do livro *No Princípio, Deus criou...*



Fonte: <<https://surdosadventistas.com.br/livro-em-libras-no-principio-deus-criou/>> Acesso em 30/11/18

A iniciativa mais recente de tradução da Bíblia para a Libras é o projeto DOT (*deaf owned translation*) Brasil, da *Wycliffe Associates*, dos Estados Unidos, que objetiva acelerar a tradução das escrituras para todas as línguas até 2025, capacitando tradutores de várias nações, incluindo o Brasil. DOT é, de fato, uma metodologia de capacitação de surdos e ouvintes como tradutores em oficinas.

O material é filmado em estúdio montado para este fim específico depois de ter sido estudado e uma versão definitiva ser acertada com a equipe.

A primeira oficina foi realizada em janeiro de 2017⁹, em Brasília, com participação de 20 surdos de estados diferentes, na qual traduziram 31 capítulos da Bíblia em 10 dias. Mais três oficinas foram realizadas em julho de 2017, julho de 2018 e janeiro de 2019. O lançamento oficial do DOT Brasil ocorreu em 23 de abril de 2019, com um representante da *Wycliffe Associates*, um pastor surdo, Paulo Sérgio de Jesus, representando a comunidade surda, representantes de agências missionárias do Canadá e do Brasil e foi transmitido ao vivo pelo canal do Centro Universitário de Anápolis da UniEvangélica, no YouTube¹⁰.

2.1 Manipulação e sensibilidade na tradução

Em consonância com Lefevere e Bassnett (2007) sobre a tradução ser uma reescrita do texto original.

A Tradução é, certamente, uma reescrita de um texto original. Toda reescrita, qualquer que seja sua intenção, reflete uma ideologia e uma certa ideologia e uma poética, e como tal, manipula a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada e de uma forma determinada (LEFEVERE, 2007, p. 11).

A manipulação do texto não implica, necessariamente, em torcer ou perverter o sentido do texto de partida. Constitui-se apenas de um fato intrínseco à tradução.

No caso específico da tradução da Bíblia para SW, a manipulação do texto é intensa: implica em retextualizar o texto bíblico da escrita de uma língua oral para a escrita de uma língua espaço-visual e para uma cultura na qual a visualidade é a principal marca cultural modalizadora da percepção de mundo (STROBEL, 2018, p 44; conf. SCHLEIERMACHER, 1838 in HEIDERMANN, 2001, p. 33). Seria de fato impossível e impróprio não fazer as manipulações necessárias para que o texto existisse nesta língua.

⁹ Um vídeo em Libras e com legendas em português convidando para uma formação pode ser visto no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=F7sBqUUhlfl>

¹⁰ Vídeo do lançamento oficial da DOT Brasil: <https://www.youtube.com/watch?v=NSGIxxQlkKY>

Toda reescrita de texto pode causar alguma estranheza, rejeição ou resistência devido à sensibilidade dos leitores. Consequentemente, a tradução de um texto bíblico pode ser inserida na categoria de “texto sensível”. Segundo Simms (1997, p. 75), há quatro formas de ‘sensibilidade’ textual para o leitor que apresenta “objeção por motivos ligados 1) ao estado, 2) à religião, 3) ao pudor ou 4) a determinadas pessoas em particular (não estando excluída uma superposição desses motivos em um único caso)”.

Simms, em suas explicações, deixa claro que ele trata, na verdade, das pessoas que entram em contato com os textos, pois:

Um mesmo livro pode fazer com que um leitor sinta prazer, e outro, desprezo. Não é o livro em si que possui algum elemento que provoque esses dois tipos de sensação, mas sim a forma como o leitor vê o mundo. Assim, uma tradução, como qualquer texto, está sujeita tanto ao desprezo quanto à apreciação. (LOPES, 2009, p. 63)

Logo, o leitor é sensível e o texto, traduzido ou não, pode, no máximo, fazer aflorar no leitor alguma sensibilidade.

Outra possibilidade de sensibilidade por motivo religioso seria causada pelo senso comum de fidelidade a aspectos formais em detrimento da compreensão do sentido.

Chega a tais extremos esta valorização da fidelidade à forma que, assinala Nida (1964)¹¹, algumas populações preferem que seja dada ao texto bíblico uma tradução totalmente fiel à forma, totalmente literal, mesmo que seu resultado seja um texto incompreensível para os falantes da língua da tradução [...] (BARBOSA, 2004, p. 12).

Um exemplo muito conhecido por surdos e TILS é o modo tradicional como é traduzida a oração do “Pai nosso” para a Libras. A estrutura morfossintática da Libras é ignorada. Cada termo em português recebe um sinal, mesmo que ele não exista no uso comum. As frases são incompreensíveis e sem sentido. Sequer as sequências de sinais constituem frases em Libras. Mesmo assim, uma tradução bem elaborada é normalmente rejeitada por uma grande parcela da comunidade surda que pratica o rito católico.

Contudo, a minha experiência com tradução de textos religiosos, desde 1990, na igreja Betesda de Fortaleza e no contexto mais abrangente da comunidade surda em igrejas de todo o Brasil, com a qual tenho algum contato, indica que poucos surdos leem a Bíblia em português com alguma facilidade de compreensão e são eles o público alvo principal da tradução em questão. Esta falta de familiaridade com o texto em português, resultado de décadas de privação

¹¹ NIDA, Eugene A. *Toward a Science of Translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Leiden: Brill, 1964. 331 p.

de acesso à educação por meio da LS como língua de instrução (STROBEL, 2018, pp. 125 e 127), pode minimizar a sensibilidade de leitores surdos quanto à fidelidade a aspectos formais.

Alguma familiaridade com o texto bíblico só é possível para boa parte dos surdos pela tradução para a Libras na modalidade sinalizada/oral, em ambientes comunitários religiosos, na interação com outros sinalizantes surdos ou ouvintes, em vídeo (em CDs, DVDs, aplicativos para aparelhos eletrônicos, na internet etc.) ou nas poucas publicações que trazem ilustrações que representam a sinalização.

Outro aspecto sobre tradução da Bíblia que pode ser considerado aqui é a concepção da Bíblia como uma unidade, tradicionalmente vista assim no ocidente segundo Frye (2004, p. 11), ainda que seja uma coleção, uma pequena biblioteca de gêneros textuais diversos, escrita em um período aproximado de 1.600 anos e com vários autores. As edições num único volume podem confundir desatentos, levando-os a crer ou supor que ela já foi escrita e organizada assim como está desde sempre.

Ademais, a questão da autoria remete ao senso comum de inspiração divina, algo como se Deus soprasse ou ditasse palavra por palavra a cada escritor do texto sagrado. Ele seria, portanto, o único autor. O tradutor pode ser visto como alguém que se atreve a manipular o sagrado, sem a mesma inspiração divina concedida aos escritores originais, ao traduzir para a língua alvo.

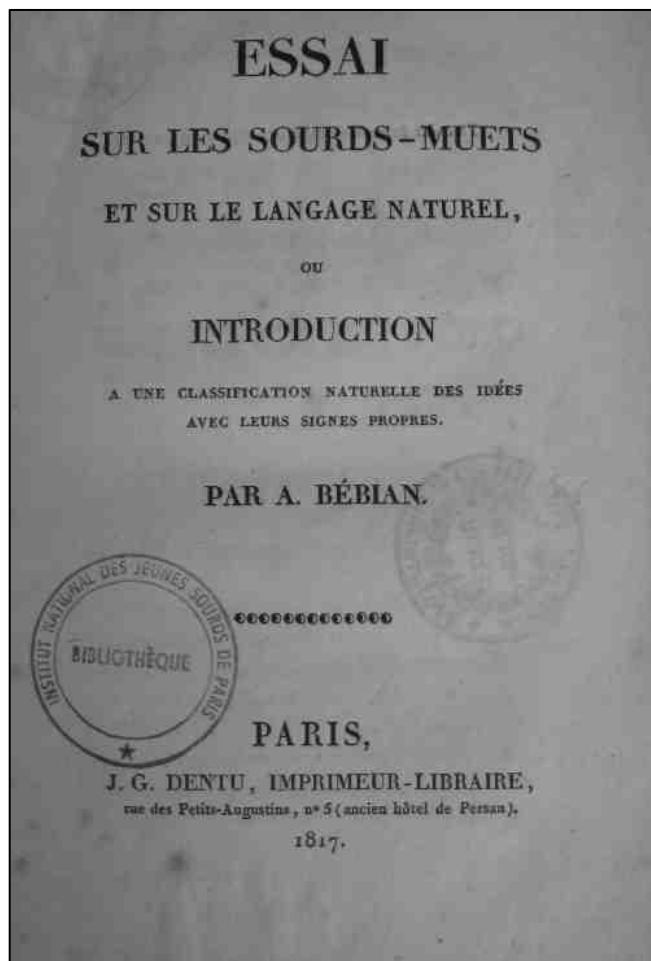
No próximo capítulo, veremos possibilidades de sistemas de escrita para LS criados desde o início do século XIX até a atualidade que poderiam servir ou não para a tradução da Bíblia para a Libras.

3 ESCRITA EM LÍNGUAS DE SINAIS

Vários sistemas de escrita ou notação de LS foram criados antes e depois do sistema Sutton. Neste capítulo, apresento alguns dos mais conhecidos em ordem cronológica.

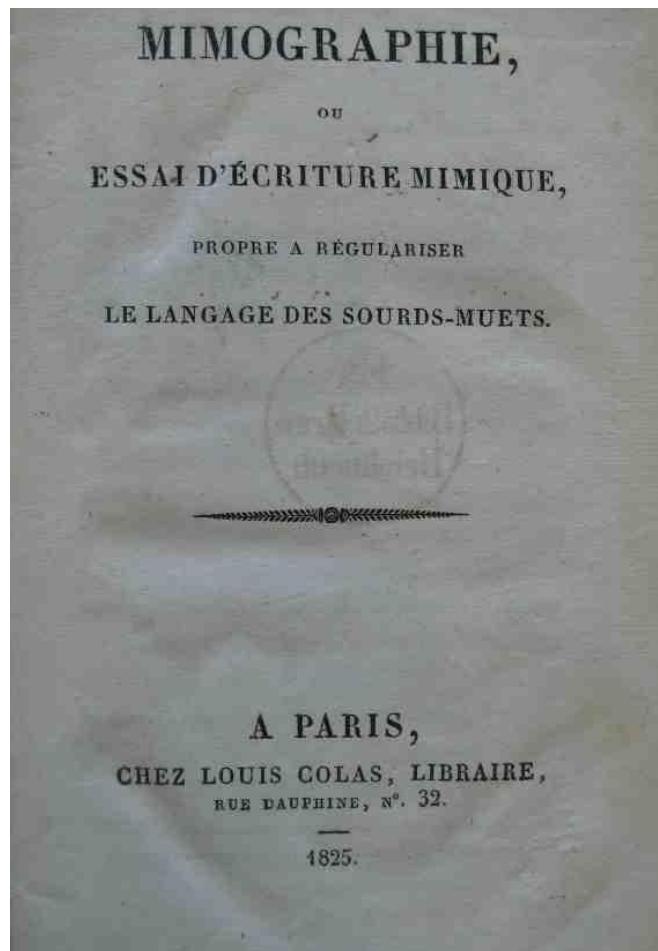
O mais antigo sistema de escrita de que se tem notícia é o do professor Roch Ambroise Auguste Bébian (1789-1839), nascido na cidade de Pointe-à-Pitre, capital do país caribenho de Guadalupe, então colônia francesa, apresentado em dois livros publicados em Paris (OVIEDO, 2009), um em 1817, *Essai sur les sourds-muets et sur le langage naturel ou introduction à une classification naturelle des idées avec leurs signes propres* [Ensaio sobre os surdos-mudos e sobre a linguagem natural ou introdução a uma classificação natural de ideias com seus próprios sinais] (Figura 10). Em 1825, Bébian publicou o segundo livro intitulado *Mimographie, ou essai d'écriture mimique, propre à régulariser le langage des sourds-muets* [Mimografia, ou ensaio de escrita da mímica, própria a regularizar a linguagem dos surdos-mudos] (Figura 11).

Figura 10-Fac-símile de *Essai sur les sourds-muets et sur le langage naturel*, 1817



Fonte: Blog Bébian. Disponível:
 <<http://augustebebian.blogspot.com/2011/03/la-obra-escrita-de-bebian-i-el-essai-de.html>>

Figura 11- Fac-símile da capa de *Mimographie*



Fonte: Blog Bébian. Disponível em:
<http://augustebelian.blogspot.com/2011/03/la-obra-escrita-de-bebian-iii-la.html>.

Neste último trabalho, Bébian criou um sistema de notação composto de uns 190 caracteres (OVIEDO, 2009, p. 297) capaz de escrever os sinais de forma linear, como as escritas alfábéticas ocidentais, da esquerda para a direita.

Os caracteres criados por ele representam iconicamente os parâmetros fonológicos da língua de sinais francesa (LSF): configurações de mão (incluída a orientação da palma), pontos de articulação, expressões faciais (fisionômicas) e movimentos.

Conforme Oviedo (2009, pp. 298, 299), esses parâmetros são dispostos na “seguinte ordem: caracteres do órgão que articula – caracteres do movimento – caracteres da expressão. Estes últimos não aparecem obrigatoriamente (pois a transcrição de muitos sinais não os

requer)"¹².

Alguns exemplos podem ser vistos nas figuras seguintes (12 e 13) representando respectivamente as pranchas I e II que ilustram sua obra.

Figura 12-Fac-símile da Prancha I de *Mimographie* com os caracteres de movimento

Caractères indicatifs du mouvement. P.L.					
<i>Mouvement Simples</i>	<i>Courbes</i>	<i>Circulaires, Obligatoires</i>	<i>D</i>		
<i>De gauche à droite</i> ☎	◎ ou ↗	◎ ou ↘	◎ ou ↖		
<i>De droite à gauche</i> ☐	◎ ou ↙	◎ ou ↛	◎ ou ↚		
<i>De bas en haut</i> ... ☞	◎ ou ↕	◎ ou ↕	◎ ou ↕		
<i>De haut en bas</i> ... ☜	◎ ou ↖	◎ ou ↖	◎ ou ↖		
<i>En avant</i> ☠	◎ ou +	◎ ou +	◎ ou +		
<i>En arrière</i> ☡	◎ ou +	◎ ou +	◎ ou +		
<i>Mouvements de contraction</i> ☃		<i>Mouvements onduleux</i> ☃			
<i>d'extension</i> ☃		<i>serpentans</i> ☃			
<i>propres</i> (a) ☃ ☃ ☃		<i>de progression</i> ☃ ☃ ☃			
(b) ☃ ☃ ☃		<i>de tremblement</i> ☃			
Accens modificatifs du mouvement.					
<i>Ces accens se placent sur les signes du mouvement pour indiquer : il est</i>					
<i>lent w, bref ... ; v, léger ou faible v, succédif z</i>					
<i>vif ~, prolongé ~; fort ou puissant ^; multiplié ~.</i>					
<i>Accens imités des caractères du mouvement et se placent sur le</i>					
<i>Signe de l'organe, pour en indiquer.</i>					

Fonte: Site Alchetron. Disponível em: <<https://alchetron.com/Roch-Ambroise-Auguste-B%C3%A9bian>>.

¹² Los caracteres se presentan en la transcripción según el siguiente orden: caracteres del órgano que articula – caracteres del movimiento – caracteres de la expresión. Estos últimos no son de aparición obligatoria (pues la transcripción de muchas señas no los requiere). Tradução minha.

Figura 13-Fac-símile da Prancha II de *Mimographie* para configurações de mão, partes do rosto e do corpo e símbolos de expressões faciais

Caractères de la Main.				Caractères des diverses parties de la Tête et du Corps.		Points Physionomiques.	
1	2	3	4	5	6	7	Pl.

Fonte: Site Cultura Sorda. Disponível em: <<http://www.cultura-sorda.org/vuelta-a-un-hito-historico-de-la-linguistica-de-las-lenguas-de-senas-las-huellas-de-la-mimographie-bebian-1825-en-el-sistema-de-transcripcion-de-las-senas-de-william-c-stokoe/>>.

A obra de linguística da Língua de Sinais Francesa-LSF, de Bébian, é precursora na elaboração e proposição de um sistema de escrita para LS e influenciou o linguista norte-

americano William C. Stokoe, na década de 1960. Este propôs uma notação da ASL (Figura 14). O sistema criado por Stokoe não foi elaborado com a intenção de servir ao uso corrente de uma escrita para surdos, mas sim de atender a propósitos particulares, científicos, nos estudos das línguas de sinais. Nesse aspecto seus estudos servem de referência para pesquisadores da área.

No seu sistema, a notação dos sinais utiliza uma orientação horizontal, em ordem linear da esquerda para a direita, semelhante à de Bébian, organizada estruturalmente em: posição, configuração e movimento, mas, segundo ele, substituídos por “termos mais convenientes” (STOKOE, [1960] 2005, p. 20) como *tabula*, *designator* e *signation* (abreviados em: tab, des e sig). A notação usa a perspectiva do sinalizante.

A notação é caracterizada pelo uso de letras do alfabeto latino e numerais indo-árabicos para as configurações de mão (tomando como base as que são utilizadas na ALS para os tais caracteres), além de outros símbolos criados para partes do corpo do sinalizante, para os movimentos (distinguindo os tipos de contato, direção, velocidade etc), diacríticos e de significação sintática.

Figura 14-Notação de configuração de mãos de Stokoe

	A	Punho fechado		I	Como "I"
	•A	Punho fechado, polegar estendido		K	Como "K"
	B	Mão plana		3	Como "3"
	•B	Como "B" mas dedos curvos		R	Como "R"
	5	Dedos estendidos como "5"		V	Como "V"
	C	Mão curvada como "C"		W	Como "W"
	E	Mão contraída		X	Índice curvo
	F	Como "F"		Y	Mínimo e indicador estendidos
	G	Indicador aponta		8	Médio e polegar em contato
	H	Indicador e médio apontam (antiga forma do "H")			

Fonte:<<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificas/escritaDeSinais/escritadeSinaisI/scos/cap15515/12.html>>

Em 1974 foi criado o sistema Sutton *SignWriting*, mas falarei detalhadamente sobre ele no ítem 3.1.

Na Alemanha, uma década depois, em 1984, foi criada a primeira versão do *Hamburg Notation System for Sign Languages* (HamNoSys) e publicada por Prillwitz et al, em 1987. O sistema foi projetado para ser empregado em vários contextos, objetivando ser usado internacionalmente, ter iconicidade, economia, integração com ferramentas padronizadas de computador, sintaxe formal e extensibilidade sistêmica (HANKE, 2004).

A estrutura básica da notação é composta pela configuração de mão inicial, incluindo a orientação da palma e sua locação, seguida da ação. A escrita tem orientação horizontal, arrumado de modo linear da esquerda para direita. Especificações de recursos e ações não-manuais são opcionais e podem preceder a estrutura básica. Para sinais pronunciados com as duas mãos, a notação da postura inicial pode ser precedida por um operador de simetria que define como a descrição da mão dominante copia a mão não dominante, se for o caso de assimetria entre as mãos, suas configurações ou locações e ações são descritas separadamente.

Para grafar a notação foram criados caracteres icônicos para as mãos, cabeça e suas partes, tronco e braços para facilitar a memorização, num total de 210 caracteres. Os numerais de 1 a 5 indicam os dedos iniciando do polegar. Setas são usadas para descrever os movimentos. Traços e pontos são usados como diacríticos. Caracteres comuns de pontuação têm a mesmas funções neste sistema (Figura 15).

Figura 15-Exemplo de glifos do HamNoSys



Fonte: <<https://aslfont.github.io/Symbol-Font-For-ASL/ways-to-write.html>>. Acessada em: 07/11/2018.

No ano de 1987, um linguista chamado Don Newkirk desenvolveu um sistema de escrita para a ASL chamado SignFont, no *Salk Institute for Biological Studies*, na Califórnia, e publicou o *SignFont Handbook*.

A orientação da escrita é horizontal, ordenada de forma linear da esquerda para a direita. Cada sinal é escrito nesta ordem: configuração de mão, ponto de articulação, configuração de mão não dominante, ponto de articulação não dominante, locação, locação não dominante, movimentos. Os símbolos são parcialmente icônicos na representação de partes do corpo (Figura 16). Um conjunto de símbolos menores é usado às vezes como sinais diacríticos, fornecendo especificidade adicional para o símbolo anterior em tamanho usual. Na maior parte, cada símbolo de tamanho maior representa uma única configuração de mão, locação, movimento ou marcas não manuais. Não se adequa a todas as línguas de sinais (HOLLOWAY, s/d).

Muito pouco sobre o livro, ou o sistema de escrita, está disponível online. O autor tinha um site que documentava seu trabalho, mas foi retirado da rede em 2002 (conf. ASLFONT, 2013).

Figura 16-SignFont



Fonte: <<https://aslfont.github.io/Symbol-Font-For-ASL/ways-to-write.html>>. Acessado em 07/11/2018

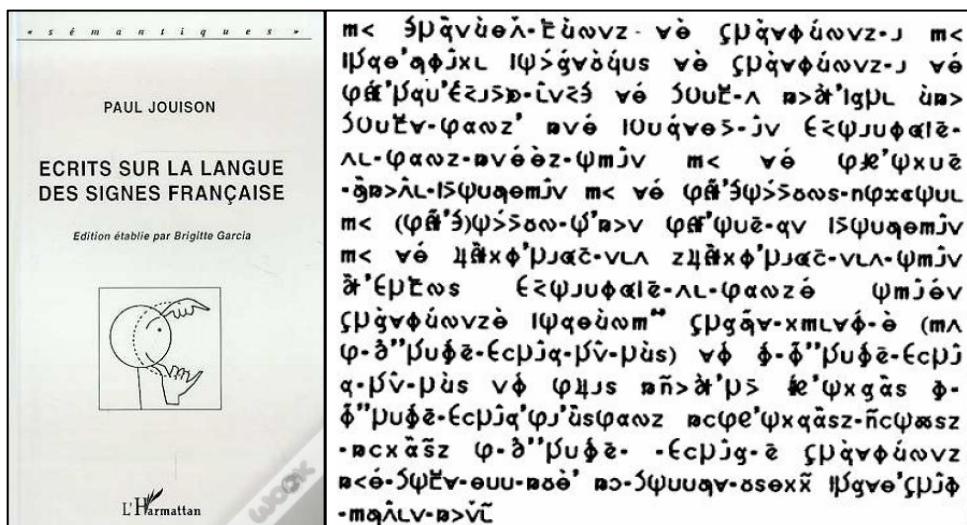
O Sistema D`Sign, de Paul Jouison, criado em 1990, é um sistema muito complexo. Lamentavelmente seu criador faleceu antes de poder explicar completamente sua forma de escrita. Segundo Brigitte Garcia, que o recuperou e escreveu uma tese sobre a pesquisa linguística da LSF incluindo o trabalho de Jouison, sua proposta de representação escrita não é uma simples notação de termos isolados, mas visa ser uma autêntica escrita. Em 1995, Garcia editou e publicou a obra *Ecrits sur la langue de signes française* [Escritos sobre a língua de

sinais francesa], cuja autoria é atribuída a Jouison (Figura 17).

O autor dá exemplos de frases sinalizadas inteiramente transcritas em D`Sign. Ele trabalhou sobre longas sequências de discursos sinalizados espontaneamente em vídeo, e descobriu as unidades constitutivas da LSF.

A orientação da escrita é horizontal, organizado do modo linear da esquerda para a direita. O alfabeto é próprio, mas também usa algumas letras do alfabeto latino.

Figura 17-Livro de Jouison e fragmento de texto em D`Sign



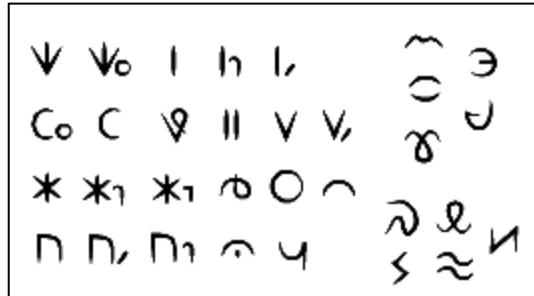
Fonte: <<https://www.wook.pt/livro/ecrits-sur-la-langue-des-signes-francaise-paul-jouison/7815404>> e
<<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/escritaDeSinaisI/scos/cap15515/14.html>>. Acessado em 22/03/2019

Samuel Supalla, um linguista surdo, começou a trabalhar em um sistema simplificado para escrever ASL nos anos 1990. Supalla baseou-se no sistema SignFont, de Don Newkirk, e passou a trabalhar com a Sociedade Cultural Canadense de Surdos para lançar um dicionário¹³ de LS para crianças usando seu sistema de escrita, que ele chamou de *ASL-phabet* (Figura 18).

O ASLphabet foi projetado para ensinar crianças, acompanhado de um dicionário, e usa um conjunto muito pequeno de símbolos. Não inclui recursos não-manuais e não se destina a ser usado para escrever frases completas. Composto apenas por 22 configurações de mão, 5 locações e 5 tipos de movimento. A orientação da escrita é linear, da esquerda para a direita. Cada sinal é escrito nesta ordem: configuração de mão, locação e movimento.

¹³ O dicionário pode ser acessado em <http://www.asl-phabet.com/home.html> Acessado em

Figura 18-ASLphabet



Fonte:<<https://aslfont.github.io/Symbol-Font-For-ASL/ways-to-write.html>>. Acessado em 07/11/2018

O sistema Ferreira Brito-Langevin de transcrição de sinais surgiu em 1995, na publicação da obra *Por uma gramática de línguas de sinais*, como “um sistema de notação provisório (...) equivalente aos alfabetos fonéticos de línguas orais” (FERREIRA, 2010, p. 213), fundamentado na topologia, ramo da geometria, por causa da modalidade da Libras.

O sistema é composto por caracteres latinos maiúsculos e minúsculos, numerais, caracteres não alfanuméricos e alguns símbolos como setas, círculos e traços.

A transcrição dos sinais começa sempre pela mão dominante (convencionada como sendo à direita), seguida do ponto de articulação, do movimento (incluindo a orientação do mesmo, a orientação da palma da mão, a frequência e a velocidade) e expressões não-manais. A orientação é horizontal, da direita para a esquerda (Figura 19).

Figura 19-Sistema Ferreira Brito-Langevin



Fonte 2: Foto feita pelo autor da p. 237, do livro *Por uma gramática de línguas de sinais*.

A Notação de Gestemas¹⁴ da LSF de François-Xavier Nève, elaborada na Universidade de Liège, Bélgica, no ano de 1996, também é baseada no sistema de Stokoe, porém com características particulares (Figura 20).

O sistema de notação elaborado por Nève, utiliza-se de códigos que possibilitam uma numeração e uma organização não linear informatizada dos signos utilizando caracteres ASCII. Orientada verticalmente em colunas de cima para baixo, o sistema usa letras do alfabeto latino, números e caracteres não alfanuméricos. Quando somente a mão dominante sinaliza é utilizada apenas uma coluna. Quando ambas as mãos sinalizam são utilizadas duas colunas.

Os sinais são anotados na seguinte ordem: configuração de mão, locação, orientação e ação (NÈVE, 1996, p. 54).

Figura 20-Gestemas de François-Xavier Nève

<i>danser</i> <hr/> 2v β⊥ 0 0 >T v 23xD 23xD
signifie que le signe ‘danser’ se décompose ainsi : CO = main dominante en forme de 2, soit ‘poing fermé, index et majeur tendus écartés’, index et majeur dirigés vers le bas ; autre main en forme de moufle, soit ‘tendue, index, majeur, annulaire et auriculaire tendus joints, pouce écarté à plat’, index, majeur, annulaire et auriculaire dirigés vers l’avant LO = devant la poitrine ORI = paume de la main dominante orientée vers le côté (droit pour la main droite, gauche pour la main gauche), puis vers soi ; paume de l’autre main orientée vers le bas ACT = index et majeur de la main dominante touchent le dos de l’autre main, deux fois

Fonte:

https://books.google.com.br/books?id=ye4OfQobKQAC&pg=PA350&lpg=PA350&dq=Fran%C3%A7ois+Xavier+Neve+sur+LSF&source=bl&ots=-qDTP44gJQ&sig=ACfU3U0qwL0o6AXPKWB55ejCnKIHBc1eLg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjr-evh_qDhAhXRIBkGHQtBAUQ6AEwBXoECAgQAQ#v=onepage&q=Fra

Acessado em 07/11/2018

O sistema ASL Orthography, de 1997, foi invenção de Travis Low, programador de computador e estudante de ASL, que documentou suas ideias inacabadas para um sistema de escrita para ASL que usaria apenas caracteres ASCII. Os símbolos usados na ASL Orthography são letras maiúsculas e números que representam configurações de mão e podem ser

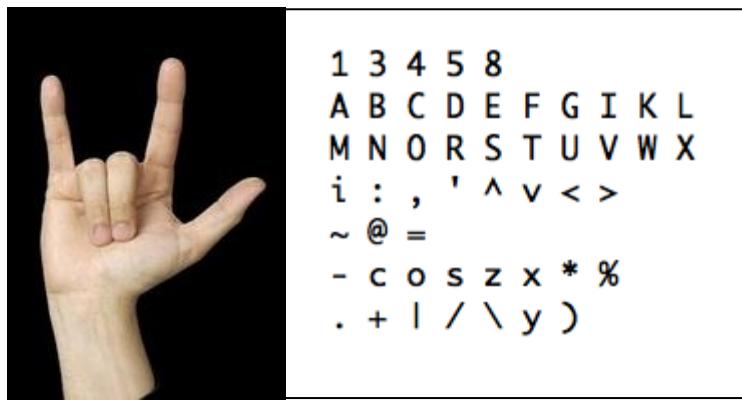
¹⁴ Terminologia criada por Nève como equivalente a fonema.

combinadas para formar novas configurações, ou seja, aquelas que diferem das usadas para representar números e alfabeto. (Por exemplo, a configuração para dizer I-Love-You é escrita IL (Figura 21).

A orientação da escrita é horizontal, da esquerda para a direita, com a seguinte ordem linear para a mão dominante: tipo de localização (cabeça ou corpo), orientação, configuração de mão, qualidade, localização, movimento.

Para a mão não dominante, a ordem de escrita dos símbolos é a seguinte: tipo de localização, localização, orientação, qualidade, movimento (conf. ASLFONT, 2013).

Figura 21-Configuração para I-LOVE-YOU e ASL Orthography



Fonte: <<http://mundodosilencio.blogspot.com/2008/12/sinal-de-eu-te-amo.html>> e <<https://aslfont.github.io/Symbol-Font-For-ASL/ways-to-write.html>>

O SMYLE, Signographie Manuscrite YaelLE, foi criado em 1997 por Maryline Pierrat-Frappé (Yaelle). “O SMYLE baseia-se na observação do sinal e do sinalizante: traços para as configurações, curvas ou linhas retas para os movimentos, círculos para a altura, figuras geométricas simples para as expressões faciais”¹⁵ (PIERRAT-FRAPPÉ, 2012).

Os caracteres são denominados *signogrammes* (signogramas). A intensão é representar a escrita de diversas línguas de sinais (PIERRAT-FRAPPÉ, 2016). Infelizmente, há pouquíssima informação disponível sobre o sistema.

A perspectiva de escrita é a do receptor e pode ter direção horizontal ou vertical ao nível do texto. Os signogramas transparecem iconicidade espacial na representação ao nível dos sinais/palavras, ou seja, são combinados de modo aglomerado (Figura 22). Alguns exemplos de configurações de mão podem ser vistos na figura 23.

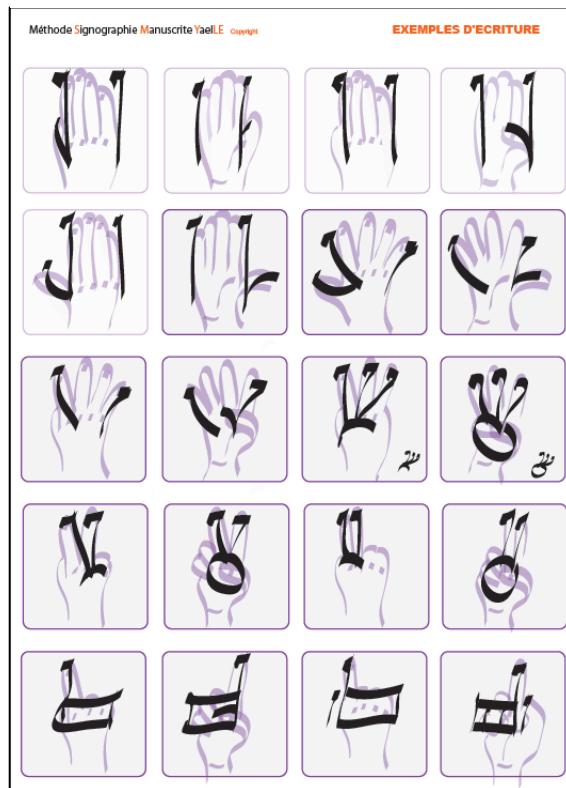
¹⁵ La SMYLE se base sur l’observation du signe et du Signant : des traits pour les configurations, des courbes ou des droites pour les mouvements, des ronds pour la hauteur, des figures géométriques simples pour les expressions du visage. Tradução minha.

Figura 22-Iconicidade espacial e linearidade na escrita SMYLE



Fonte: https://www.cqfd-formation.fr/pdf/CQFD_NR_LSF_ecriture.pdf

Figura 23-Exemplo de configurações de mão na escrita do SMYLE



Fonte: https://www.cqfd-formation.fr/pdf/CQFD_NR_LSF_ecriture.pdf

Em 1998, Mariângela Estelita Barros (2016, p. 205), criou um sistema de escrita das línguas de sinais que chamou de ELiS, durante a elaboração da dissertação de mestrado. Baseou-se na proposta de escrita alfabética e linear de Stokoe (BARROS, 2008, p. 6).

Sua pesquisa continuou no doutorado e “em janeiro de 2007, a ELiS passou por reformas propostas por um grupo de 22 surdos, alunos do curso de graduação em Letras/LIBRAS da UFSC” (Idem). Antes disso, em 2006, com a ajuda de Rosemeire Berniere, Barros (2008)

substituiu o parâmetro da configuração de mão pela configuração de dedos.

A noção de Configuração de Dedo como parâmetro é inovadora, portanto, coube um estudo a parte [...] Mas pode-se adiantar que as Configurações de Dedo são, na verdade, traços das Configurações de Mão. Elas indicam a posição de cada dedo em um dado Formato de Mão (BARROS, 2008, p. 27).

Essa decisão resolveu o problema de se criar várias formas gráficas para representar as inúmeras configurações de mão de todas as línguas de sinais. “Os visografemas da ELiS são organizados sobre uma estrutura fixa inalterável, que serve para qualquer tipo de sinal, a saber: Configuração de Dedos, Orientação da Palma, Ponto de Articulação e Movimento” (BARROS, 2008, p. 35 e 2016, p. 207). O último parâmetro inclui expressões não manuais e é omitido quando ausente no sinal (Figura 24). A escrita é sempre no sentido da esquerda para a direita e na perspectiva do sinalizante.

Barros (2008, pp. 35-36 e 2016, p. 207) também classifica os sinais em seis tipos conforme sua articulação manual: “monomanual, bimanual simétrico, bimanual assimétrico, bimanual quase simétrico, com mão de apoio e composto”. Ela estabelece grafemas diacríticos para esse e outros casos.

Figura 24-Parâmetros da ELiS e seus 95 visografemas

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Escrita_das_l%C3%ADnguas_de_sinais

Na Colômbia, em 2001, surgiu a Visagrafía para a língua de sinais colombiana-LSC. Um dicionário do sistema de escrita (Figura 25) foi elaborado no IdeAI-*Instituto de Audiología Integral*¹⁶, por Jaime Hernández Gutiérrez e pelos sinalizantes surdos José Fernando Duque Gallego, Edgar Eduardo Medina Vivas, Jorge Enrique Castro Cardona, na cidade de Pereira.

¹⁶ <https://www.ideai.org.co/>

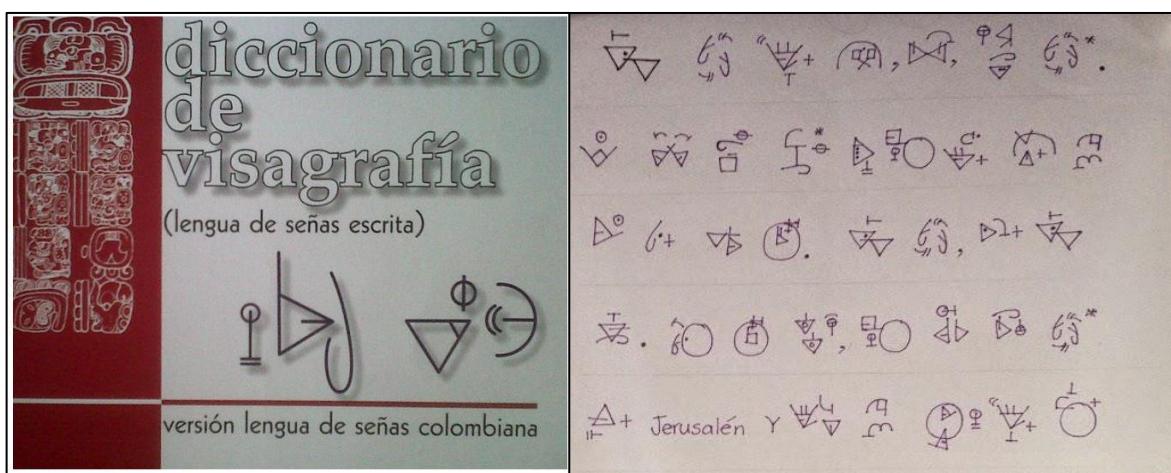
Na Visagrafia, são utilizados 15 grafemas básicos, os quais são a menor unidade da linguagem escrita, isto é, o grafema é a unidade básica para formar os ideogramas. Os grafemas podem representar partes do corpo ou indicadores de movimento¹⁷ (COLORADO & RUÍZ, 2010 p. 34).

Discordo da classificação da Visagrafia como ideográfica, pois um ideograma exprime a ideia ou palavra em símbolos gráficos, sem representar fonemas de uma língua, ou seja, seus menores componentes. Esse sistema representa unidades menores sem sentido e as combina para formar os sinais, logo, um sistema alfabetico fonético. A ausência de linguistas na equipe de pesquisadores pode ser o motivo do equívoco.

Os sinais isolados são escritos de modo não linear, uma aglomeração, representando iconicamente sua tridimensionalidade e na perspectiva do sinalizante. Porém, o texto tem uma disposição horizontal, como pode ser visto na figura 25. Os sinais de pontuação são os mesmos do espanhol. O uso de palavras escritas no alfabeto latino também ocorre.

O sistema está dividido em sete parâmetros fonológicos: configuração de mão, orientação da palma, local de articulação (parte do corpo onde um sinal é realizado), movimento, ponto de contato (referente a partes da mão dominante que tocam o corpo), plano (referente à distância do corpo em que se realiza um sinal, variando de 1 a 4) e o componente não manual que inclui expressões faciais e corporais além de expressões orais (conf. COLORADO & RUÍZ, 2010 p. 31).

Figura 25-*Diccionario de visagrafia (lengua de señas escrita)*, capa do livro e fragmento de texto



Fonte: <http://aprendevisagrafia.blogspot.com/>

¹⁷ En la Visagrafia se utilizan 15 grafemas básicos, dichos grafemas son la unidad más pequeña del lenguaje escrito, es decir, el grafema es la unidad básica para formar los ideogramas. Los grafemas pueden representar partes del cuerpo o indicadores de movimientos.

Robert Arnold Augustus, um linguista surdo, criou, em novembro de 2003, inspirado em SW, um sistema projetado especificamente para escrever ASL, o si5s, que também foi objeto de sua dissertação de mestrado: *Uma proposta de sistema escrito para a ASL*¹⁸, na Universidade Gallaudet, em 2007. Ele só apresentou oficialmente o si5s em julho de 2010, na *Deaf Nation World Expo*, em Las Vegas.

Ela escreveu um manual com Elsie Ritchie e Susanne Stecker, *The Oficial American Sign Language Writing Textbook* [Livro oficial de escrita da língua de sinais americana], para auxiliar na aprendizagem do sistema de escrita (Figura 26). Uma apresentação em vídeo do si5s, proferida em ASL, com Augustus, está disponível no YouTube¹⁹

O alfabeto criado por Augustus é chamado de *digibet* (digibeto) e as configurações de mão escritas são chamadas de *digits* (dígitos). Formado por 80 caracteres, o sistema incluiu símbolos para que recursos não manuais sejam expressos em forma escrita. O si5s foi projetado para ser escrito à mão, mas uma fonte *truetype*²⁰ está disponível para computador.

Os componentes de escrita do sinal são os seguintes: dígito, locativo de orientação e diacrítico, linha de movimento e ponto final, marca de locativo (ponto de articulação), marcas de sinal não-manual, marcas reservadas (logográficas²¹). Nem todos os caracteres aparecem ao mesmo tempo na escrita de um sinal. O sistema valoriza e registra a tridimensionalidade da ASL dispondendo os caracteres em aglomerados e registrados na perspectiva do sinalizante.

Não há um conjunto específico de setas de movimento, portanto, qualquer movimento arbitrário pode ser desenhado colocando os marcadores finais apropriados de forma livre. Símbolos e linhas são organizados para formar uma imagem de cada signo, e os sinais são organizados da esquerda para a direita, na horizontal.

¹⁸ A Proposal of the Written System for ASL.

¹⁹ Vídeo de apresentação do si5s disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vxrNAIdCr3s>

²⁰ Site onde se pode baixar a fonte si5s: <http://2ttf.com/cjCMO770>

²¹ Pelo que se sabe, não há diferença conceitual consistente entre logograma e ideograma, parecendo tratarem-se de sinônimos.

Figura 26-Manual e alfabeto si5s



Fonte:<<https://aslfont.github.io/Symbol-Font-For-ASL/ways-to-write.html>> e <<https://deafinprison.com/2015/01/14/si5s-provides-the-ability-to-write-in-asl/>>

Em 2005, um linguista chamado David J. Peterson²² desenvolveu um sistema para escrever línguas de sinais hipotéticas ou reais. Ele a chamou de *SLIPA-Sign Language International Phonetic Alphabet* (Figura 27) baseado no alfabeto fonético internacional. Peterson também afirma: “projetei o SLIPA como um IPA. Como tal, é principalmente destinado à transcrição. Eu não acho que o SLIPA seja uma boa ortografia ou romanização para uma língua de sinais”²³ (PETERSON, s/d, cap. XIII A).

O SLIPA usa o alfabeto latino, numerais e diacríticos. A ordem de aparição dos parâmetros é: locação ou ponto de articulação, configuração de mão e movimento. Orientação da palma e expressões não manuais são marcadas com diacríticos. Ele é escrito horizontalmente da esquerda para a direita.

²² O linguista David J. Peterson também é o criador da língua Dothraki para a série de TV *Game of Thrones*.

²³ I designed SLIPA to be an IPA. As such, it's primarily intended for transcription. I don't think SLIPA is a good orthography or romanization for a signed language. Tradução minha.

Figura 27-SLIPA

a	b	c	d	e	f	g	w	x	y	z
3	4	5	6	7	8	A	B	B	C	Ć
Č	Ć	D	Đ	Đ	E	Ë	Ê	F	Ƒ	G
I	Ï	K	L	M	Ḿ	N	Ñ	O	Ó	P
ꝝ	R	ꝝ	S	ꝝ	ꝝ	T	ꝝ	P	U	
Ü	Û	V	W	Ẅ	Ẅ	X	Y	Ŷ	Ŷ	
()	[]	{	}	<	>	/	\	+
ˇ	^	=	-							

Fonte:<<https://aslfont.github.io/Symbol-Font-For-ASL/ways-to-write.html>>.

Em 2009, Thomas Stone, um programador de computador e aluno da ASL, desenvolveu um sistema para escrever ASL, o ASL Sign Jotting (Figura 28). O criador escreveu em seu blog que ASLSJ “é (...) minha forma de escrita da Língua de Sinais Americana - que foi feita apenas por mim, para mim e sem o envolvimento de surdos”²⁴ (STONE, 2009). O sistema foi projetado para que ele conseguisse, enquanto aprendia, anotar o novo vocabulário encontrado em vídeos de ASL.

Ele é escrito da esquerda para a direita e cada “sílaba” do sinal é escrito em uma ordem.

O ASLSJ divide as palavras da ASL em um padrão sequencial para a escrita. Essas sílabas estão em dois grupos separados por um hífen. Antes do hífen é o posicionamento inicial da mão. Depois do hífen é o movimento e possivelmente o posicionamento da mão de destino²⁵ (STONE, s/d, *How It Works*)

O conjunto de símbolos é limitado a letras do alfabeto latino e numerais para que o sistema possa ser usado em qualquer teclado. Os caracteres podem ter diferentes significados, dependendo da ordem em que aparecem.

Figura 28-Caracteres do ASLSJ

3	4	6	7	8	9
A	B	C	D	E	F
G	H	I	J	K	L
M	N	O	P	Q	R
S	T	U	V	W	X
Y	Z				

Fonte 3: <https://aslfont.github.io/Symbol-Font-For-ASL/ways-to-write.html>

²⁴ Is (...) my form of written American Sign Language - which was made only by me, for me, and without any actual Deaf person's involvement. Tradução minha.

²⁵ ASLSJ breaks ASL words into a sequential pattern for writing. These syllables are in two groups separated by a hyphen. Before the hyphen is the initial hand placement. After the hyphen is the movement and possibly the destination hand placement. Tradução minha.

A escrita SEL - sistema de escrita para línguas de sinais foi desenvolvido especialmente para a Libras, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em projeto de pesquisa, pela professora Adriana S. C. Lessa-de-Oliveira, em 2009, a partir da notação criado por Stokoe. O sistema pode ser usado para representar outras línguas de sinais se sofrer algumas adaptações segundo Lessa-de-Oliveira (2018). Desde 2011, o sistema vem passando por atualizações até a última versão em 2017 (Figura 29).

A autora afirma que conseguiu “elaborar uma versão do sistema capaz de representar, com precisão, um signo de articulação tridimensional de forma linear” (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012, p. 165). Não só os sinais são escritos de modo horizontal linear, como também as frases e na perspectiva do sinalizante. A tridimensionalidade é expressa pelo acréscimo de diacríticos, dispensando qualquer iconicidade espacial na distribuição dos caracteres que formam os sinais.

A ordem arbitrária de realização do sinal é “mão>locação>movimento; e dentro do macro segmento MÃO temos a ordem: configuração de mão>eixo” (2012, p. 175). O diacrítico de expressão facial fica ao lado da configuração de mão quando não houver marca de locação (2018).

A análise do nível fonológico da Libras levou a pesquisadora a determinar quatro níveis de segmentação articulatória. No 1º, estariam os parâmetros que “correspondem ao nível de segmentação do sinal em que podemos encontrar as menores unidades classificáveis, agrupáveis” (2012, pp. 155 e 156). Ela também conclui que

O 2º nível de segmentação articulatória em línguas gestovisuais se constitui de três elementos de naturezas distintas, aos quais denominamos macrossegmentos, são eles: Mão (M), Locação (L) e Movimento (Mov.). Esses macrossegmentos se formam a partir da combinação de traços intrinsecamente relacionados. Esses traços são os parâmetros, entre os quais listamos os já mencionados na literatura – configuração de mão, movimento, ponto de articulação (ou locação), orientação do movimento, orientação da palma e expressão facial – e outros descobertos durante nossas análises como: os três eixos de posição da mão, os três planos de realização do movimento, os movimentos de dedo e os pontos de toque [...]. O 3º nível articulatório se constitui de unidades formadas pela junção dos três macrossegmentos acima, as quais denominamos unidades MLMov. A junção dessas unidades MLMov forma o 4º nível (2012, p. 156).

Um sistema não logográfico próprio foi criado para ser escrito à mão ou por computador, pelo Editor SEL, por uma fonte *truetype*. Lessa-de-Oliveira diz que “pelo fato de o sistema SEL apresentar caracteres e diacríticos que representam os parâmetros, que são traços distintivos em nossa análise, classificamos este como um sistema tráxico e não alfabetico”

(2012, p. 175).

O sistema conta com “apenas 52 caracteres de configurações de mão, nas formas minúscula e maiúscula” (2012, p. 167), 5 caracteres para eixo e a orientação da palma (2018), 27 caracteres para representar 32 pontos de articulação do corpo, no macro segmento locação (2012, p. 170), 42 caracteres para o macro segmento movimento que podem ser combinados com diacríticos e girados (pp. 171 e 172), 5 caracteres para os dedos que podem ser combinados entre si e 11 diacríticos para movimento dos dedos (pp. 172 e 173), 11diacríticos para marcação de pontos de toque (p. 173) e 20 diacríticos de expressões faciais (p. 174).

Figura 29-Pontos de articulação/locação e algumas configurações de mão do SEL

	Configurações de mão		minúsculas	maiúsculas
1	a		à	À
2	bê		ã	Ã
3	bê-espriado		ã	Ã
4	cê		ç	Ç
5	cê-espriado		ç	Ç
6	cê-encolhido		ç	Ç
7	dê		đ	Đ
8	dê-encolhido		đ	Đ
9	e		é	É
10	efe		é	É

Fonte 4: <http://sel-libras.blogspot.com/>

Donald A. Grushkin, um professor surdo, desenvolveu, em 2010, um sistema simplificado para escrever o ASL chamado SignScript (Figura 30).

Aproveitando o trabalho de Supalla, eu desenvolvi um conjunto similarmente único de símbolos representando configuração da mão, orientação, localização, morfemas não-manuais e de movimento a serem organizados horizontalmente de uma maneira semelhante àquela do inglês e de outras ortografias, que tenho chamado SignScript²⁶ (GRUSHKIN, 2017, p. 518).

O criador explica o sistema em ASL, em uma curta série de vídeos no YouTube²⁷. O

²⁶ Drawing upon Supalla’s work, I have developed a similarly unique set of symbols representing handshape, orientation, location, movement, and nonmanual morphemes to be arranged horizontally in a manner similar to those of English and other orthographies, which I have named SignScript. Tradução minha.

²⁷ Vídeo introdutório do SignScript pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=i17plaVSGWM&t=48s>

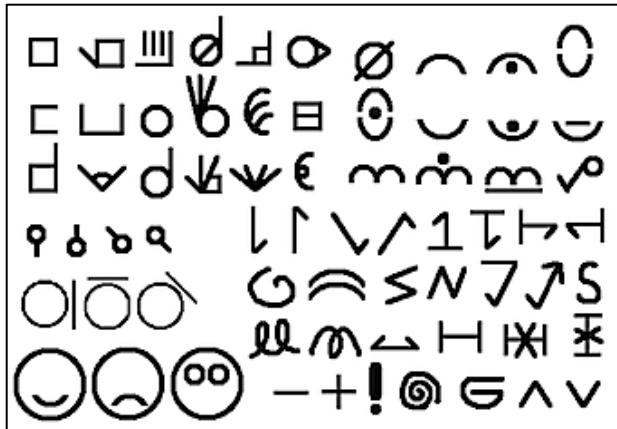
sistema alfabético criado por Grushkin representa muitas configurações de mão com poucos caracteres, o que torna o sistema impreciso, em minha opinião, pois dificulta a leitura precisa das configurações de mãos distintas que têm a mesma base.

Pouca informação a respeito do SignScript está disponível e a que eu encontrei dá conta de que:

Existem 46 configurações de mão, 12 locações, 29 símbolos representando informação não manual e 39 símbolos relacionados ao movimento. Existem também 5 orientações de palma; quatro têm símbolos e a quinta (a orientação padrão da palma da mão) não é escrita²⁸ (ASLFONT, 2013).

De modo geral, os símbolos são organizados nesta ordem: configuração de mão e sua orientação, localização, tipo de contato (quando houver) e movimento (quando houver).

Figura 30-Alfabeto do SignScript



Fonte: <https://aslfont.github.io/Symbol-Font-For-ASL/ways-to-write.html#SignScript>

O ASLwrite (Figura 31) foi criado pelas surdas Adrean Clark e Julia Dameron, em 2011, a partir do alfabeto si5s, de Robert Arnold Augustus. Clarck revela o motivo pelo qual o ASLwrite se separou do si5s:

houve um desacordo entre mim e Robert Arnold sobre o livro *Como escrever a língua de sinais americana*, que acabou se tornando mais do que superficial ao longo do tempo. Essa experiência difícil cristalizou minha filosofia em relação à ASL escrita²⁹ (CLARK, 2015).

O alfabeto criado para escrever esse sistema também é chamado de *digibet* (digibeto) e

²⁸ These are some of the symbols used in SignScript. There are 46 handshapes, 12 locations, 29 symbols representing non-manual information, and 39 symbols related to movement. There are also 5 palm orientations; four have symbols and the fifth (the default palm orientation) is not written. Tradução minha.

²⁹ there was a disagreement between me and Robert Arnold over the book How to Write American Sign Language, which turned out to become more than just superficial over time. That difficult experience crystallized my philosophy towards written ASL. Tradução minha.

as configurações de mão que o compõe são chamadas de *digits* (dígitos). “Há no total 105 caracteres em ASLwrite, com 67 dígitos, 5 marcas diacríticas, 12 locativos, 16 marcas extra manuais e 5 marcas de movimento”³⁰ (CLARK & DAMERON, s/d). O sistema pode ser usado para outras línguas de sinais se forem acrescidos mais dígitos para configurações de mão que não existam em ASL, além de marcas e diacríticos para outros componentes fonológicos não contemplados.

Segundo as autoras, o “ASLwrite é um sistema somaquerográfico que significa que representa o corpo (grego: σῶμα *soma* 'corpo') e mãos (grego: χείρ *cheír* 'mão')”³¹ (CLARK & DAMERON, s/d). O sistema também incorpora grafemas logográficos herdados do si5s (Figura 32).

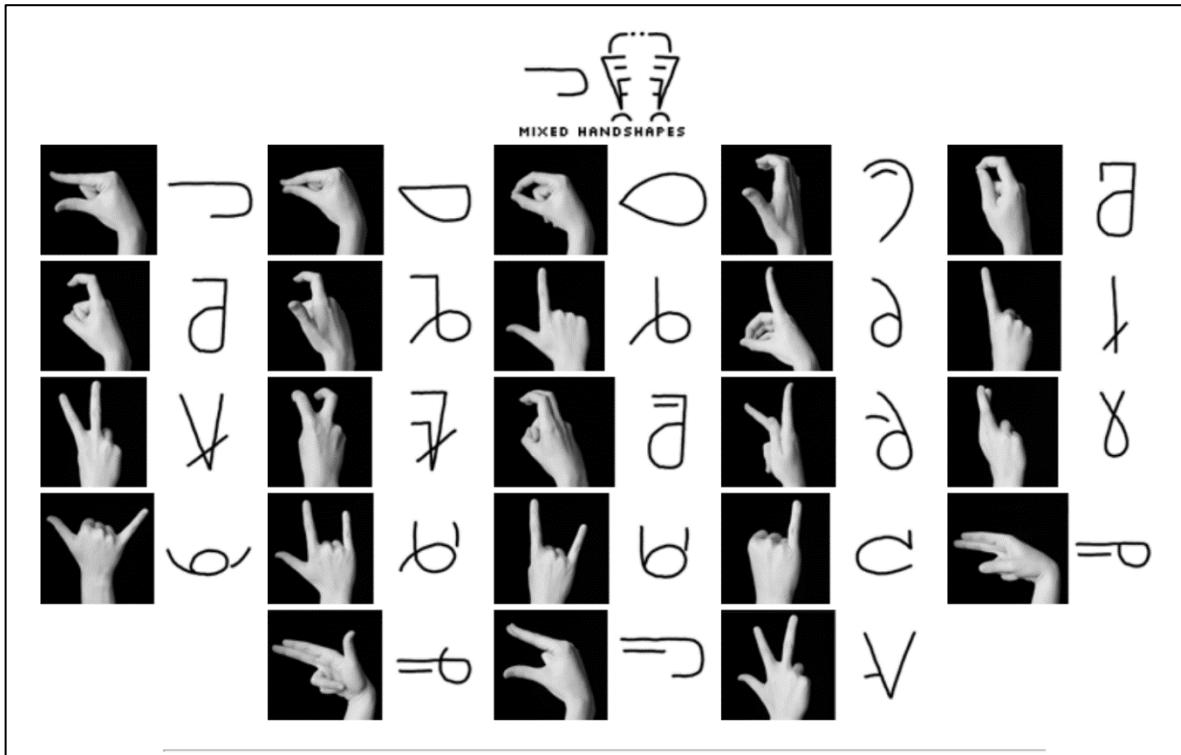
O princípio geral de escrita é da esquerda para a direita, de cima para baixo, registrando o sinal na seguinte ordem: expressão não manual, locação (ponto de articulação), configuração de mão, movimento e a orientação geral do sinal. A perspectiva de escrita dos sinais é a do sinalizante ou de perfil. Aspectos da tridimensionalidade transparecem na escrita dos sinais em forma de um aglomerado de caracteres que compõem um sinal.

Os sistemas si5s e ASLwrite são praticamente iguais. Algumas representações gráficas para as configurações de mão, os dígitos, diferem. O sistema ASLwrite tem um pouco mais de caracteres que o si5s. Isso permite diferenciar, por exemplo, configurações de mão que o si5s guarda sob um mesmo dígito.

³⁰ There are in total 105 characters in ASLwrite with 67 digits, five diacritic marks, twelve locatives, sixteen extramanual marks and five movement marks. Tradução minha.

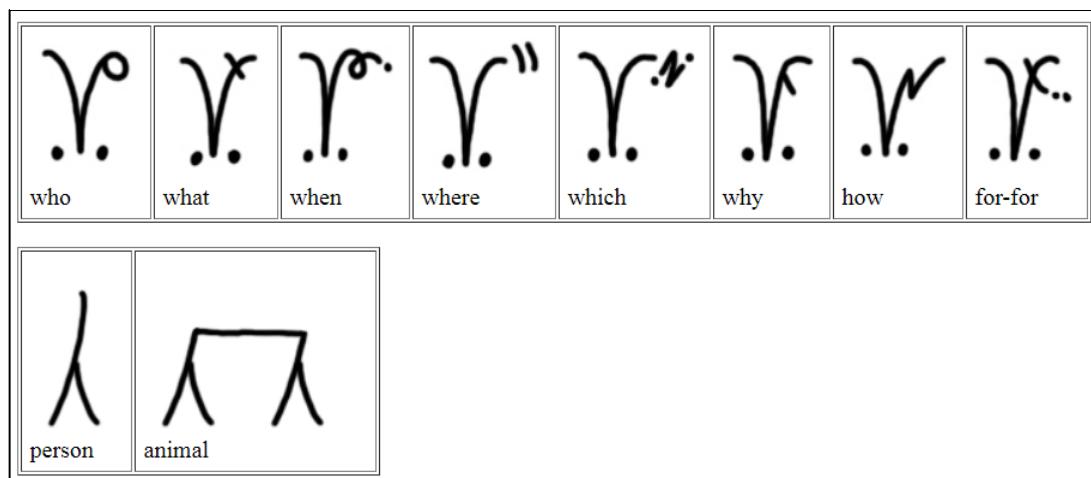
³¹ ASLwrite is a somacheirographic system meaning that it represents the body (Greek: σῶμα *sôma* 'body') and hands (Greek: χείρ *kheír* 'hand'). Tradução minha.

Figura 31-Algumas configurações de mão e seus respectivos dígitos



Fonte: <http://www.aslwrite.com/dict/>

Figura 32-Morfemas logográficos para partículas interrogativas, pessoa e animal



Fonte: <http://www.aslwrite.com/dict/other.html>

O *Symbol Font for ASL* foi criado em 2013 para escrever sinais usando um teclado comum de computador. Segundo o site de divulgação, “(...) é um projeto focado em um dos maiores obstáculos: o problema de como obter a ASL escrita online³²” (ASLFONT, 2013). Para

³² (...) is a project focused on one of the biggest hurdles: the problem of how to get written ASL online.
Tradução minha.

isso, criou-se uma fonte *truetype* de 95 caracteres que pode ser baixada (Figura 33).

A proposta é escrever linearmente os sinais, da esquerda para a direita, usando os 5 parâmetros das línguas de sinais combinados com diacríticos na seguinte ordem: expressões faciais (se forem necessárias), ponto de articulação, tipo de contato (se houver), orientação da palma (segundo a perspectiva do sinalizante e, algumas vezes, pode ser dispensada), configurações de mão e movimento.

No sistema, as configurações de mão, limitadas às da ASL, são representadas de forma pictográfica e outros grafemas específicos compõem o alfabeto.

Figura 33-Symbol Font for ASL



Fonte:https://fontstruct.com/fontstructions/show/790283/symbol_font_for_asl

Para finalizar a lista de sistemas de escrita, trago a criação de Claudio Alves Benassi, a VisoGrafia (Figura 34). Em 2016, a partir da mistura de SW e da ELiS, Benassi elaborou um novo sistema para as línguas de sinais.

A insatisfação com os sistemas que ele conhecia fica evidente em suas palavras:

Dada ao número excessivo de caracteres do SignWriting e o exacerbado detalhamento de sua grafia, o que o torna denso e pesado, e a abstração da ELiS, mesmo sendo esta considerada leve e prática, eu percebi em minha prática docente, que uma escrita de língua de sinais precisa ser ao mesmo tempo visual e possuir poucos caracteres (BENASSI, s/d).

O objetivo dele era criar um “visograma (alfabeto)” (BENASSI, 2018, p. 74) com um menor número de caracteres. Atualmente são 38 visogramas e 55 diacríticos.

Figura 34-Visograma (alfabeto) da VisoGrafia

Grupo	Subgrupo	Visografema	Representação
Configuração de dedo	Polegar	.	Polegar fechado
		↖	Polegar curvo
		()	Polegar estendido (móvel): verticalmente; - horizontalmente; ↖ "3D" e ↗ paralelo a palma.
	Demais dedos	.	Demais dedos fechados.
		↖	Demais dedos curvos.
		↖	Demais dedos semi-curvos.
		()	Demais dedos estendidos (móvel): verticalmente; ↖ "3D".
Orientação da palma	Não se aplica	■	Palma da mão para frente.
		□	Palma da mão para trás.
		▣	Móvel - ■ Palma da mão para medial; □ para distal; ▨ para cima; ▩ para baixo.
Locação	Cabeça	○	Cabeça (admite conjunto de diacríticos para a escrita dos pontos de articulação dessa região).
	Tronco		Móvel – . PESCOÇO.
		—	Linha dos ombros. Utilizada para delimitar o tronco. Abaixo dela as regiões do tórax e do abdômen são escritas dentro de um quadrado imaginário.
	Membros	L	Braço.
			Móvel – . Pernas.
		□	Palma da mão.
		■	Dorso da mão.
Movimento	De braço	↑	Para frente.
		↓	Para trás.
		↕	Para frente e para trás.
		↑	Móvel: ↑ – para cima; ↓ – para baixo; → – para direita; ← – para esquerda; ↗ – para cima a direita; ↙ – para cima a esquerda; ↘ – para baixo a direita; ↙ – para baixo a esquerda.
		↔	Móvel: ↔ – para cima e para baixo; ↔ – para esquerda e para a direita
		⟳	Móvel: ⟳ – para baixo; ⟲ – para cima; ⌂ – para esquerda; ⌃ – para direita.
		▷	Flexão ou extensão de braço.
		⟳	Circular vertical.
		⟳	Circular horizontal.
		⟳	Circular frontal.
	De dedos	☒	Abrir os dedos.
		☒	Fazer os dedos.
		☒	Abrir e fechar os dedos.
		☒	Flexão/extensão de dedos na primeira articulação.
		☒	Flexão/extensão de dedos na segunda articulação.
		☒	Separar/unir lateralmente os dedos.
		☒	Tamborilar os dedos.
	De punho	☒	Friccionar os dedos.
		☒	Dobrar o punho - móvel: ↗ – para cima; ↙ – para baixo; ↗ – para cima e para baixo.
		☒	Mover o punho lateralmente.
	De punho	☒	Girar o punho.
		☒	Girar o antebraço.
	Do antebraço	☒	

Fonte: BENASSI, s/d. Disponível em:
<https://www.visografia.com/estrutura/>

Benassi informa que a escrita dos sinalemas (termo usado pelo autor para grafemas) é linear, da esquerda para a direita, como é na ELiS, e “deve obedecer a seguinte ordem: I) locação; II) orientação da palma, III) configuração de dedos do polegar para o mínimo [...]; IV) movimentos e por último as expressões faciais e corporais” (BENASSI, s/d).

Os grafemas, contudo, ao nível do sinal, apresentam em sua distribuição certa iconicidade espacial e são escritos na perspectiva do sinalizante, em uma aglomeração, como no SW, desobedecendo à ordem preconizada, conforme a Figura 35. A não ser as datilologias que seguem, de fato, uma linearidade.

Figura 35-Sinalemas escritos na vertical ou aglomerados



Fonte: BENASSI, 2018, p. 78

O sistema de Cláudio Benassi é na verdade misto, do ponto de vista da orientação geral: no nível em que cada sinal é escrito, a composição é majoritariamente um aglomerado de glifos, e o sentido de leitura pode ser de cima para baixo ou o inverso, mas, no nível do texto, a direção é da esquerda para a direita e de cima para baixo.

Segundo Benassi, um editor de texto para a VisoGrafia, chamado de “Arranja Sinais” foi criado em parceria com Itacir Cabral. O programa ainda não está disponível para o público (BENASSI, 2018, p. 80).

Propositalmente não falei de glosas como alternativa de transcrição de línguas de sinais, ainda que tão utilizadas e difundidas como instrumento de análise nos estudos linguísticos de línguas de sinais pelo mundo, por discordância conceitual sobre o termo e a ineficácia do artifício em transparecer características indispensáveis das línguas de sinais, como sinais não-manaus e simultaneidade.

Nos estudos linguísticos abordando línguas orais, usam-se glosas para explicitar características de uma língua em estudo em contraste com a língua comum do pesquisador e do leitor. De modo geral, toma-se uma primeira sentença transcrita da língua pesquisada, sob a qual se escrevem as glosas (termos na língua de referência acompanhados de abreviaturas das

categorias relevantes para o estudo) e, abaixo dessa, escreve-se uma terceira linha com a tradução (conf. PIZZUTO; CHIARI & ROSSINI, 2010, p. 212).

Nos estudos linguísticos de línguas de sinais, o que ocorre comumente é a representação da sentença em sinais por legendas, chamadas de glosas, numa linha, e seguida da tradução. Ou seja, apenas duas sentenças em paralelo. Uma primeira linha com a sentença em Libras não aparece.

Segundo Pizzuto; Chiari & Rossini (2010, p. 212), houve uma assimilação do uso de glosas para línguas orais. “Começando com Klima & Bellugi (1979: 375-377; 379)³³, estas legendas de LO, convencionalmente postas em CAPITULARES, foram definidas como ‘glosas’”³⁴.

Os autores citados anteriormente chegam a conclusões plausíveis sobre os enunciados postos nessa forma com as quais concordo:

Esses enunciados não são transcritos nem postos em glosas - pelo menos não no sentido apropriado desses termos. Consequentemente, os termos “transcrição” e “glosa” parecem ser usados indevidamente em todas as pesquisas de LS que adotam essa forma de representação, que poderiam ser descritos, no máximo, como uma forma de “anotação” (Pizzuto; Chiari & Rossini, 2010, p. 213. Tradução do autor)³⁵.

Algumas vezes, fotos ou desenhos substituem a primeira sentença que seria escrita em Libras, mas assim mesmo o problema com as glosas permanece.

Quando alguém escreve uma legenda com o alfabeto latino para representar um sinal da Libras, não está escrevendo em Libras, está tomando emprestado um vocabulário de outra língua e seu alfabeto para representá-la.

No quadro comparativo a seguir, podemos observar as semelhanças e diferenças das características dos sistemas de escrita para LS aqui apresentados (Quadro 1). Os aspectos a serem considerados são: quanto ao criador dos sistema de escrita de LS, se é surdo ou ouvinte; quanto à finalidade, se o sistema serve apenas para notação científica ou foi elaborado como um sistema para uso corrente; quanto à aplicação, se é restrita a uma LS ou adaptável ao registro de várias LS; quanto ao registro, se é apenas manuscrito ou dispõe de fonte digital; quanto à origem dos caracteres utilizados, se são tomadas letras do alfabeto latino e numerais de origem

³³ KLIMA, Edward S., and BELLUGI, Ursula. 1979. *The signs of Language*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

³⁴ Beginning with Klima & Bellugi (1979: 375-377; 379) these VL labels, conventionally given in CAPITALS, have been defined “glosses”. Tradução minha.

³⁵ These utterances are neither transcribed nor glossed—at least not in the proper sense of these terms. As a consequence, the terms “transcription” and “gloss” appear to be used improperly in all SL research adopting this form of representation, which could be described at most as a form of “annotation”.

indo-arábicos, além de caracteres especiais como colchetes, parênteses, chaves etc, se os caracteres foram criados exclusivamente para o sistema ou são uma combinação entre exclusivos e já existentes; quanto à representação predominante do plano de expressão das LS pelos caracteres, se eles são pictográficos, ideográficos, uma aproximação fonética ou um misto destes; quanto ao número de caracteres que compõe o sistema; quanto à orientação da escrita no nível da palavra/sinal e do texto, se é orientada na direção horizontal ou vertical e se o sentido é, respectivamente, da esquerda para a direita e de cima para baixo ou um aglomerado de grafemas ou ainda uma combinação destes sentidos ou direções; quanto a representação dos 5 parâmetros fonológicos, a saber: configuração de mão, orientação da palma, locação e ponto de articulação, movimentos e expressões não-manais, se todos ou só parte deles são representados; e quanto à perspectiva da escrita, se é a do observador ou do próprio sinalizante.

Quadro 1-Quadro comparativo das características de sistemas de escrita para LS

Sistema	Condição do criador	Finalidade	Aplicação	Modo de registro	Perspectiva da escrita	Origem dos caracteres	Representação do plano de expressão	Número de caracteres	Orientação da escrita no nível do sinal/palavra	Orientação da escrita no nível do texto	Representação dos parâmetros
Mimographie	ouvi nte	notaçã o científica	restri ta	manual	sinalizant e	exclusiva	fonétic a	~190	horizon tal esq-dir	sem info	total
Notação de Stkoe	ouvi nte	notaçã o científico	restri ta	manual	sinalizant e	alfanumé rica	fonétic a	sem info	horizon tal esq-dir	horizon tal esq-dir	parcial
HamNoSys	sem info	notaçã o científico	adapt ável	fonte digital	receptor	exclusiva	fonétic a	210	horizon tal esq-dir	horizon tal esq-dir	total
SignFont	sem info	uso corrent e	restri ta	fonte digital	sem info	exclusiva	fonétic a	sem info	horizon tal esq-dir	sem info	sem info
D'Sign	ouvi nte	uso corrent e	restri ta	manual	sem info	combinaç ão (exclusiv a e alfabetica)	fonétic a	sem info	horizon tal esq-dir	horizon tal esq-dir	sem info
ASLphabet	surd o	notaçã o científico	restri ta	manual	sem info	exclusiva	fonétic a	32	horizon tal esq-dir	sem info	parcial
Notação de Ferreira Brito-Langevin	ouvi nte	notaçã o científico	adapt ável	fonte digital	sem info	alfanumé rica	fonétic a	sem info	horizon tal esq-dir	sem info	total
Notação de Gestemas	ouvi nte	notaçã o científico	restri ta	fonte digital	sem info	alfanumé rica	fonétic a	sem info	vertical cima-baixo	sem info	parcial
ASL Orthography	ouvi nte	uso corrent e	restri ta	fonte digital	sem info	alfanumé rica	fonétic a	sem info	horizon tal esq-dir	sem info	parcial
SMYLE	ouvi nte	uso corrent	restri ta	manual	receptor	exclusiva	fonétic a	sem info	aglome rado	sem info	total

		e									
ELiS	ouvi nte	uso corrent e	adapt ável	fonte digital	sinalizant e	exclusiva	fonétic a	95	horizon tal esq-dir	horizon tal esq-dir	total
Visagrafia	ouvi nte	uso corrent e	restri ta	manual	receptor	exclusiva	fonétic a	sem info	aglome rado	horizon tal esq-dir	total
si5s	surd o	uso corrent e	restri ta	fonte digital	sinalizant e	exclusiva	mista	80	aglome rado	horizon tal esq-dir	total
SLIPA	ouvi nte	notaçã o científica	adapt ável	fonte digital	sem info	alfanumé rica	fonétic a	sem info	horizon tal esq-dir	sem info	total
ASLSJ	ouvi nte	notaçã o científica	restri ta	fonte digital	sem info	alfanumé rica	fonétic a	sem info	horizon tal esq-dir	sem info	parcial
SEL	ouvi nte	uso corrent e	adapt ável	fonte digital	sinalizant e	combinaç ão (exclusiv a e alfabetica)	fonétic a	173	horizon tal esq-dir	horizon tal esq-dir	total
SignScript	surd o	uso corrent e	restri ta	sem info	sem info	exclusiva s	fonétic a	130	horizon tal esq-dir	sem info	parcial
ASLwrite	surd o	uso corrent e	adapt ável	manual	sinalizant e	exclusiva	mista	105	aglome rado	horizon tal esq-dir	total
Symbol Font for ASL	sem info	uso corrent e	restri ta	fonte digital	sinalizant e	exclusiva	pictóric a	95	horizon tal esq-dir	horizon tal esq-dir	total
VisoGrafia	ouvi nte	uso corrent e	adapt ável	fonte digital	sinalizant e	combinaç ão (2 exclusiva s)	fonétic a	93	aglome rado	horizon tal esq-dir	total

Fonte: o autor

Como é possível observar até agora neste capítulo, ao longo dos séculos XX e XXI, houve uma profícua criação de sistemas de escrita de LS, 11 (incluindo SW) e 9, respectivamente em cada século, impulsionada pela iniciativa pioneira de Bébian, no começo do século XIX.

A Mimographie, de Bébian, já trazia pioneiramente grafemas para representar os 5 parâmetros fonológicos da LSF, no início do século XIX. Estes parâmetros só foram plenamente definidos em meados do século XX nos estudos linguísticos de LS.

Dentre os sistemas listados na pesquisa, 4, notação de Ferreira Brito-Langevin, ELiS, SEL e VisoGrafia, ou seja 20%, foram elaborados por brasileiros.

O quadro comparativo das características de sistemas de escrita para LS, composto de 20 sistemas listados nesta pesquisa, nos permite cruzar dados sobre eles e chegar a algumas conclusões relevantes sobre as quais teço comentários a seguir.

Os criadores ou idealizadores dos sistemas de escrita de LS são, em sua maioria, ouvintes, compreendendo 13 pessoas, por tanto 65%, do total. Os surdos formam um grupo de 4 criadores, por tanto 20%. Em 3 sistemas, HamNoSys, SignFont e Symbol Font for ASL, ou

seja, 15%, não foi possível identificar se os criadores são surdos ou ouvintes.

A razão de tantos ouvintes terem sido os idealizadores de sistemas de escrita de LS se dá pelo fato de que, historicamente, a educação de surdos partiu de ouvintes sensíveis à situação de surdos fora da escola ou com pouco sucesso acadêmico e, até bem pouco tempo, as pesquisas linguísticas sobre LS eram principalmente iniciativa de ouvintes. Supalla, linguista surdo norte-americano, é o primeiro surdo da lista a propor um sistema de escrita para a ASL, o ASLphabet, no início dos anos 1990.

A autoria massiva de ouvintes de sistemas de escrita para LS não implica na ausência de surdos no processo de desenvolvimento e aprimoramento dos sistemas aqui listados. Como são, na maioria das vezes, iniciativas que envolvem pesquisa acadêmica e o público surdo intrinsecamente interessado, estes acabam sendo convidados a contribuir com os projetos de pesquisa, com exceção de Stone (2009) que afirma ter ciado o ASLSJ “sem o envolvimento de surdos”.

Em ralação a finalidade da criação de um sistema de escrita para LS, pode-se distinguir dois grupos: os que serviriam apenas resolver uma necessidade de grafia para estudo linguístico, com limitações para o uso prático, são para notação científica e os que foram elaborados para propiciar uma grafia de uso prático para uma ou mais LS são para uso corrente. Os próprios criadores definiram que uso dariam aos seus sistemas de acordo com seus propósitos.

No grupo de sistemas elaborados para notação científica há 8 sistemas: Mimographie, notação de Stokoe, HamNoSys, ASLphabet, notação de Ferreira Brito-Langevin, notação de Gestemas, SLIPA e ASLSJ, correspondendo a 40% do total.

No grupo de sistemas elaborados para uso corrente estão os outros 12 sistemas: SignFont, D'Sign, ASL Orthography, SMYLE, ELiS, Visagrafia, si5s, SEL, SignScript, ASLwrite, Symbol Font for ASL e VisoGrafia, correspondendo a 60% do total. Isto demonstra que há mais sistemas que foram criados com a intenção de prover uma escrita corrente para usuários de LS do que somente para uso científico acadêmico.

No quesito aplicação do sistema para registro de LS, há os que são de aplicação restrita a uma LS específica e os que são adaptáveis a várias LS. A restrição é escolha dos idealizadores dos sistemas de escrita quando criam um alfabeto cujos caracteres representam somente os parâmetros fonológicos de uma só LS, principalmente as configurações de mão desta. As configurações que as mãos tomam na composição dos sinais de uma LS são um dos parâmetros principais e notadamente o mais presente e básico nas LS.

Entre os sistemas de escrita para LS que apresentam restrições para representar os parâmetros de uma LS estão 13 sistemas, ou seja, 65%: Mimographie, D'Sign, notação de

Gestemas e SMYLE, criados para a LSF; a notação de Stokoe, SignFont, ASLphabet, ASL Orthography, si5s, ASLSJ, SignScript e Symbol Font for ASL, criados para representar a ASL; e a Visagrafía, criada para representar a LSC.

Os sistemas de escrita para LS listados nesta pesquisa que são adaptáveis a representação de LS variadas somam 7 sistemas, correspondendo a 35% do total. São eles: HamNoSys, notação de Ferreira Brito-Langevin, ELiS, SLIPA, SEL, ASLwrite e VisoGrafia. Esses sistemas são adaptáveis porque oferecem caracteres com ampla representação de parâmetros fonológicos, principalmente as configurações de mão, e flexibilidade para acréscimos de novos caracteres ou adaptação e/ou combinação dos já existentes com diacríticos ou outros glifos.

Relacionei os sistemas de escrita de LS a dois modos de registro da escrita: por meio manual e por fonte digital cujos caracteres estão disponíveis para serem digitados ou manipulados por um sistema eletrônico.

Entre os sistemas de escrita de LS cujo modo de grafia é apenas manual estão: Mimographie, notação de Stokoe, D'Sign, ASLphabet, SMYLE, Visagrafía e ASLwrite. Esses 7 sistemas equivalem a 35% do total listado. Mimographie é do início do século IXX, portanto sem tecnologia disponível. A notação de Stokoe, de 1960, está localizada no início da evolução dos computadores, portanto ainda sem tecnologia disponível para criação de uma fonte digital. Os outros sistemas, pelo que se supõe, encontram-se nesta situação por falta de acesso à tecnologia ou por não ter quem crie uma fonte digital a partir da fonte manual.

Os outros 12 sistemas de escrita de LS, 60% do total, que têm fonte digital são: HamNoSys, SignFont, notação de Ferreira Brito-Langevin, notação de Gestemas, ASL Orthography, ELiS, si5s, ASLSJ, SEL, Symbol Font for ASL e VisoGrafia. Não obstante poderem ser escritas à mão.

Ainda que haja informação suficiente sobre a existência de uma fonte digital para o SigScript, ele poderia ser incluído no grupo dos manuscritos.

O criador de um sistema de escrita para LS necessita decidir qual perspectiva dará à forma escrita da LS, se será a perspectiva do sinalizante, ou seja, a escrita reproduz o modo como o sinalizante vê sua própria sinalização, ou a do observador, ou seja, a escrita reproduz o modo como alguém vê o outro sinalizando. Esta escolha implica na forma como se registra a orientação da palma da mão e a lateralidade, se será espelhada ou será invertida.

Da lista, 8 sistemas de escrita de LS, o equivalente a 40% do total, revelam a escolha pela perspectiva do sinalizante: Mimographie, notação de Stokoe, ELiS, si5s, SEL, ASLwrite, Symbol Font for ASL e VisoGrafia.

Os que preferem claramente a perspectiva do observador são 3, ou seja 15% dos listados: HamNoSys, SMYLE e Visagrafía.

Sobre a perspectiva de escrita dos sinais dos outros 9 sistemas, somando 45% dos listados, não há informação suficiente que dê segurança para uma conclusão segura. Os quais são: SignFont, D'Sign, ASLphabet, notação de Ferreira Brito-Langevin, notação de Gestemas, ASL Orthography, SLIPA, ASLSJ e SignScript.

A escrita na perspectiva do observador exige que o escritor e o leitor imaginem a si mesmos ou outra pessoa realizando a sinalização a sua frente, uma vez que os lados direito e esquerdo estão invertidos no registro. A escrita na perspectiva do sinalizante exige do escritor e do leitor apenas que realizem a sinalização, uma vez que a lateralidade é preservada.

Os caracteres utilizados nos sistemas de escrita para LS podem ter origem em um alfabeto já existente tomado por empréstimo, podem ter sido criados exclusivamente para um sistema de escrita de LS ou serem uma combinação de exclusivos e já existentes.

Os sistemas que apresentam caracteres de origem exclusiva, ou seja, caracteres criados especificamente para eles, são 11: Mimographie, HamNoSys, SignFont, ASLphabet, SMYLE, ELiS, Visagrafía, si5s, SignScript, ASLwrite e Symbol Font for ASL. Compondo 55% dos sistemas pesquisados.

Arbitrariamente, desconsiderei o uso de caracteres especiais, de pontuação, como em Symbol Font for ASL por exemplo, ou a rara inserção de alguma palavra em alfabeto latino em um texto em LS, como em Visagrafía por exemplo. A gama de caracteres criados para estes sistemas supera em muito a aparição pontual dos caracteres tomados por empréstimo.

Dos alfabetos pesquisados, 6, ou seja, 30% deles, utilizam sistemas alfanuméricos de origem latina e indo arábicos para representar os sinais. Os quais são: a notação de Stokoe, notação de Ferreira Brito-Langevin, notação de Gestemas, ASL Orthography, SLIPA e ASLSJ.

A razão dessa escolha está na relação direta que se faz do alfabeto latino e dos numerais com suas respectivas representações por configurações de mão em cada LS, resultando em um processo mnemônico para os que conhecem a LS. Caracteres especiais e diacríticos também são usados nesses sistemas de escrita.

A notação de Stokoe serviu de modelo e é citada como referência por vários pesquisadores, mesmo por aqueles que optaram por um sistema com caracteres exclusivos.

Os sistemas de escrita de LS que utilizam combinações de caracteres de alfabetos diferentes são 3, ou seja, 15% dos listados. D'Sign e SEL combinam caracteres exclusivos com o alfabeto latino. VisoGrafia combina o sistema SW com ELiS.

Os alfabetos, por meio de seus caracteres, podem representar o plano de expressão das

línguas por aproximação fonética (em sistemas apenas consonantais, como os *abjads* do árabe, ou mistos com consoantes e vogais), em sistemas silábicos ou ideográficos. Em relação aos sistemas de escrita de LS, os alfabetos cujos caracteres fazem referência simbólica aos 5 parâmetros das LS, especialmente às configurações de mão, eu os considerei pertencentes ao grupo que representa a língua foneticamente, mesmo que algum caractere não fonético seja usado.

Os caracteres de 17 sistemas de escrita de LS, ou seja, 85% do total, são classificados como representação fonética. Os sistemas são: Mimographie, notação de Stokoe, HamNoSys, SignFont, D'Sign, ASLphabet, notação de Ferreira Brito-Langevin, notação de Gestemas, ASL Orthography, SMYLE, ELiS, Visagrafía, SLIPA, ASLSJ, SEL, SignScript e VisoGrafia.

Si5s e ASLwrite, 10% dos sistemas pesquisados, usam alfabetos com caracteres fonético e ideográficos. Estes últimos de modo significativo. Por isso classifiquei-os como mistos.

O sistema Symbol Font for ASL é composto por caracteres pictográficos para representar as configurações de mão, o principal parâmetro fonológico das LS. Este sistema representa apenas 5% dos listados na pesquisa.

Os sistemas pesquisados também foram separados pelo número de caracteres que utilizam. O ideal é que se utilize o menor números possível de caracteres na formação de um alfabeto. Este ideal de economia se submete à funcionalidade dada ao alfabeto e às características intrínsecas da língua.

Infelizmente, 10 dos sistemas de escrita, 50% da lista, não dispõem de informações suficientes sobre a quantidade de caracteres que compõe seus alfabetos, a saber: a notação de Stokoe, SignFont, D'Sign, notação de Ferreira Brito-Langevin, notação de Gestemas, ASL Orthography, SMYLE, Visagrafía, SLIPA e ASLSJ.

No quadro comparativo das características de sistemas de escrita para LS, pode-se observar que o sistema HamNoSys tem o maior número de caracteres, 210, na composição de seu alfabeto, seguido pelo segundo mais numeroso, Mimographie, com aproximadamente 190. Em terceiro lugar está o alfabeto SEL, com 173 caracteres. Na quarta posição em quantidade de caracteres está o SignScript, com 130 caracteres. ELiS, com 95 caracteres, si5s, com 80, ASLwrite, com 105, Symbol Font for ASL, com 95, e VisoGrafia, com 93, formam um grupo de sistemas de escrita compostos por uma quantidade aproximada de caracteres. E o sistema com o menor número de caracteres na composição de seu alfabeto é o ASLphabet, com 32 caracteres.

A ASL é composta de 76 configurações de mão e a Libras de 111 (BARRETO &

BARRETO, 2015, p. 76), sem contar com os outros parâmentros fonológicos. Por tanto, um sistema de escrita para LS com número muito limitado de caracteres, como o ASLphabet que dedica apenas 22 dos seus 32 caracteres para todas as 76 configurações de mão da ASL exige um grande esforço de economia e abstração, e pode acarretar dificuldades de clareza e precisão na representação simbólica de uma LS.

Os sistemas que possuem maior número de caracteres sofrem com o problema da falta de economia. Eles também exigem mais tempo dos aprendizes na memorição do que cada caractere representa. A vantagem é que a quantidade de caracteres disponível pode dar conta da necessidade de clareza e precisão em representar simbolicamente os parâmentros da LS a que servem.

Outra característica nos sistemas de escrita de LS que pode ser comparada é a orientação da escrita em dois níveis: no nível do sinal/palavra e no nível do texto.

Como pode ser observado no quadro comparativo das características de sistemas de escrita para LS, no nível do sinal/palavra, 14 dos 20 sistemas, ou seja, 70%, optaram por uma orientação da escrita linear, horizontal, em sentido da esquerda para a direita, seguindo o modelo de escrita de LO ocidentais. Estes sistemas são: Mimographie, notação de Stokoe, HamNoSys, SignFont, D'Sign, ASLphabet, notação de Ferreira Brito-Langevin, ASL Orthography, ELiS, SLIPA, ASLSJ, SEL, SignScript e Symbol Font for ASL.

A notação de Gestemas, é o único sistema entre os pesquisados, ou seja, significa 5% do total, que grafa o sinal/palavra em uma orientação linear, vertical, no sentido de cima para baixo para cada configuração de mão. Quando um sinal é realizado com as duas mãos, a mesma ordem é seguida, mas cada configuração é escrita separada e em paralelo.

Uma terceira forma de disposição dos caracteres no nível do sinal/palavra é uma aglomeração. Trata-se de uma tentativa de reprodução da tridimensionalidade das LS no plano bidimensional. A relação espacial entre as configurações de mão e entre elas e outro ponto de articulação no corpo do sinalizante é mais transparente, ou seja, é visualmente mais fácil de ser percebida quando os caracteres já são conhecidos, ainda que o sinal/palavra seja novo para o leitor. Dos sistemas de escrita de LS, 5, ou seja, 25% deles, usam este recurso, a saber: SMYLE, Visagrafía, Si5s e ASLwrite e VisoGrafia.

A organização da escrita no nível textual não obedece necessariamente à escolha feita em cada sistema no nível do sinal/palavra. Dentre os sistemas pesquisados, 10, ou seja 50% deles, optaram por organizar o texto numa direção linear, horizontal, em sentido da esquerda para a direita, a saber: a notação de Stokoe, HamNoSys, D'Sign, ELiS, Visagrafía, si5s, SEL, ASLwrite, Symbol Font for ASL e VisoGrafia.

Esta disposição dos sinais/palavras no texto segue a tendência quase unânime de escrita das LO.

Apenas 6 sistemas de escrita de LS, correspondente a 30% dos sistemas pesquisados, organizam tanto os sinais/palavras quanto o texto na direção linear, horizontal, em sentido da esquerda para a direita, a saber: a notação de Stokoe, HamNoSys, D'Sign, ELiS, SEL e Symbol Font for ASL.

Os outros 10 sistemas, os 50% restantes, Mimographie, SignFont, ASLphabet, notação de Ferreira Brito-Langevin, notação de Gestemas, ASL Orthography, SMYLE, SLIPA, ASLSJ e SignScript, não se aplicam a escrita de texto, limitando-se ao registro de sinal/palavra, como a notação de Ferreira Brito-Langevin por exemplo, ou não se encontra informação sobre o modo como organizam texto em LS escrita, como o SMYLE por exemplo.

Nos quase dois séculos de existência de sistemas de escrita para LS, não houve uma evolução de um sistema a outro. Pode-se notar a influência de um sistema em outro ou um sistema ser aprimorado para dar origem a outro.

O senso comum de evolução da escrita não tem fundamentação histórica, pois algumas escritas podem até desaparecer, porém isso não significa o desaparecimento total de um modo antigo de escrever. Os ideogramas e pictogramas, por exemplo, estão presentes ainda hoje nas placas de trânsito, nas portas de banheiros, no uso de numerais arábicos, no uso de emoticons³⁶ e emojis³⁷.

Os sistemas de escrita para LS pesquisados que se aplicam a escrita de textos usam de alguma maneira antigos símbolos gráficos de pontuação de LO ou símbolos criados especificamente para eles com a mesma função.

Em relação à capacidade de representar os 5 parâmetros fonológicos das LS, pode-se observar que 12 sistemas, ou seja 60% dos pesquisados, dispõem de caracteres ou outros recursos para esse fim. São eles: Mimographie, HamNoSys, notação de Ferreira Brito-Langevin, SMYLE, ELiS, Visagrafia, Si5s, SLIPA, SEL, ASLwrite, Symbol Font for ASL e VisoGrafia.

Os 7 sistemas: notação de Stokoe, SignFont, ASLphabet, notação de Gestemas, ASL Orthography, ASLSJ e SignScript, 35% do total pesquisado, representam parcialmente os parâmetros fonológicos das LS. O parâmetro que menos tem caracteres dedicados a sua

³⁶ Os emoticons (do inglês *emotion* ‘emoção’ + ‘icon’ ícone) foram criados em 1982 pelo norte-americano Scott Fahlman.

³⁷ Os emojis (do japonês *e* ‘imagem’ + *moji* ‘letra’ = pictograma) foram criados por Shigetaka Kurita na década de 1990.

representação nesses sistemas é o de expressões não-mánuais (expressões faciais e corporais). O motivo é uma escolha arbitrária dos idealizadores dos tais sistemas. Vale lembrar que o precursor Bébian, no início do século IXX, já registrava as expressões faciais por meio da Mimographie. Os parâmetros configuração de mão, locação e movimento são os prioritariamente representados por caracteres e outros símbolos nos sistemas de escrita de LS.

O sistema D'Sign, listado na pesquisa, correspondendo a 5% do total, não dispõe de informação suficiente para afirmações seguras sobre a abrangência da representação dos parâmetros fonológicos das LS. Ele poderia ser incluído entre os que representam parcialmente os 5 parâmetros fonológicos das LS.

3.1 O Sistema Sutton SignWriting

A escrita de sinais pelo sistema SW foi criada em 1974 por Valerie Sutton, uma jovem bailarina norte-americana, derivado do *DanceWriting* (escrita da dança), ambos ramificações do “sistema de notação do movimento” criado por ela quando tinha apenas 15 anos, em 1966, para grafar passos do balé em figuras de bastão para seu próprio uso.

Em 1972, ela se mudou para Copenhague, na Dinamarca, aos 21 anos, para treinar com mestres da *Royal Danish Ballet*. Naquela época, os passos históricos de ballet da escola mundialmente renomada, chamada de "Escolas Bournonville", estavam caindo em esquecimento por falta de registro. Sutton usou seu próprio sistema de notação de dança para registrar e preservar estas coreografias históricas. O projeto estimulou a melhoria do sistema de escrita.

Em 1973, Sutton escreveu um livro sobre o sistema *DanceWriting*, intitulado *Sutton Movement Shorthand, Book One: The Classical Ballet Key* [Taquigrafia Sutton do movimento, livro um: a chave do balé clássico].

Em 1974, ela criou o *Center For Sutton Movement Writing* (CSMW) e foi convidada a dar um curso de oito semanas para trinta dançarinas do Royal Danish Ballet. Nesta ocasião, pesquisadores de LS da Universidade de Copenhague leram um artigo nos jornais locais sobre o sistema publicado em livro e pediram para ver uma demonstração. Lars von der Lieth, Jan Enggaard e uma equipe de pesquisa da Universidade de Copenhagen, procuravam uma maneira de grafar sinais e gestos. Eles pediram a Sutton que registrasse pelo seu sistema os movimentos de um vídeo. Este foi o início do SW (SUTTON, 1998).

Ao retornar aos EUA, Sutton promoveu o ensino de SW entre surdos. Em 1977, o Teatro Nacional de Surdos foi o primeiro grupo de adultos surdos a aprender SW, e no mesmo ano

apresentou seu primeiro artigo sobre SW ao Simpósio Nacional de Pesquisa e Ensino de Linguagem de Sinais, em Chicago. Durante sua apresentação, Sutton convidou o Dr. Stokoe para conversar com o grupo também.

Em 1981, o primeiro jornal em ASL, o *SignWriter Newspaper*, escrito pelo sistema SW foi editado e era escrito todo à mão. Era tão trabalhoso fazer o periódico que ele parou de ser publicado em 1984. O *SignWriter Newspaper* retomou a publicação como *SignWriter Newsletter* em 1989, digitado por computador.

Atualmente, o sistema registra a forma do sinal do ponto de vista expressivo, do sinalizador, não do ponto de vista do receptor, como foi do início até abril de 1984, com a publicação de um documento com atualizações na escrita de sinais no qual relata que os surdos americanos especializados em SW solicitavam a mudança na perspectiva do registro. Outros sistemas optam pela perspectiva do receptor.

Outra evolução ocorreu em 1986 quando os surdos passaram a escrever os sinais empilhados, aglomerando os caracteres e imitando a aparência real, a tridimensionalidade, abandonando a forma de escrita inicial da esquerda para a direita no nível do sinal (SUTTON, 1998).

Segundo Barreto e Barreto (2015; p.72), o sistema Sutton foi manuscrito em papel durante 12 anos. Em 1986, criou-se uma primeira versão escrita por computador. O sistema passou por simplificações e evoluiu até o padrão atual.

Sutton fundou o DAC, *Deaf Action Committee For SignWriting* [Comitê de Ação Surda para a Escrita de Sinais], em 1988, patrocinado pelo CSMW, no qual muitos surdos participaram do desenvolvimento do SW.

O sistema passou por uma nova mudança em 1994. Lucinda O'Grady Batch, George 'Butch' Zein, Kathy Say, Bonita Ewan e Kevin Clark, todos surdos, manifestaram interesse em escrever em colunas. Esta orientação da escrita tornou-se padrão nas publicações do DAC e foi adotada por outros países.

A partir de 1996, ganhou espaço na rede mundial de computadores. Neste mesmo ano, foi introduzido no Brasil, graças ao professor Antônio Carlos da Rocha Costa e seu grupo de pesquisa na Faculdade de Informática da Pontifícia Universidade Católica-PUC de Porto Alegre. A participação da então graduanda Marianne Rossi Stumpf no Grupo de Pesquisa em Informática Aplicada à Educação de Surdos (GIES) foi fundamental, pois ela veio a ser a primeira surda brasileira a pesquisar os sinais da Libras pelo SW.

Costa e Stumpf foram os primeiros a traduzir para a Libras pelo SW escrito

verticalmente, na introdução da história infantil *Uma Menina Chamada Kauana*³⁸, de autoria de Karin Strobrel, publicada em janeiro de 1997 (SUTTON, 1998).

Stumpf desenvolveu trabalhos de alfabetização usando o sistema SW com crianças surdas sinalizantes de Libras (GESSER, 2009). A professora Márcia Borba também coordenou o grupo de pesquisa. O GIES deu início ao projeto SignNet que teve como fruto o programa de computador para edição de textos em ELS chamado *SW-Edit* (BARRETO e BARRETO, 2012, pp. 43-44).

A ELS foi adotada como disciplina obrigatória desde a primeira edição do curso a distância de Licenciatura em Letras Libras, oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2006, em 9 polos no Brasil. Como tal, teve um total de 180 horas/aula, divididas em ELS I, II e III. A partir de 2008, ELS tornou-se disciplina obrigatória também no Bacharelado em Letras Libras a distância da UFSC com a mesma carga horária (QUADROS, 2014, p.10 e 233). Ainda hoje, a disciplina é oferecida nos cursos de Letras Libras presenciais e a distância das universidades federais e estaduais, públicas ou privadas. Portanto, o sistema SW está difundido na formação de profissionais da Libras.

Uma das maiores contribuições para o reconhecimento do *status* linguístico das línguas de sinais do mundo, proporcionada pelo sistema Sutton, foi que “em 2006, o SignWriting foi reconhecido pelo comitê do *International Organization for Standardizations* (mais conhecido como ISO) como escrita das Línguas de Sinais. Desde então foi incluído no Registro das Escritas do Mundo” (BARRETO & BARRETO, 2015, p. 75). Seu código de registro é ISO 15924 "Sgnw".

O SW permite escrever todos os 5 parâmetros das línguas de sinais: configurações de mão, orientação da palma, locação ou ponto de articulação e expressões não manuais (expressões faciais e corporais) por meio de um alfabeto projetado especificamente para este fim, o ISWA 2010.

3.1.1 O Alfabeto do sistema Sutton SignWriting

Em 2010, Valerie Sutton e Steve Slevinski lançaram o Alfabeto Internacional de Escrita de Sinais (*International SignWriting Alphabet 2010*). O ISWA 2010 é um conjunto de símbolos arranjados em 7 categorias, 30 grupos e 652 bases para o SW. Ele foi sendo aprimorado à medida que a tecnologia computacional foi evoluindo.

³⁸ Disponível em <https://signwriting.org/library/children/uma/uma.html> Acessado em 20 de fevereiro de 2020

Em 1986, o primeiro conjunto de símbolos computadorizados foi criado. Em 1995 e 1999, foi expandido e renovado em um conjunto completo conhecido como SSS (*Sign Symbol Sequence - Sequência de Símbolos de Sinais*). Em 2002, foi reorganizado com uma hierarquia de vários níveis e modernizado.

Em 2004, o conjunto de símbolos foi expandido para incluir os conceitos gerais da escrita de movimentos e renomeado como *International Movement Writing Alphabet*, o IMWA-2004 (Alfabeto Internacional de Escrita do Movimento). Em 2008, o conjunto de símbolos foi redirecionado para o SW e renomeado como ISWA-2008 e foi o primeiro conjunto de símbolos lançado sob a licença *Open Font*.

Ele pode ser comparado ao alfabeto latino, um alfabeto internacional, que serve para a escrita de diversas línguas no mundo, e ainda ao alfabeto fonético internacional,

porque o sistema de escrita é baseado na escrita do movimento do corpo. Ele não julga como as pessoas sinalizam, mas sim escreve o que vemos e notamos. Nós escrevemos a "pronúncia" dos sinais. O alfabeto SignWriting pode ser usado para escrever qualquer língua de sinais no mundo, porque os sinalizantes de cada país podem aprender os símbolos e aplicar o sistema de escrita à língua de sinais que conhecem (SUTTON, 2011, p. 7)³⁹.

Dado que o ISWA 2010 serve para escrever a pronúncia dos sinais, seus fonemas, posso pronunciar perfeitamente um sinal escrito em uma LS que não conheço por saber ler seus componentes mínimos, quais sejam: as configurações de mão, a orientação da palma da mão, o movimento, o ponto de articulação e locação, as expressões faciais e corporais (incluindo a dinâmica, o tempo, o tipo de contato entre a mão e o ponto de articulação, sentimentos e emoções).

O sistema é, portanto, constituído de grafemas, em sua maioria visualmente icônicos e proporcionais a partes do corpo (mãos, cabeça e face, tronco e membros) e movimentos, caracterizando-se como “uma escrita de Traços Não Arbitrários” (BARRETO & BARRETO, 2015, p. 76). Estes grafemas são agrupados em morfemas que podem ser escritos e lidos simultaneamente num plano bidimensional, estabelecendo as mesmas relações espaciais e de proporção reais entre as partes do corpo humano que realizam os sinais/palavras.

SignWriting é uma escrita incomum porque os símbolos dela são usados

³⁹ because the writing system is based on writing body movement. It does not stand in judgement of how people sign, but instead writes what we see and feel. We write "pronunciation" of signs. The SignWriting Alphabet can be used to write any sign language in the world, because signers in each country can learn the symbols and apply the writing system to the sign language they know. Tradução minha.

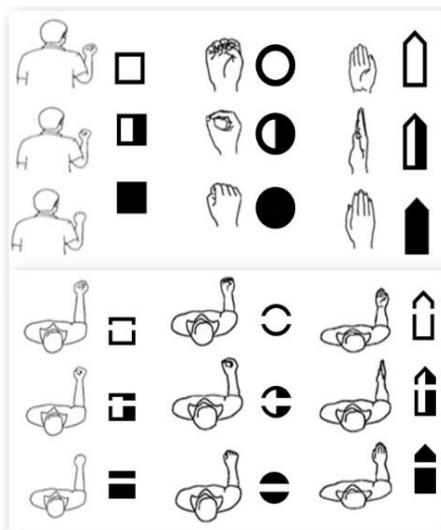
espacialmente em duas dimensões. A maioria das outras escritas usa uma lista sequencial de símbolos individuais que podem ou não se conectar e se transformar quando são combinados.⁴⁰ (SLEVINSKI JUNIOR, 2018)

O alfabeto do sistema Sutton está organizado em 7 categorias:

Categoria 1: Mãos

A categoria Mão é composta pelas configurações de mão de mais de 40 LS. Há 3 formas gráficas para representar as configurações básicas das quais derivam todas as outras: o punho cerrado, o punho aberto, como um círculo ou cilindro, e a mão espalmada (Figura 36),

Figura 36-Formas para as configurações básicas



Fonte: Elaborada pelo autor

formando um total de 261 símbolos básicos, separadas em 10 grupos, com base nas configurações de mão dos números 1-10 da ASL (Figura 37).

⁴⁰ SignWriting is an unusual script because the symbols of the script are used spatially in two dimensions. Most other scripts use a sequential list of individual symbols that may or may not connect and morph when used in combination. Tradução minha.

Figura 37- Categoria 1: Mãos

Hand	Symbol	SymbolGroup	Name	Symbol ID	Symbol Key	Unicode PUA	UTF-8
	□	SymbolGroup_1	Index	01-01	S100	U+FD830	⠇
	□	SymbolGroup_2	Index Middle	01-02	S10e	U+FD83E	⠇
	□	SymbolGroup_3	Index Middle Thumb	01-03	S11e	U+FD84E	⠇
	□	SymbolGroup_4	Four Fingers	01-04	S144	U+FD874	⠇
	□	SymbolGroup_5	Five Fingers	01-05	S14c	U+FD87C	⠇
	□	SymbolGroup_6	Baby Finger	01-06	S186	U+FD8B6	⠇
	□	SymbolGroup_7	Ring Finger	01-07	S1a4	U+FD8D4	⠇
	□	SymbolGroup_8	Middle Finger	01-08	S1ba	U+FD8EA	⠇
	□	SymbolGroup_9	Index Thumb	01-09	S1cd	U+FD8FD	⠇
	□-	SymbolGroup_10	Thumb	01-10	S1f5	U+FD925	⠇

Fonte: <http://www.signbank.org/iswa/cat_1.html>.

Categoria 2: Movimento

A categoria Movimento é dividida em 10 grupos. Possui 5 símbolos de contato e 1 especificador de contato entre partes, 13 movimentos dos dedos, 23 setas retas, 42 setas curvas e 6 círculos e a flexão do pulso baseados em planos: O Plano Parede Frontal que inclui movimento paralelo à parede frontal, o Plano Chão que inclui movimento paralelo ao chão e o Plano Diagonal, relacionado à linha do horizonte ou à relação entre partes do corpo, composto somente com setas retas (Figura 38). Esta categoria soma um total de 91 caracteres mais variações.

Figura 38-Categoria 2: Movimento

Symbol	SymbolGroup	Name	Symbol ID	Symbol Key	Unicode PUA	UTF-8
*	SymbolGroup_11	Contact	02-01	S205	U+FD935	—
●	SymbolGroup_12	Finger Movement	02-02	S216	U+FD946	—
↑	SymbolGroup_13	Straight Wall Plane	02-03	S22a	U+FD95A	—
↗	SymbolGroup_14	Straight Diagonal Plane	02-04	S255	U+FD985	—
↑	SymbolGroup_15	Straight Floor Plane	02-05	S265	U+FD995	—
↗	SymbolGroup_16	Curves Parallel Wall Plane	02-06	S288	U+FD9B8	—
↗	SymbolGroup_17	Curves Hit Wall Plane	02-07	S2a6	U+FD9D6	—
↗	SymbolGroup_18	Curves Hit Floor Plane	02-08	S2b7	U+FD9E7	—
↖	SymbolGroup_19	Curves Parallel Floor Plane	02-09	S2d5	U+FDA05	—
⟳	SymbolGroup_20	Circles	02-10	S2e3	U+FDA13	—

Fonte: <http://www.signbank.org/iswa/cat_2.html>

Categoria 3: Dinâmica

Os símbolos para dinâmica são 8 e são usados para expressar o sentimento ou o tempo do movimento. Eles dão ênfase a um movimento ou expressão. Podem ser combinados com símbolos de pontuação, com os símbolos de contato e, combinado com expressões faciais, podem dar ênfase ou adicionar sensação a uma expressão. Os símbolos de temporização são usados para indicar movimento alternado ou simultâneo (Figura 39).

Figura 39-Categoria 3: Dinâmica

Symbol	BaseSymbol	Name	Symbol ID	Symbol Key	Unicode PUA	UTF-8
↖	BaseSymbol_504	Fast	03-01-001-01	S2f7	U+FDA27	—
↙	BaseSymbol_505	Slow	03-01-002-01	S2f8	U+FDA28	—
〰	BaseSymbol_506	Tense	03-01-003-01	S2f9	U+FDA29	—
〰	BaseSymbol_507	Relaxed	03-01-003-02	S2fa	U+FDA2A	—
〽	BaseSymbol_508	Same Time	03-01-004-01	S2fb	U+FDA2B	—
〽	BaseSymbol_509	Same Time Alternating	03-01-004-02	S2fc	U+FDA2C	—
〽	BaseSymbol_510	Every Other Time	03-01-004-03	S2fd	U+FDA2D	—
〽	BaseSymbol_511	Gradual	03-01-004-04	S2fe	U+FDA2E	—

Fonte: <http://www.signbank.org/iswa/2f7_sg.html>

Categoria 4: Cabeça e faces

A categoria Cabeça e faces está dividida em 5 grupos, traz 128 símbolos com variações que indicam a posição e movimentos da cabeça, pontos de articulação na cabeça e na face, incluindo testa, sobrancelhas, olhos, nariz, bochechas, boca, língua, dentes, queixo, cabelo e pescoço que podem ser combinados entre si e com outras categorias (Figura 40).

Figura 40-Categoria 4: Cabeça e faces

Symbol	SymbolGroup	Name	Symbol ID	Symbol Key	Unicode PUA	UTF-8
	SymbolGroup_22	Head	04-01	S2ff	U+FDA2F	□
	SymbolGroup_23	Brow Eyes Eyegaze	04-02	S30a	U+FDA3A	□
	SymbolGroup_24	Cheeks Ears Nose Breath	04-03	S32a	U+FDA5A	□
	SymbolGroup_25	Mouth Lips	04-04	S33b	U+FDA6B	□
	SymbolGroup_26	Tongue Teeth Chin Neck	04-05	S359	U+FDA89	□

Fonte:<http://www.signbank.org/iswa/cat_4.html>

Categoria 5: Corpo

A categoria Corpo apresenta 2 grupos com 68 símbolos e variações para o tronco, braços e dedos. O movimento de tronco, ombros, quadris e membros têm funções gramaticais em línguas de sinais, especialmente quando se descreve conversas entre pessoas, chamado de Deslocamento de Papel, ou fazendo comparações espaciais entre itens à esquerda e itens à direita (Figura 41).

Figura 41-Categoria 5: Corpo

Symbol	SymbolGroup	Name	Symbol ID	Symbol Key	Unicode PUA
	SymbolGroup_27	Trunk	05-01	S36d	U+FDA9D
	SymbolGroup_28	Limbs	05-02	S376	U+FDAA6

Fonte:<http://www.signbank.org/iswa/cat_5.html>

Categoria 6: Localização detalhada

Os símbolos de localização detalhada não são para uso corrente ou cotidiano, mas podem ser usados para determinar a sequência ortográfica do sinal, podem ser úteis para ordenar entradas em grandes dicionários, servir a um sistema de escrita ou de notação, e para uma análise detalhada da localização, às vezes necessária na pesquisa linguística. Os símbolos especificam a locação dos sinais no espaço neutro ou em alguma parte do corpo. A categoria é composta por 8 símbolos básicos com 110 grafemas mais variações (Figura 42).

Figura 42-Locação Detalhada

Symbol	BaseSymbol	Name	Symbol ID	Symbol Key	Unicode PUA
	BaseSymbol 640	Location Space Wall Plane	06-01-001-01	S37f	U+FDAAF
	BaseSymbol 641	Location Space Floor Plane	06-01-001-02	S380	U+FDAB0
	BaseSymbol 642	Location Height	06-01-002-01	S381	U+FDAB1
	BaseSymbol 643	Location Width	06-01-003-01	S382	U+FDAB2
	BaseSymbol 644	Location Depth	06-01-004-01	S383	U+FDAB3
	BaseSymbol 645	Location Head Neck	06-01-005-01	S384	U+FDAB4
	BaseSymbol 646	Location Torso	06-01-006-01	S385	U+FDAB5
	BaseSymbol 647	Location Limbs Digits	06-01-007-01	S386	U+FDAB6

Fonte:<http://www.signbank.org/iswa/37f_sg.html>

Categoria 7: Pontuação

Os 5 símbolos deste grupo são usados na escrita de sentenças e textos completos e ainda podem ser combinados com os de dinâmica e tempo com funções equivalentes à da pontuação de línguas orais (Figura 43).

Figura 43-Categoria 7: Pontuação

Symbol	BaseSymbol	Name	Symbol ID	Symbol Key	Unicode PUA	UTF-8
	BaseSymbol 648	Comma	07-01-001-01	S387	U+FDAB7	-
	BaseSymbol 649	Period	07-01-001-02	S388	U+FDAB8	-
	BaseSymbol 650	Semicolon	07-01-002-01	S389	U+FDAB9	-
	BaseSymbol 651	Colon	07-01-002-02	S38a	U+FDABA	-
	BaseSymbol 652	Parentheses	07-01-003-01	S38b	U+FDABB	-

Fonte:<http://www.signbank.org/iswa/387_sg.html>

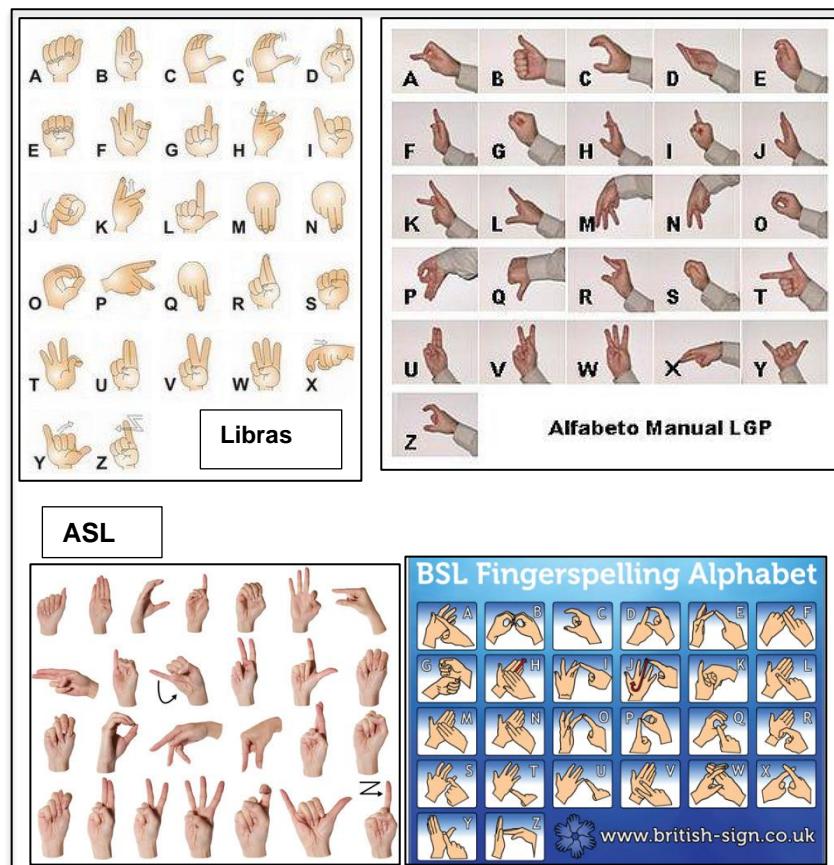
O sistema SW é composto por mais de 670 caracteres com variações.

Gostaria de acrescentar que a datilologia nas línguas de sinais consiste na “soletração” de uma palavra da língua oral de contato por meio da representação do alfabeto desta por configurações de mão, que podem ser combinadas entre si ou com outras partes do corpo, convencionadas para tal. Estas configurações específicas não devem ser confundidas com o alfabeto da LS em vista.

Um mesmo alfabeto usado em línguas orais diferentes pode ter um conjunto diferente de configurações de mão que o representa em cada LS com que tem contato. Ainda que o

alfabeto e a língua oral sejam os mesmos em países diferentes, como Brasil e Portugal, Estados Unidos e Inglaterra, cada comunidade surda tem línguas de sinais distintas e representa o mesmo alfabeto com conjuntos de configurações distintas como pode ser visto na figura seguinte (Figura 44).

Figura 44-Conjuntos de configurações de mão diferentes para o alfabeto latino



Fonte: Imagens do Google

Para outros alfabetos, como grego, cirílico e árabe, a Libras não tem um conjunto de configurações de mão estabelecido que os represente, mas as línguas de sinais destes países certamente os têm. Todos eles podem ser representados pelo ISWA 2010.

Podemos usar as mesmas categorias do quadro comparativo das características de sistemas de escrita para LS (Quadro 1) para distribuir as características do SW já apresentadas em um quadro de características do sistema SW (Quadro 2).

Quadro 2-Características do sistema Sutton SignWriting

Sistema	Condição do criador	Finalidade	Aplicação	Modo de registro	Perspectiva da escrita	Origem dos Caracteres	Representação do plano de expressão	Número de caracteres	Orientação da escrita no nível do sinal/palavra	Orientação da escrita no nível do texto	Representação dos parâmetros
Sutton SignWriting	ouvinte	uso corrente	adaptável	fonte digital	sinalizante	exclusiva	fonética	670+	aglomerado	vertical cima-baixo	total

Fonte: o autor

Se o sistema SW estivesse inserido no Quadro 1, este seria composto por 21 sistemas de escrita para LS pesquisados.

Como Sutton também é ouvinte, o grupo de criadores de sistemas de escrita para LS na condição de ouvinte seria de 14 pessoas, correspondendo a 66,6% do total.

Quanto a finalidade de uso corrente do sistema, SW soma 13 dos 21 sistemas, o equivalente a 61,9%.

Quanto a aplicação, SW, com o ISWA 2010, é adaptável a escrita de várias LS e comporia um grupo de 8 sistemas do total, correspondendo a 38,1%.

Quanto ao modo de registro, SW iniciou sendo escrito à mão em 1974, mas em 1986 já podia ser digitado. Ele comporia um grupo de 13 sistemas com fonte digital, correspondendo a 61,9% do total.

Quanto à perspectiva de escrita, SW comporia um grupo de 9 sistemas que adotam a perspectiva do sinalizante, correspondendo a 42,8% do total. Como já foi dito, no início do sistema SW, adotava-se a perspectiva do observador. A partir de 1984, houve a mudança a pedido dos próprios surdos pesquisadores e usuários do sistema.

Quanto à origem dos caracteres do alfabeto, SW comporia um grupo de 12 sistemas dos 21 que têm um alfabeto exclusivo, correspondendo a 57,1% do total pesquisado.

Quanto à representação do plano de expressão pelos caracteres, SW comporia um grupo de 18 sistemas cujos caracteres representam as LS foneticamente, correspondendo a 85,7% do total.

Quanto ao número de caracteres, SW seria o mais numeroso de todos sistemas para escrita de LS com mais de 670 caracteres. Um grande problema no quesito economia que só pode ser minimizado pela alta transparência fonética e iconicidade próprias do SW, dado que as configurações de mão, elaboradas a partir de apenas 3 formas básicas, e o rosto e suas expressões são escritos com formas quase pictográficas.

Quanto à orientação da escrita no nível do sinal/palavra, SW comporia um grupo de 6

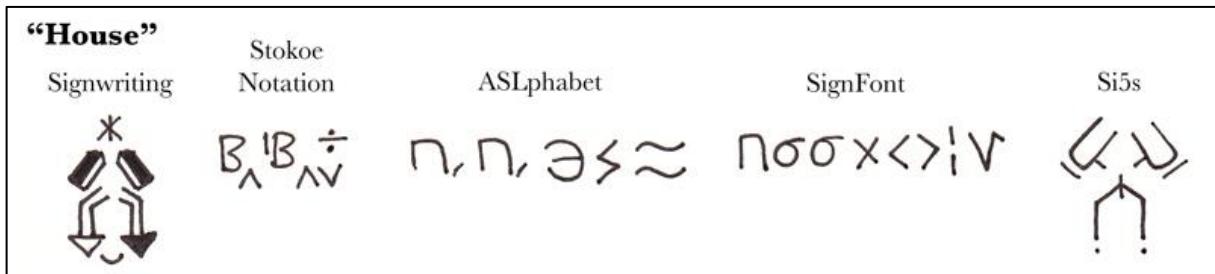
sistemas que adotam uma escrita de caracteres aglomerados, correspondendo a 28,6% do total de sistemas pesquisados.

Quanto à orientação da escrita no nível do texto, SW pode ser escrito horizontalmente, no sentido da esquerda para a direita ou verticalmente, de cima para baixo. Esta última é o padrão mais utilizado no mundo. Considerando a primeira opção, SW comporia um grupo de 11 sistemas de escrita de LS, correspondendo a 52,4% do total. Considerando o padrão mais difundido, SW seria o único com orientação da escrita de texto na vertical, correspondendo a 4,8% do total.

Quanto à representação dos 5 parâmetros fonológicos das LS, SW comporia um grupo de 13 sistemas, correspondendo a 61,9% do total pesquisado.

A próxima figura (Figura 45) mostra um comparativo entre as formas de escrever o sinal/palavra para “casa” em ASL por alguns dos sistemas apresentados aqui.

Figura 45-Comparativo entre sistemas de escrita para LS



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Si5s>

3.1.2 O sistema Sutton SignWriting e a Libras

Audrei Gesser (2009, p. 42) comenta: “A língua de sinais é uma língua ágrafo? Não, mas, até bem pouco tempo, a língua de sinais era considerada uma língua sem escrita”. Eu mesmo considerava a Libras assim durante os primeiros anos de aprendizado, iniciados em 1988. Meu primeiro contato com a ELS foi em 1997, no Rio de Janeiro-RJ, no Seminário Desafios e Possibilidades na Educação Bilíngue para Surdos, do INES, numa palestra intitulada “Aquisição de L1 e L2: O Contexto da Pessoa Surda”, proferida por Ronice Quadros. Em poucos segundos, entendi que os símbolos apresentados por ela nos *slides* se tratavam de uma forma escrita da Libras. Ela estava provando a todos que a Libras não era mais uma língua ágrafo. Nesta época, a ELS pelo sistema Sutton estava sendo experimentada na educação de surdos no sul do país há pouquíssimo tempo. Já tinha aprendido que a Libras era língua, mas a possibilidade de um sistema de escrita para ela era surpreendente e fascinante, pois:

A escrita faz de tal modo parte de nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita [...] Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o escrito [...] E sobretudo não existe história que não se funde sobre textos [...] a escrita [...] reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo. É o fato social que está na própria base de nossa civilização. Por isso a história da escrita se identifica com a história dos avanços do espírito humano. (HIGOUNET, 2003, p. 10)

Mais especificamente sobre a importância da escrita na sua própria língua para a comunidade surda, Rundesth Nobre afirma que

... a escrita de sinais representa para a comunidade surda mundial mais um avanço, na medida em que dá a esses sujeitos possibilidades de escrita em sua língua materna [...]. Atualmente é possível inferir que a Comunidade Surda do Brasil está em pleno progresso de desenvolvimento da ELS através do sistema SW, ao passo que projeta essa escrita como oportunidade de letramento para Surdos, pela capacidade de registro de uma língua visual (NOBRE, 2011, p. 183 e 189).

Audrei Gesser chega à mesma conclusão sobre a ELS quando diz que “sua importância, entretanto, é, sem sombra de dúvida, um bem cultural com positivas implicações para o fortalecimento e a emancipação linguística do grupo minoritário surdo” (GESSER, 2009, p. 44) além de que “a escrita de sinais em sala de aula aparece como característica da Cultura Surda” e “hoje é um sistema altamente eficaz, justificado e, principalmente, autorizado pela Comunidade Surda” (NOBRE, 2011, p. 188 e 209).

Nobre faz esta afirmação, mas não temos dados suficientes que demonstrem a autorização ou aceitação massiva do sistema Sutton pela comunidade surda no Brasil.

De qualquer forma, o sistema SW tem elementos que o caracterizam como uma resposta à necessidade social da escrita, como afirma Calvet (2011, p. 124), em seu livro intitulado *Tradição Oral & Tradição Escrita*, que “o encontro de um sistema gestual (a língua) e de um sistema pictórico (sua transcrição escrita) [...] é a resposta a uma necessidade social: não se inventa a escrita pelo prazer de escrever, mas porque se tem algo a anotar, a conservar...” e ainda acrescenta que “a introdução da escrita em uma sociedade de tradição oral decorre, sobretudo, de uma imposição”. A imposição de uma escrita para a Libras é cultural. Há muito a ser conservado.

A Libras foi legalmente reconhecida como língua pela Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. No artigo 1º, diz ser um meio de comunicação e ainda reconhece “outros recursos de expressão a ela associados”. A nosso ver, a legislação faz, acertadamente, a seguinte definição:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (Brasil, 2002)

A Libras é classificada, em oposição às línguas orais-auditivas, como de natureza ou modalidade visual-motora, mas com o mesmo *status* de sistema linguístico e forma de comunicação e expressão. Falarei mais sobre a modalidade da Libras no capítulo 5.

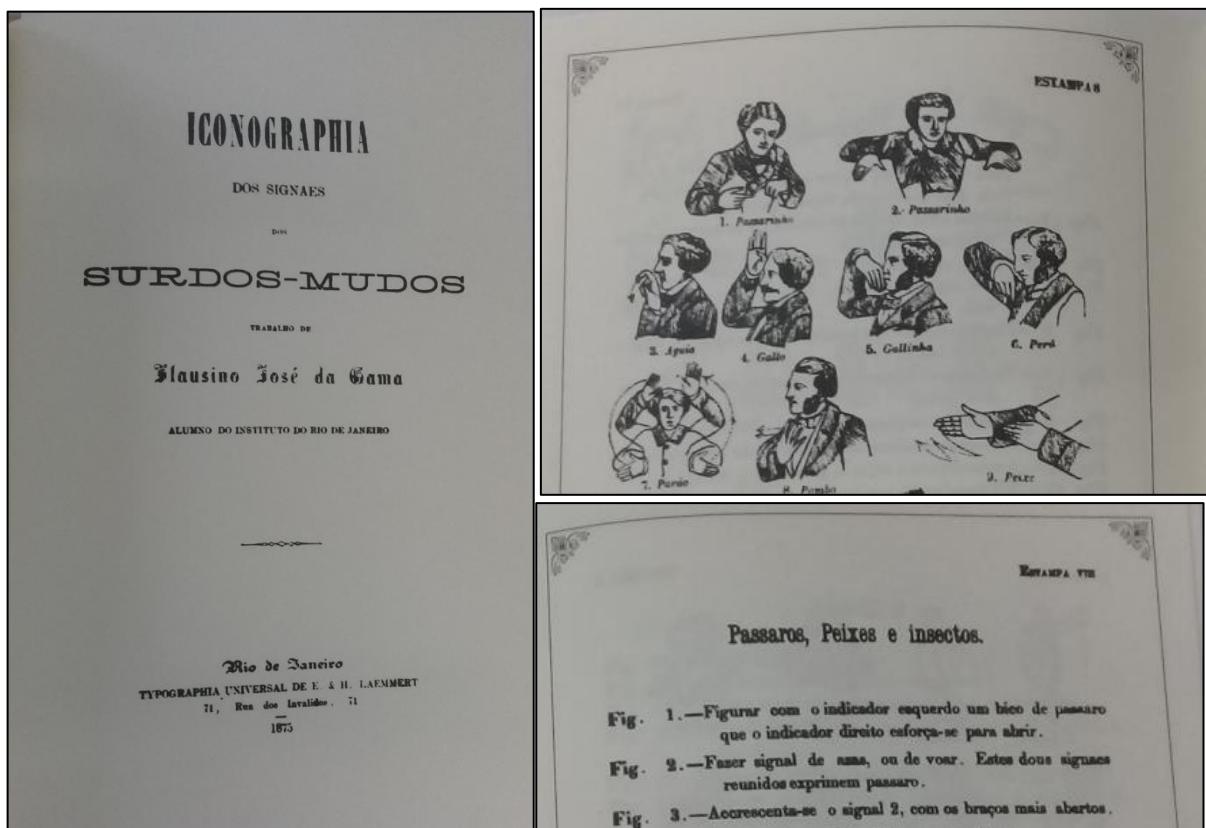
3.2 Lexicografia da Libras e SW

Evidentemente, a Libras já se constituía como língua muitos anos antes de seu reconhecimento legal. Na verdade, antes mesmo da criação do atual Instituto Nacional de Educação de Surdos-INES, em 1857, no Rio de Janeiro, os surdos já usavam sinais gestuais e expressões faciais e corporais para se comunicar. Não se pode afirmar com certeza que se tratava de uma única LS brasileira, dado o isolamento de comunidades surdas e inexistência meios de comunicação viáveis.

Mas a situação começou a mudar com a chegada do professor surdo francês Eduard Huet, em 1855, e sua proposta de educação para surdos, instruídos por meio da Língua de Sinais Francesa (LSF), na primeira escola criada por ele e no instituto imperial fundado em seguida. Por este motivo, a LSF influenciou fortemente o léxico da Libras e sua estruturação gramatical. A comunidade surda considera isto como o marco inicial da formação da Libras.

A primeira obra publicada sobre a nascente LS brasileira foi a *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (Figura 46), do ex-aluno do Instituto e repetidor surdo Flausino José da Gama, em 1875. É um dicionário de sinais com desenhos e explicações em português, cujo conteúdo apresenta forte influência da LSF contida na obra de Pierre Pélassier, intitulada *L'Enseignement Primaire des Sourds-Muets Mis a La Portée de Tour Le Monde Avec Une Inconographie des Signes* (O Ensínamento Primário de Surdos-Mudo para Alcançar o Mundo com uma Iconografia de Sinais. Tradução do autor), datada de 1856 (SOFIATO e REILY, 2012). O trabalho lexicográfico apresenta uma descrição da realização dos sinais de forma escrita e pictórica e seu significado.

Figura 46-Fac-símile de Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos



Fonte: Fotos feitas pelo próprio autor de fac-símile da obra

Apenas cinco anos depois, em 1880, foi realizado o segundo Congresso Internacional sobre Educação de Surdos, em Milão, que definiu que a prioridade na educação de surdos seria a oralização na língua de cada país e que a utilização de gestos, assim era entendida a forma de comunicação usada por surdos, deveria ser proibida. As línguas de sinais não eram reconhecidas como tal.

Os efeitos do congresso de Milão sobre a educação de surdos perduraram por décadas e se espalharam por todos os continentes. O INES também foi afetado. As concepções sobre linguagem da época e o ideário nacionalista na Europa que priorizava uma única língua nacional em cada país formavam um cenário desfavorável às línguas de sinais. Mas, na década de 1960, William Stokoe, que fora convidado a dar aulas de inglês para surdos na Universidade Gallaudet, no estado de Washington, publicou seus estudos sobre a ASL reconhecendo seu *status* linguístico próprio e a diferenciando do inglês. O Brasil, porém, só se abriria a uma nova proposta para educação de surdos, o bilinguismo, no qual a LS e a língua oral são equiparadas, na década de 1980, cem anos depois do congresso de Milão.

O Pe. Eugênio Oates, nascido nos Estados Unidos, publicou no Brasil, em 1969, a obra

intitulada Linguagem das mãos (Figura 47). É um dicionário com indexação semântica, dividido em 15 capítulos temáticos postos em ordem alfabética. Há fotografias do próprio autor sinalizando, contando com o auxílio de setas desenhadas sobre elas, expressando o modo como são feitos os movimentos, e seguidas por um verbete explicando como são realizados os sinais e, às vezes, indicando outros significados para as entradas.

Figura 47-Livro Linguagem das Mãos de Eugênio Oates. Capa de 1990



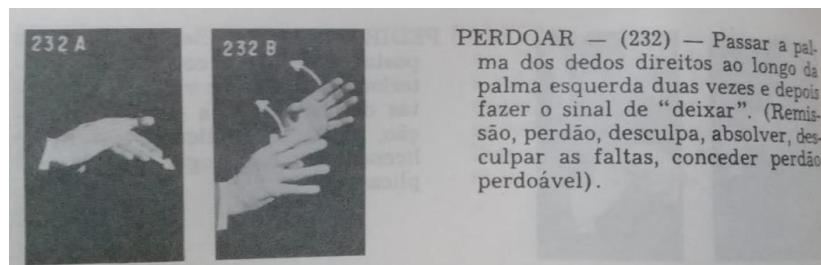
Fonte: <<https://www.estantevirtual.com.br/acasadoslivros/eugenio-oates-linguagem-das-maos-1571990986>> e <<http://www.anamelloleiloeira.com.br/peca.asp?ID=2628555>>

O título da obra já revela um pouco da concepção que se tinha sobre a Libras. No prefácio, o autor diz que “no mundo silencioso dos surdos vemos a grande necessidade e utilidade da linguagem-mímica. Por meio de gestos e mímica uma criança surda começa a compreender as coisas” (OATES, 1990, p 11). Ele acerta na constatação, mas se equivoca na terminologia.

Na mesma obra, há uma palavra do então diretor do INES, Murillo Rodrigues Campello, testemunhando que Oates verificou que “os surdos usam mímicas diferentes” pelo país, mas o padre “considera [...] que o melhor meio de comunicação entre os surdos deve ser a linguagem oral, ensinada pelos professores” do INES (OATES, 1990, p. 7). Na apresentação, o primeiro padre surdo do Brasil, Vicente de Paulo P. Burnier, diz que a obra é “o resultado da união de linguagens mímicas [...] do Brasil” e revela que “alguns gestos não existentes no Brasil e presentes neste livro, visaram complementar e dar a exata expressão do pensamento” (OATES,

1990, p. 9), como o sinal para “perdoar”, na página 64, tomado da ASL (Figura 48).

Figura 48-Sinal de "perdoar" em Libras no livro Liguagem das mãos, de Oates

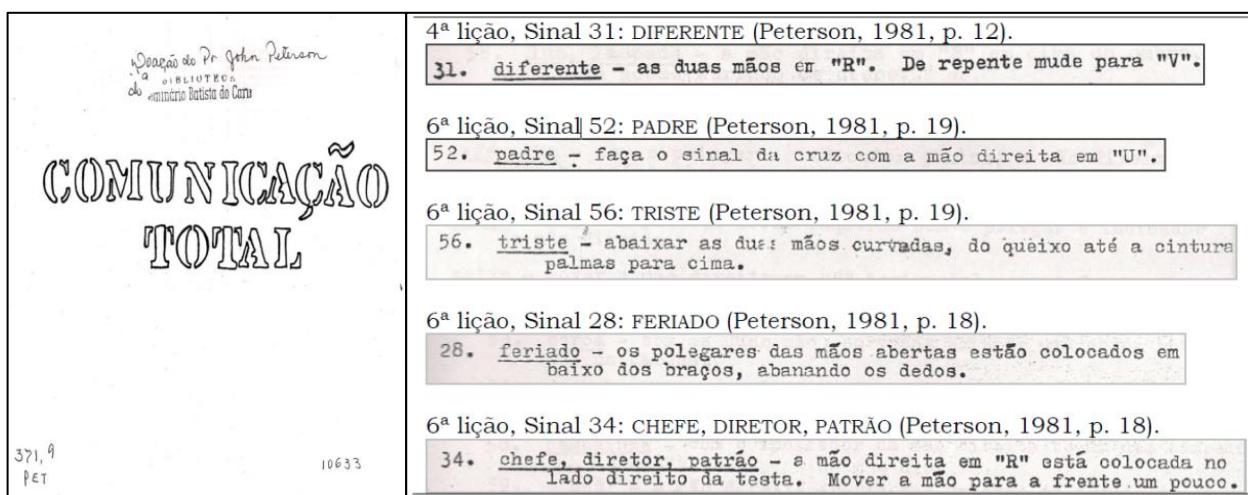


Fonte: Fotografia feita pelo autor.

Os termos usados e as declarações feitas nos textos que antecedem o conteúdo revelam o estado da arte sobre línguas de sinais e a abordagem na educação de surdos no Brasil da época. Os personagens citados são representações significativas: um educador de surdos, um pesquisador e religioso com larga convivência com surdos e um surdo também religioso.

Em 1981, o pastor John Everett Peterson escreveu um manual para ensinar novos intérpretes na igreja Batista. O título era Comunicação total⁴¹. Nele, o autor descreve como 490 sinais são pronunciados, em sete lições, mas sem ilustrações ou fotos (TIMÓTEO, 2012, p. 37). Na figura 49, temos uma reprodução da capa e do conteúdo da obra.

Figura 49-Comunicação total. Capa e conteúdo



Fonte: Tese de doutorado de Janice Timóteo (2012)

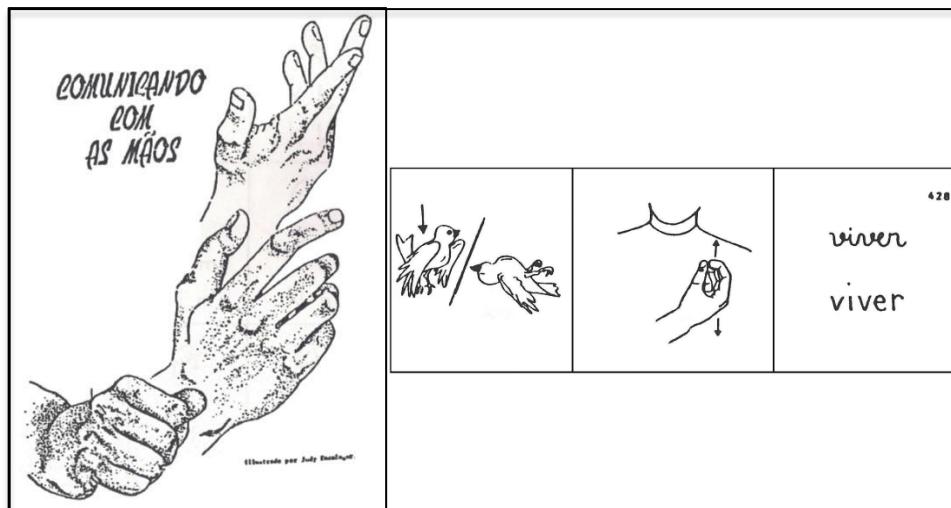
Aprendendo a comunicar: um livro para a educação do surdo, de Jonh Peterson e ilustrações de Judy Ensminger, foi publicado sem editora em 1984, em Fortaleza, como “uma

⁴¹ O título do livro se refere à abordagem educacional de surdos que tomava corpo naquela época. Graças à tese de doutorado de Janice Timóteo (2012), obtive imagens da capa e do conteúdo e outras informações da raríssima obra.

experiência” para ver a aceitação dos “surdos de Fortaleza e interior do Ceará”, “do governo e as escolas de surdos”. Estes dois últimos “não aceitaram por causa da política daquele tempo” (TIMÓTEO, 2012, p. 45). Não se encontrou imagens dessa publicação até o momento.

Segundo Janice Timóteo (2012, pp. 30 e 39), o livro *Comunicação total*, de 1981, deu origem ao *Comunicando com as mãos* (Figura 50), em 1987, de Jonh Peterson e Judy Ensminger, pela Shekinah Editora e Gráfica, Piracicaba. (DOUETTES, 2015, pp. 83, 86-88 e SILVA & PETERSON, 2016, p. 83). A obra foi editada seis vezes até o ano 2007. Não sei se outras edições foram publicadas depois. Nas últimas edições, acrescentou-se “em LSB” ao final do título (SILVA & PETERSON, 2016, p. 81). Segundo Timóteo, o próprio John Peterson, sobre a edição de 2001, dá permissão para a cópia “deste livro na sua íntegra para fins educativos e religiosos” (TIMÓTEO, 2012, p. 40).

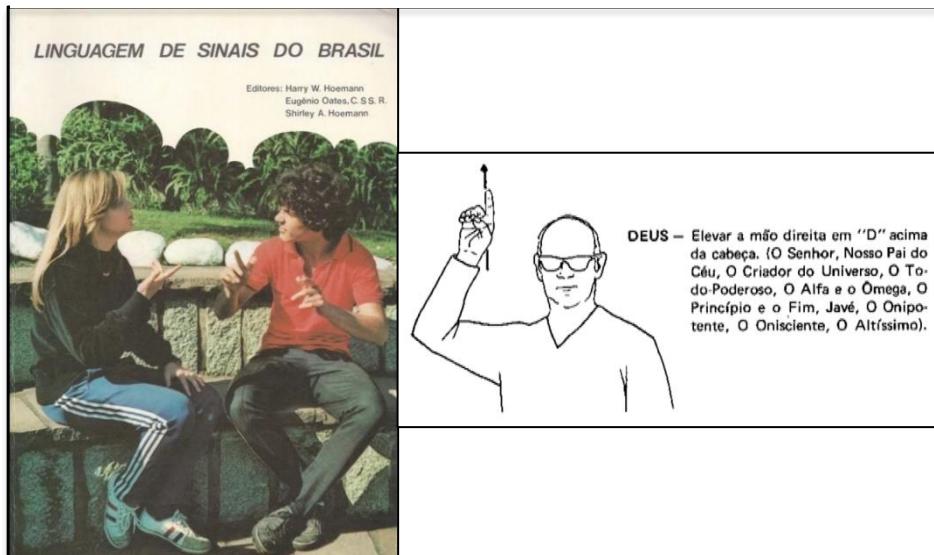
Figura 50-Comunicando com as mãos. Capa e conteúdo



Fonte 5: dissertação de Janice Timóteo e imagem do Google

Liderado por luteranos em parceria com católicos, o projeto de publicar um manual com a variedade dos sinais do sul do Brasil deu origem ao *Línguagem de sinais do Brasil*, de Harry W. Hoemann, Eugênio Oates e Shirley A. Hoemann, em 1983, pela Editora Pallotti, Porto Alegre (Figura 51). O livro foi publicado antes, em 1981, nos Estados Unidos, com o título *The sign language of Brazil* (TIMÓTEO, 2012, p. 57). A obra traz desenhos dos sinais e o verbete com entrada e descrição do sinal em português.

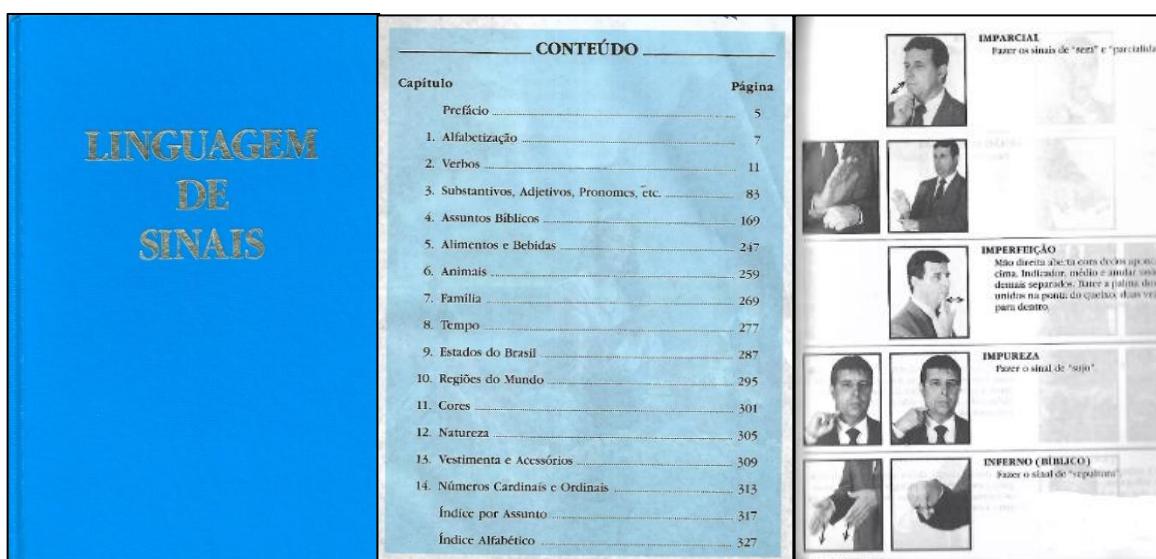
Figura 51-Linguagem de sinais do Brasil, de 1983



Fonte 6:Dissertação de mestrado de Brenno Doulettes (2015)

A Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, entidade religiosa que representa as Testemunhas de Jeová, publicou em 1992 o livro Linguagem de Sinais (Figura 52) com o objetivo de “ajudar as Testemunhas de Jeová a ensinar a linguagem de sinais aos deficientes auditivos que ainda não a conhecem” e “unificar a linguagem de sinais entre as Testemunhas de Jeová quanto a palavras de origem bíblica” (DOUETTES, 2015, p. 93).

Figura 52-Linguagem de sinais. Capa, sumário e exemplo de uma das páginas



Fonte:Dissertação de Brenno Doulettes (2015) e anúncio no site Mercado Livre https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1197087368-linguagem-de-sinais-torre-1992-capa-dura-_JM. Acessado em 25/04/2019.

A obra claramente imita a de Oates (1969). Sua primeira publicação de oito mil

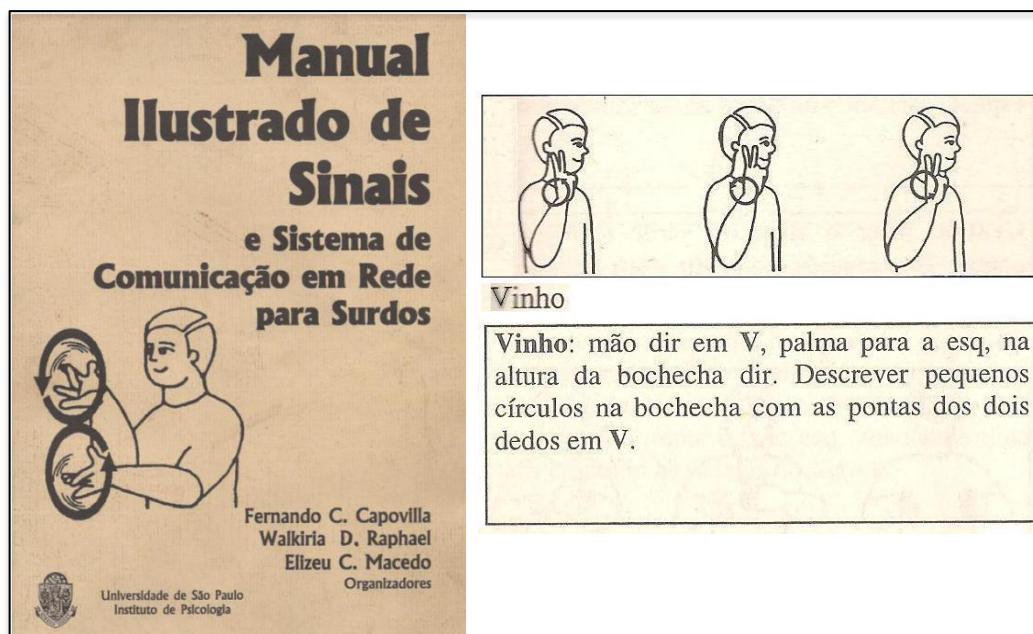
exemplares teve distribuição gratuita. Das 1.256 entradas/sinais, 246 são termos religiosos. A partir de 2008, o título muda para Língua de sinais (TIMÓTEO, 2012, p. 52).

Em 1995, Ferreira publicou a obra pioneira: *Por uma gramática de Línguas de Sinais*, em que descreve a Libras e introduz os estudos linguísticos de línguas de sinais no país. A obra foi fundamental para a conquista do reconhecimento da língua e para o embasamento teórico que trouxe benefícios legais para a comunidade surda.

Na obra, Lucinda faz uma análise contrastiva entre a Libras e outras línguas de sinais e línguas orais nos aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos e diz que “um estudo de uma modalidade espaço-visual de língua pode afetar as teorias linguísticas no que concerne” (FERREIRA, 2010, p.11-12) aos preceitos teóricos sobre linguagem, quanto à gramática, ao se rever a noção de arbitrariedade, a noção do que seja central em uma determinada língua e considerando a simultaneidade fonética, quanto aos universais linguísticos aplicados a outra modalidade de língua e quanto à inclusão de fatores sociopolíticos nas pesquisas linguísticas.

Em 1998, o Lance - Laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva Experimental, da Universidade de São Paulo (USP), publicou o *Manual ilustrado de sinais e o sistema de comunicação em rede para surdos* (Figura 53).

Figura 53-Manual ilustrado de sinais e sistema de comunicação em rede para surdos. Capa e exemplo do conteúdo



Fonte: Tese de doutorado de Janice Timóteo (2012)

“Os organizadores desse manual, Fernando C. Capovilla, Walkiria D. Raphael e Elizeu C. Macedo, contaram com o apoio de uma equipe de colaboradores, principalmente os alunos mestrandos e doutorandos do laboratório” (TIMÓTEO, 2012, p. 57) para fazer um apanhado de literatura sobre LS no Brasil e no exterior.

Muito material em ASL foi usado como referência e as obras, já citadas antes, de Oates (1969), de Hoemann, Oates e Hoemann (1981) e o de Peterson e Ensminger (1987) foram os materiais de consulta da Libras. A compilação obteve 1.515 sinais organizados em categorias semânticas. Essa publicação teve uso restrito, salvo alguma exceção, a surdos e ouvintes de São Paulo, mas serviu de inspiração para um esforço ainda maior de dicionarização da Libras.

A publicação mais vultosa a trazer o SW foi o *Dicionário encyclopédico ilustrado trilíngue da língua de sinais brasileira*, o DEIT-Libras (Figura 54), publicado em dois volumes (volume I: A-L, volume II: M-Z), em 2001, “o primeiro dicionário da Libras a usar SignWriting” e “o primeiro a dicionário do mundo a combinar sinais completos escritos em SignWriting com ilustrações naturalistas dos próprios sinais” (SUTTON, [1999] 2001, p. 21) com sinais para “9.500 verbetes em Inglês e Português” (CAPOVILLA & RAPHAEL, 2001, p. 31), indexado em ordem alfabética.

Figura 54-DEIT Libras. Volumes I e II e conteúdo



Fonte: Imagens do Google em 20.02.2020

Os sinais aparecem representados por uma sequência de desenhos de um personagem sinalizando e também pela a escrita visual direta, no sistema SW.

Ele foi fruto de cinco anos de pesquisa com a cooperação de informantes surdos da Feneis - Federações Nacionais de Educação e Integração de Surdos e da Copavi - Cooperativa Padre Vicente de Paulo Penido Burnier, do estado de São Paulo.

No próximo capítulo, veremos outro repositório lexicográfico da Libras com SW.

4 SIGNPUDDLE E A FERRAMENTA DE TRADUÇÃO

O *SignPuddle Online* (SP) é um programa do site *SignBank.org* com ferramentas que possibilitam trabalhar com a escrita de sinais pelo sistema Sutton. O SP foi criado por Stephen Slevinski Junior, em parceria com Valerie Sutton. O SP é um programa cujo conteúdo é alimentado cooperativamente por seus usuários.

Ao acessarmos o SP, podemos escolher a LS com a qual queremos trabalhar clicando na bandeira de um país (Figura 55). A língua oral escrita será a do mesmo país na maioria das vezes. Alguns textos permanecem em inglês.

Figura 55-Quadro de bandeiras dos países e suas línguas de sinais no SP



Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

Em seguida, podemos escolher uma das 6 pastas: dicionário, literatura, enciclopédia, lição, *puddle* manual e *puddle* vídeo (Figura 56). Nas 3 primeiras, há a possibilidade de

alimentação do banco de dados pelo usuário com sinais/ entradas ou textos, pelas ferramentas Traduzir e Sinal Criador.

Figura 56-Pastas do SP Brasil



Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

O manual do SP recomenda entrar na pasta Dicionário, rolar a página para baixo e fazer o registro (SLEVINSKI & SUTTON, 2007 p. 16) clicando no botão “registrar” (Figura 57) e preenchendo com os dados requeridos (Figura 58). Nas próximas vezes que se fizer o acesso, deve-se clicar em “entrar” e digitar *login* e senha (Figura 59). Sem este procedimento, também é possível usar as 13 ferramentas dispostas numa coluna do lado esquerdo da tela, mas com restrições de ações posteriores sobre as atividades realizadas, como corrigir ou apagar um registro.

Figura 57-Botões Registrar e Entrar



Fonte:
www.signbank.org/signpuddle2.0/

Figura 58-Células para preencher com os dados de registro

Usuário	Segurança	Nome	Email	Senha	
	Adicionar				Registrar

Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

Figura 59-Células para logar no SP

Usuário	Senha	Entrar
---------	-------	---------------

Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

No primeiro botão, Pesquisar por palavras, tem-se acesso a uma caixa para ser preenchida com um termo ou título, o texto, a fonte, a página no *Puddle* ou ver todas as entradas. Se a busca for por Termos e Títulos, ainda se pode refiná-la clicando nas opções: qualquer parte da palavra; início da palavra; ou palavra exata. Deve-se clicar no botão Pesquisar, do lado direito da caixa. O resultado da busca aparece abaixo da caixa (Figura 60). Ao se clicar no resultado escolhido, tem-se todos os sinais registrados para a entrada.

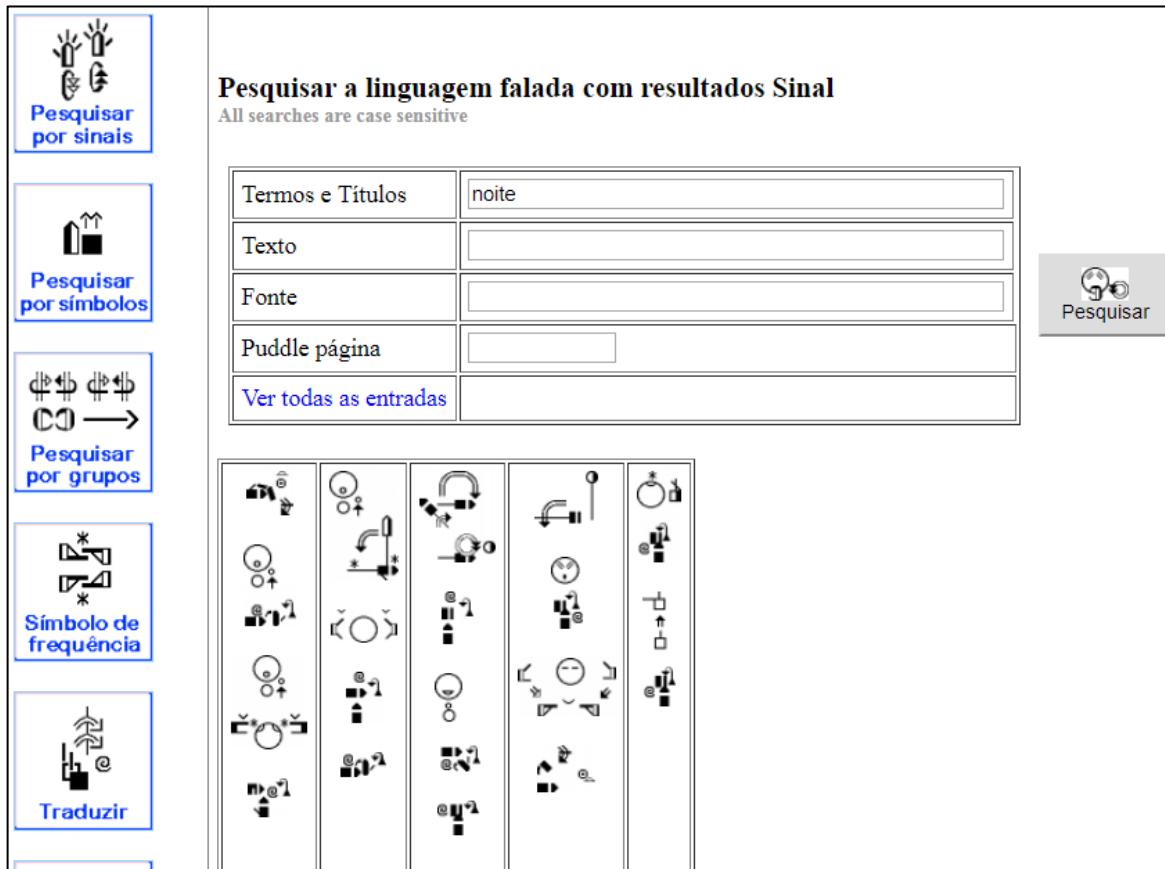
Figura 60-Funcionalidade Pesquisar por palavras e células para preenchimento

Termos e Títulos	Libras
	<input type="radio"/> Qualquer parte da palavra <input type="radio"/> Início da palavra <input checked="" type="radio"/> Palavra exata
Texto	
Fonte	
Puddle página	
Ver todas as entradas	

Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

No segundo botão, Pesquisar por sinais, as mesmas opções de preenchimento e busca do anterior aparecem. Depois que se escreve o termo ou título do sinal buscado, deve-se clicar no botão pesquisar, ao lado direito da caixa. O resultado será uma seleção de sinais escritos em SW registrados no programa dispostos abaixo da caixa (Figura 61).

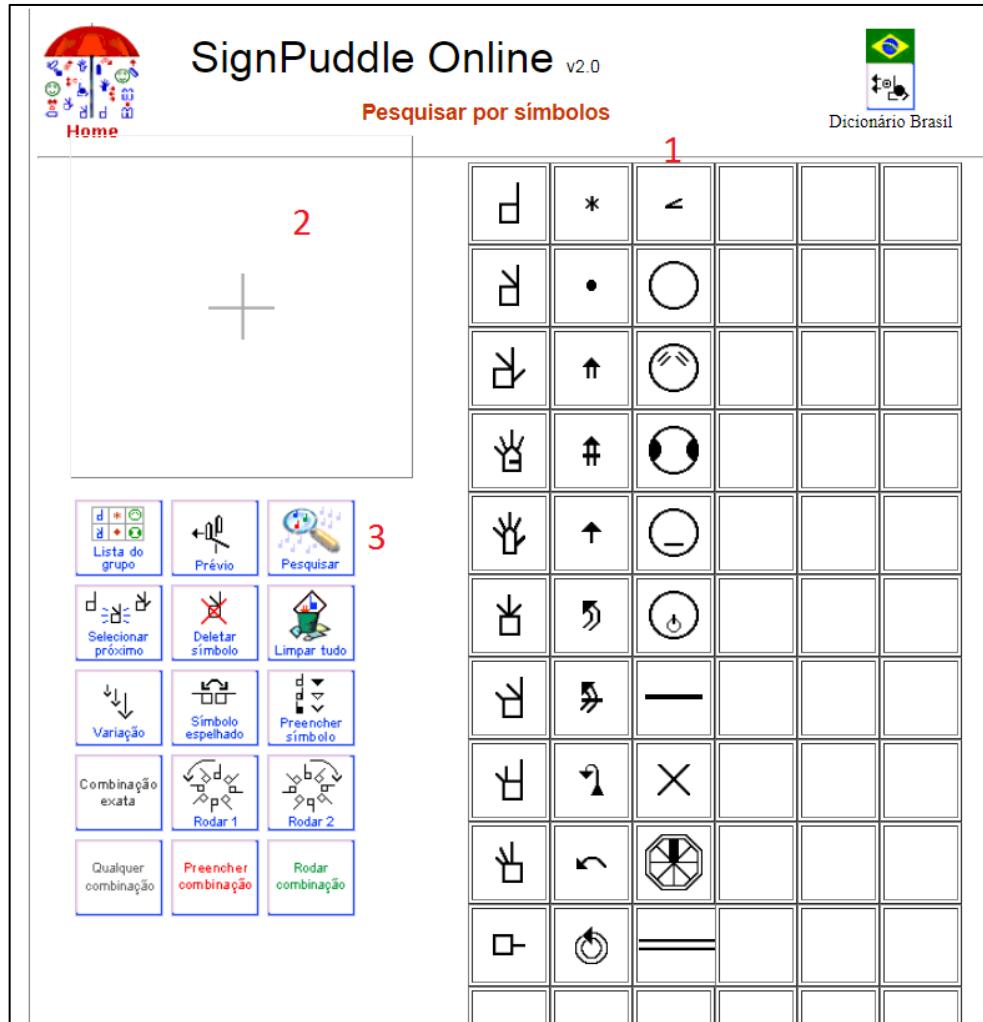
Figura 61-Funcionalidade Pesquisar por sinais e células para preenchimento



Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

No terceiro botão, pesquisar por símbolos, o procedimento é selecionar um ou mais símbolos da caixa com o alfabeto ISWA 2010 (1), arrastá-lo para a caixa de composição do sinal (2). Abaixo da caixa de composição, há 15 botões para manipular o conteúdo dela (Figura 62). Depois de clicar no ícone “Pesquisar” (3), tem-se uma caixa com critérios de pesquisa, com localização aproximada e a lista de símbolos, e uma caixa abaixo listando os sinais como resultados. A localização aproximada pode ser removida e o resultado da pesquisa alterado.

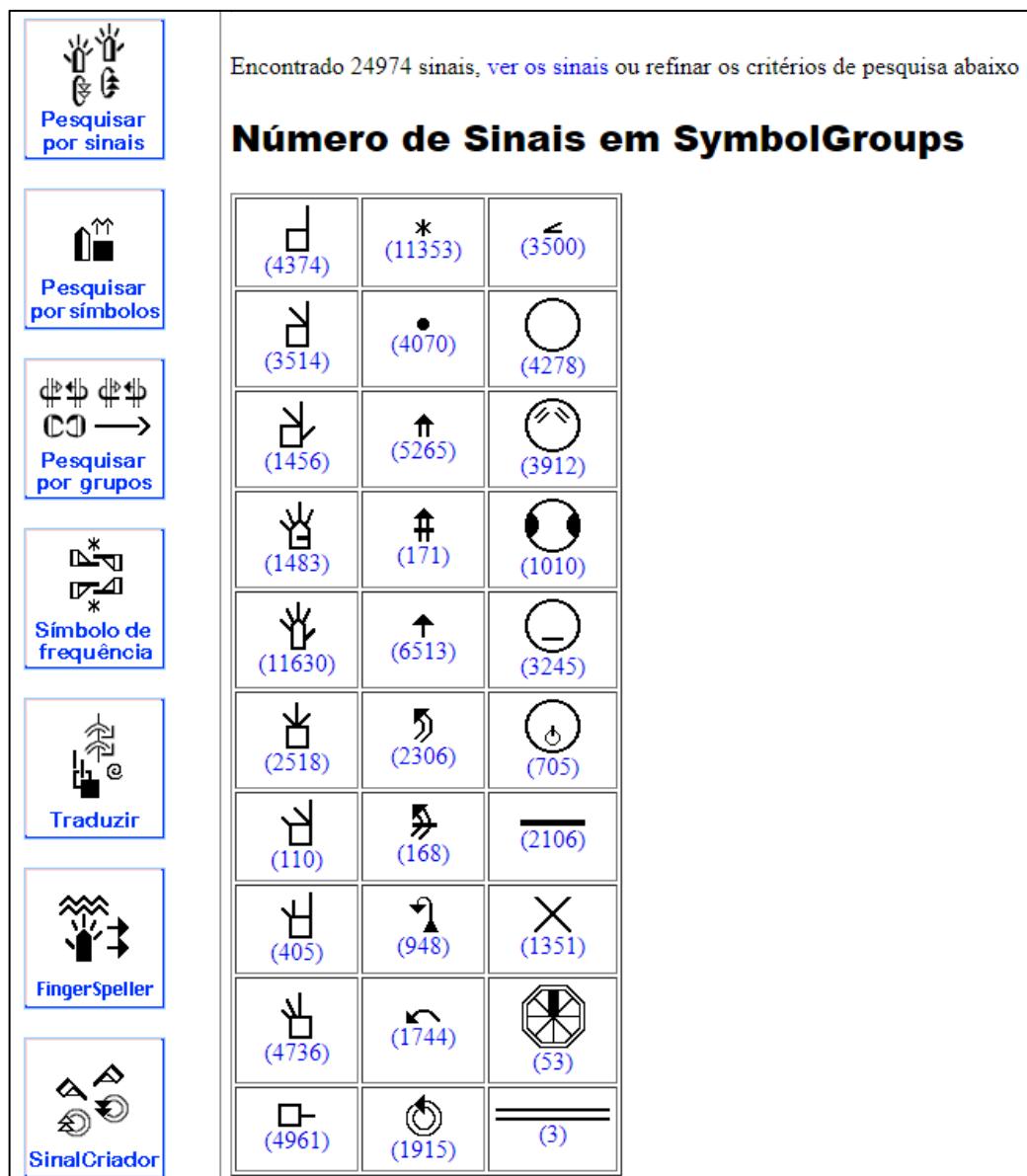
Figura 62-Ferramenta de pesquisa por símbolo



Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

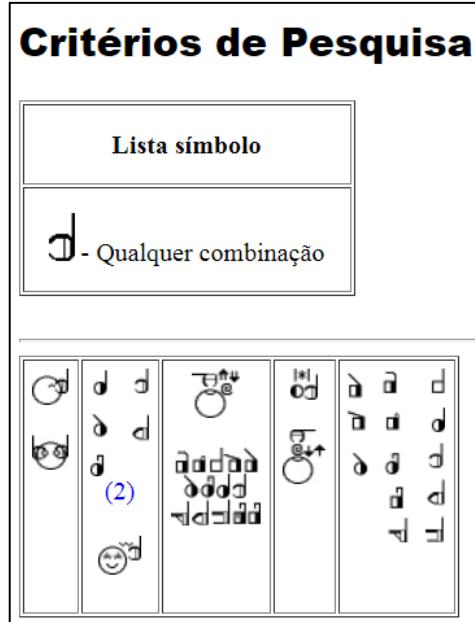
O quarto botão, pesquisar por grupos, oferece a possibilidade de busca de entradas em todo o alfabeto ISWA. Atualmente há quase 25.000 sinais. Cada grupo de símbolos vem com um número indicando a quantidade de sinais com aquele símbolo. Pode-se refinar a busca por cada símbolo básico ou clicar na frase em destaque “ver os sinais”. A busca pode ser afunilada até chegar-se a um símbolo específico (Figura 63 e 64).

Figura 63-Número de sinais por grupo na pesquisa por grupo



Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

Figura 64-Critérios de pesquisa refinada



Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

No quinto botão, símbolo de frequência (deveria ser frequência do símbolo, mas a tradução no SP tem falhas!), pode-se escolher uma das cinco categorias do ISWA, mãos,

Figura 65-Busca pela frequência do símbolo iniciada pela categoria mão

The screenshot shows a search interface with a sidebar on the left containing icons for "Pesquisar por sinal", "Pesquisar por símbolos", "Pesquisar por grupos", "Símbolo de frequência", "Traduzir", "FingerSpeller", "SinalCriador", and a "Down arrow" icon. The main area has a header "Analizando frequência símbolo de 35270 sinalis". It is divided into three sections: 1) Selecione a categoria (Hands, Movement, Dynamics, Head & Faces, Body), 2) Selecione um SymbolGroup (Index, Index Middle, Index Middle Thumb, Four Fingers, Five Fingers, Baby Finger, Ring Finger, Middle Finger, Index Thumb, Thumb), and 3) Selecione um BaseSymbol (Index (5877), Index on Circle (1094), Index on Cup (12), Index on Oval (21), Index on Hinge (5), Index on Angle (6), Index Bent (322), Index Bent on Circle (9), Index Bent on Fist Thumb Under (2), Index Raised Knuckle (17)). Below these sections is a "Símbolo de frequência" section with a grid of small sign language symbols.

Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

movimento, cabeça e faces, e corpo. A figura abaixo mostra uma sequência iniciada pela categoria “mãos” (Figura 65).

Falarei da ferramenta Traduzir, o sexto botão, mais a frente.

No sétimo botão, *FingerSpeller* (datilologia), digita-se uma palavra na caixa que será transliterada pelo ISWA. Infelizmente, não há o dicionário da Libras entre as opções (Figura 66).

Figura 66-Botão
fingerspeller
(datilologia)

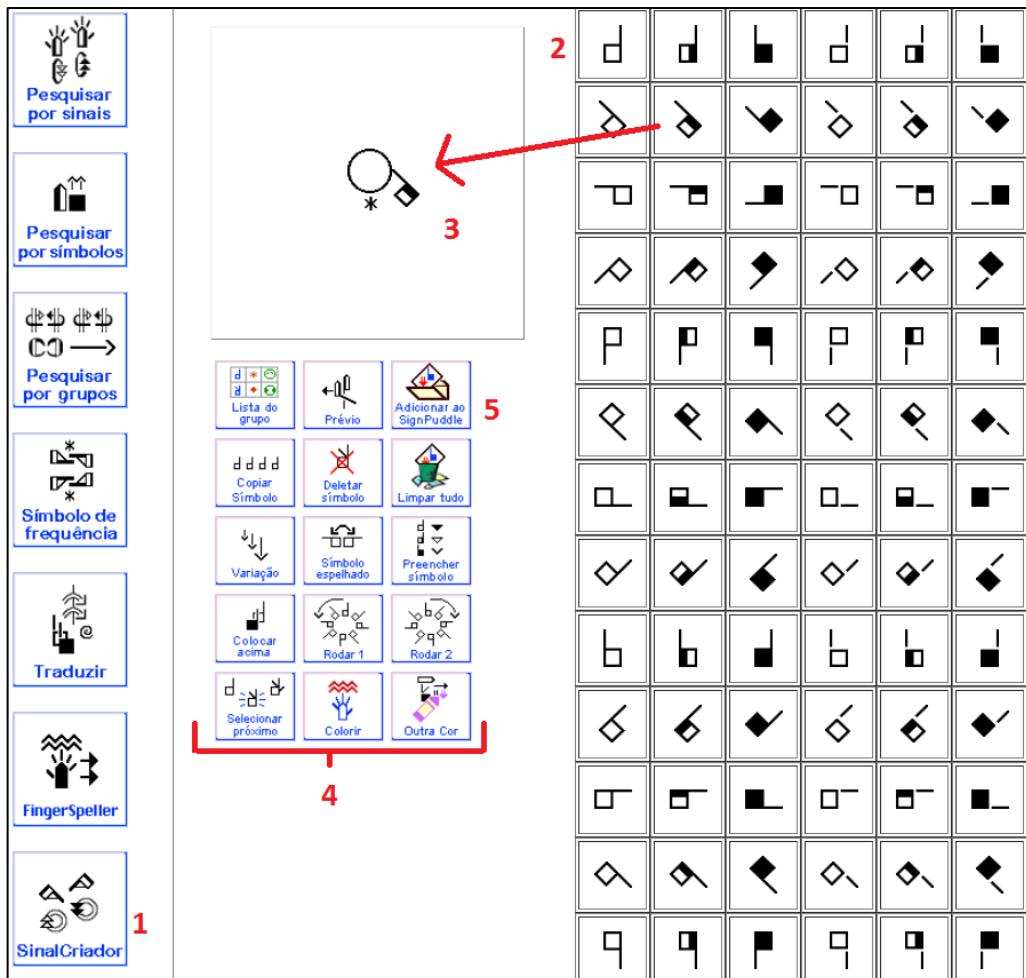


Fonte:
[www.signbank.org/sign
puddle2.0/](http://www.signbank.org/sign/puddle2.0/)

No oitavo botão, sinal criador (criador de sinal), pode-se alimentar o banco de dados do dicionário da LS escolhida fazendo os seguintes passos (Figuras 67):

- 1- Clicar no botão Sinal Criador;
- 2- Selecionar um dos grupos de símbolos listado a direita;
- 3- Clicar sobre e arrastar os símbolos para a caixa de composição do sinal;
- 4- Manipular cada símbolo, se necessário, usando os botões de comando disponíveis;
- 5- Clicar em Adicionar ao SP;

Figura 67-Ferramenta de criação de sinais



Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

6- Copiar o sinal escrito para um dos dicionários (Figura 68);

Figura 68-Sexto passo: copiar o sinal escrito para o dicionário selecionado



Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

- 7- Preencher as células de Termos e Títulos. Os outros campos também podem ser preenchidos com mais informações (Figura 69);
- 8- Clicar no botão Adicionar.

Figura 69-Células para preencher e botão de adicionar ao dicionário

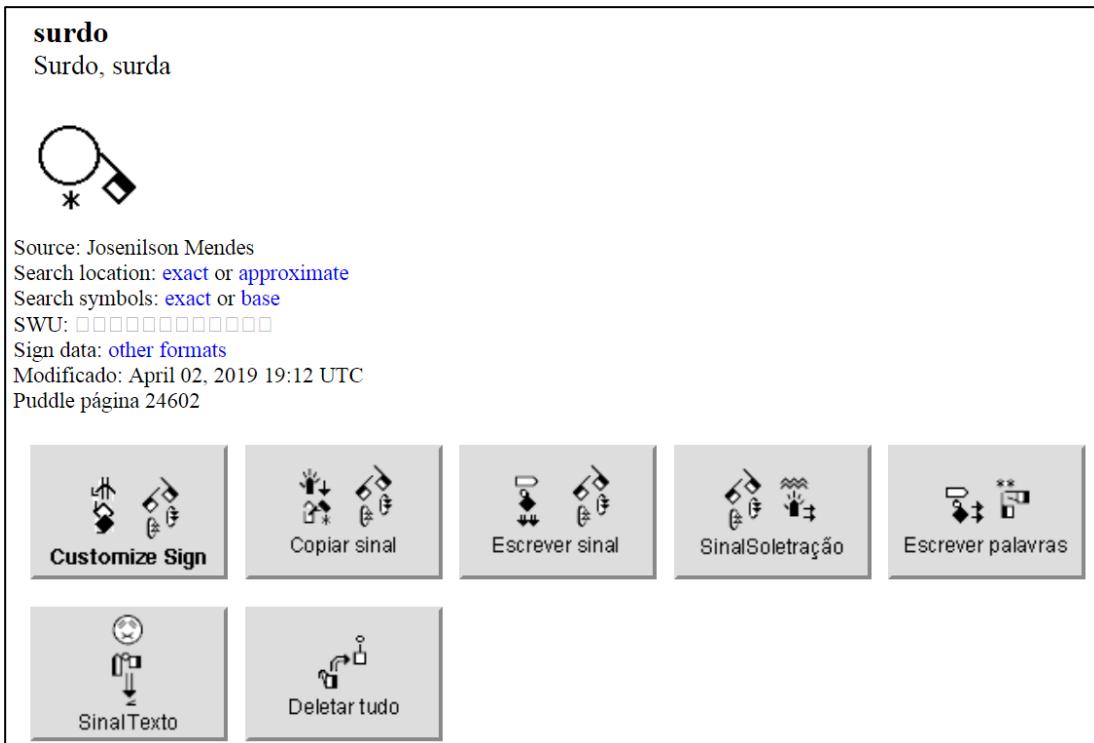
 7			
Termos e Títulos:	surdo	Surdo	surda
Texto:			
Vídeo Markup:			
Fonte:	Josenilson Mendes		
Página começando:			
Página anterior:			
Página seguinte:			
			8

Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

Infelizmente, uma característica deste banco de dados cooperativo é que usuários não muito familiarizados com o sistema Sutton, ou mesmo com a língua portuguesa, registram sinais e entradas escritos errados. Nem sempre, os usuários registram as entradas com letra inicial minúscula, como é aconselhável e comum em dicionários de línguas orais, exceto para nomes próprios.

Após o registro do sinal no dicionário, ainda é possível fazer edições nele e na entrada, selecionado uma das funções nos botões que aparecem abaixo: customizar o sinal; copiar o sinal; clicar em Escrever sinal, se for necessário fazer alguma alteração nele; criar uma sequência para a soletração do sinal, em Sinal Soletração; acrescentar, apagar, corrigir ou modificar alguma palavra ou texto em Escrever palavras; escrever um texto explicativo em sinais ou exemplificando o uso do sinal em Sinal Texto; ou clicar em Deletar tudo (Figura 70).

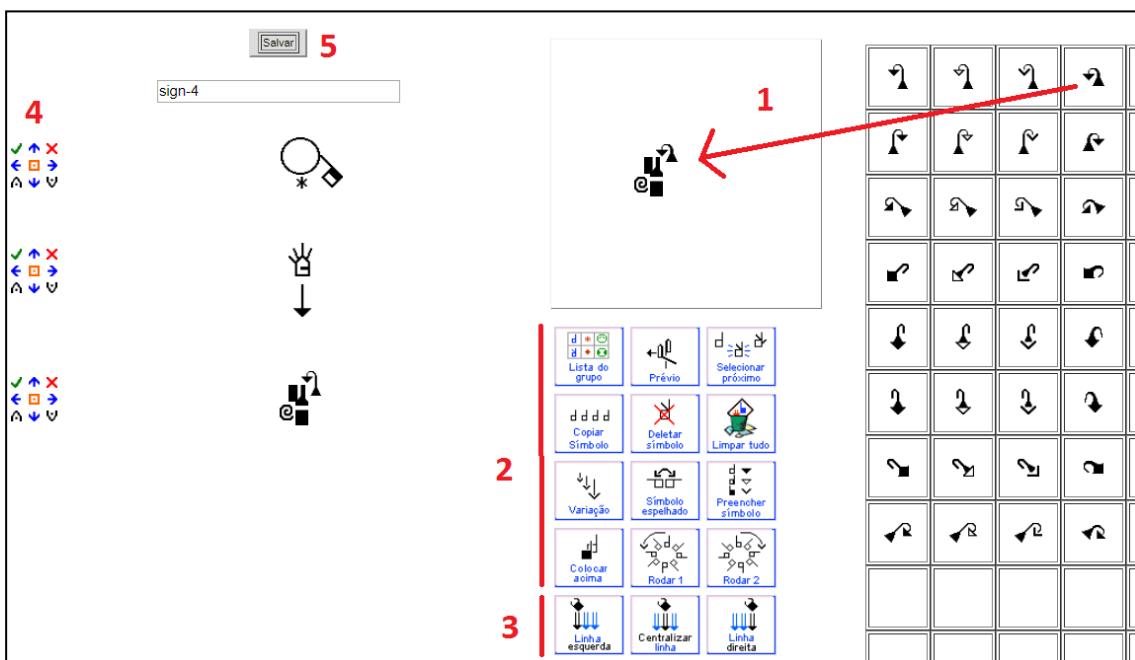
Figura 70-Sinal registrado e botões com funcionalidades



Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

No nono botão, Sinal Texto, pode-se escrever um texto diretamente em sinais num editor de texto em SW (Figura 71), fazendo os passos a seguir:

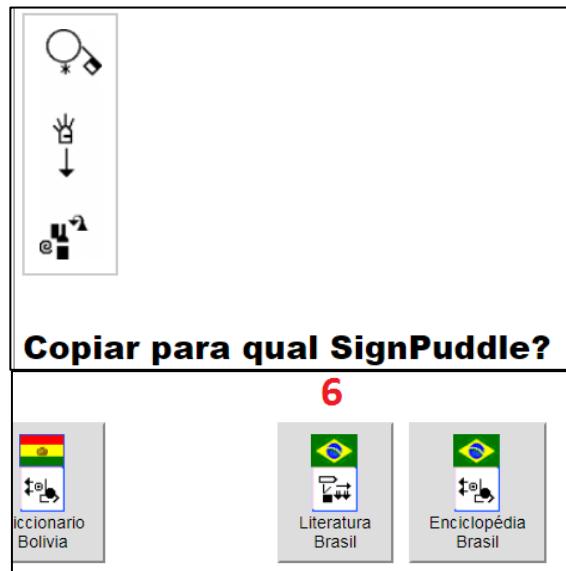
Figura 71-Ferramenta de escrita de texto em sinais



Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

- 1- Clicar e arrastar um símbolo para a caixa de composição do sinal;
- 2- Ajustar, se necessário, algum símbolo, usando os botões de comando;
- 3- Selecionar uma trilha, uma posição (direita, central ou esquerda) para o sinal na coluna de texto que fica ao lado esquerdo da tela.
- 4- Se for necessário, os pequenos botões do lado esquerdo da coluna de texto servem para levar o sinal de volta à caixa de composição, mudá-lo de trilha, mudar sua ordem na coluna ou descartá-lo.
- 5- Por último, clicar em salvar.
- 6- É aconselhável selecionar o campo Literatura para salvar textos (Figura 72).

Figura 72-Sexto passo: copiar o texto em sinais para o campo Literatura

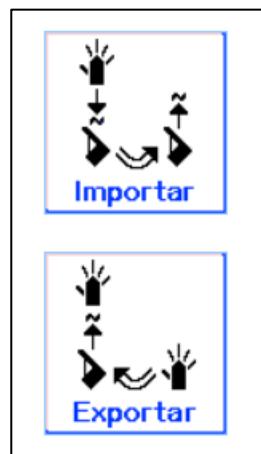


Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

- 7- O passo seguinte é preencher a caixa que se abre com os dados que se achar necessário para identificar o texto (conf. Figura 69).

O décimo e o décimo-primeiro botões, Importar e Exportar, selecionam sinais ou textos de um banco de dados, Dicionário ou Literatura, e fazem a transferência do conteúdo selecionado de um para outro (Figura 73).

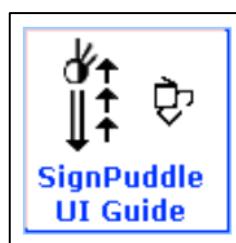
Figura 73-Botões importar e exportar



Fonte:
www.signbank.org/signpuddle2.0/

No décimo-segundo botão, *SignPuddle UI Guide* (Figura 74), há um guia de interface para o usuário que traz algumas informações que não se encontram no manual do SP. Para a ferramenta Traduzir há uma pequena explicação: “com o traduzir, você pode transformar a língua falada em LS. A tradução não entende gramática, mas procura por termos que correspondam”⁴² (SIGNPUDDLE, 2010, p. 9. Tradução do autor).

Figura 74-Botão do guia para usuários de SP

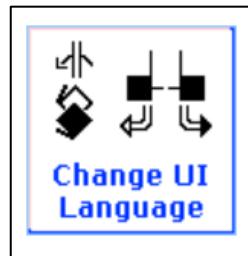


Fonte:
www.signbank.org/signpuddle2.0/

O décimo-terceiro botão, *Change UI Language*, traz a opção de mudar a língua de interface para o usuário (Figura 75).

⁴² With translate, you can transform spoken language into sign language. The translation does not understand grammar, but searches for terms that match.

Figura 75-Botão que altera a língua



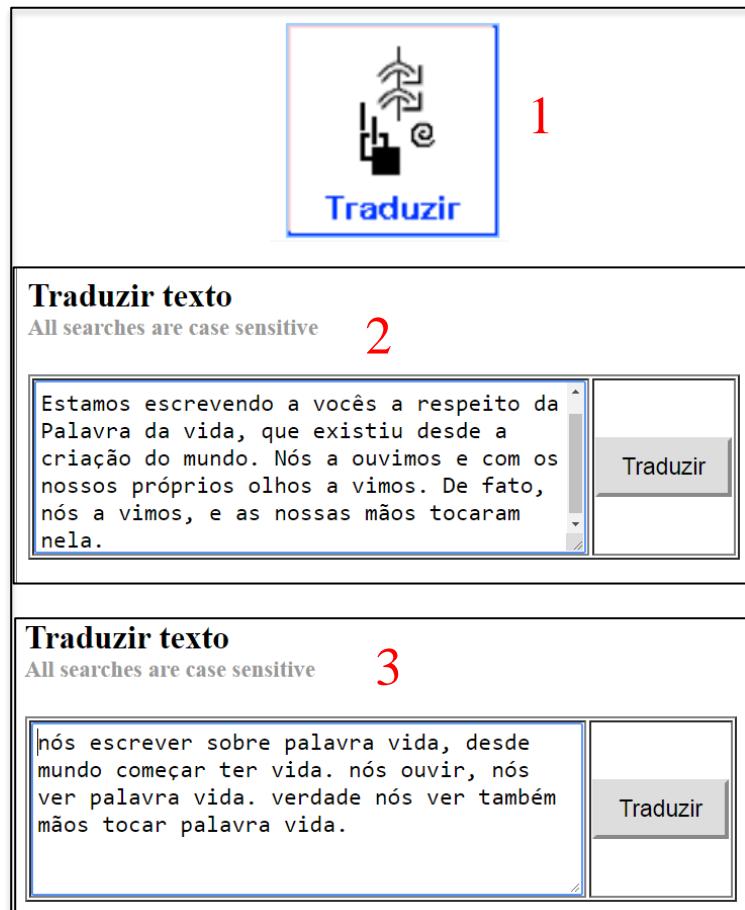
Fonte:
[www.signbank.org/sig
 npuddle2.0/](http://www.signbank.org/sig_npuddle2.0/)

Volto a falar da ferramenta Traduzir do SP, aplicada especificamente à tradução da I Epístola de João para a Libras, da qual apresento exemplos.

Início concordando com Ricardo Barros, quando afirma que “atualmente, o tradutor que opere o português e a Libras representada pelo SW, tem poucas opções de softwares que o auxiliem no ofício, sendo o SP o mais conhecido e utilizado internacionalmente” (BARROS, 2018, p. 14). Este programa limita-se a traduzir palavra-por-palavra, ou seja, “a substituição de uma palavra por outra equivalente. Para realizar a tarefa, o programa busca no banco de dados do dicionário um sinal que tenha sido registrado com a entrada igual à palavra digitada, e apresentará os sinais na mesma ordem” (2018, p 26). A ferramenta faz uma tradução direta no nível lexical.

Depois de clicar no botão Traduzir, escreve-se o texto na caixa que se abre. A limitação do programa exige uma edição do texto em português para adequá-lo à sintaxe e ao estilo da Libras e ao modo como foram grafadas as entradas para os sinais (Figura 76).

Figura 76-Botão da ferramenta traduzir e exemplo de texto e sua edição



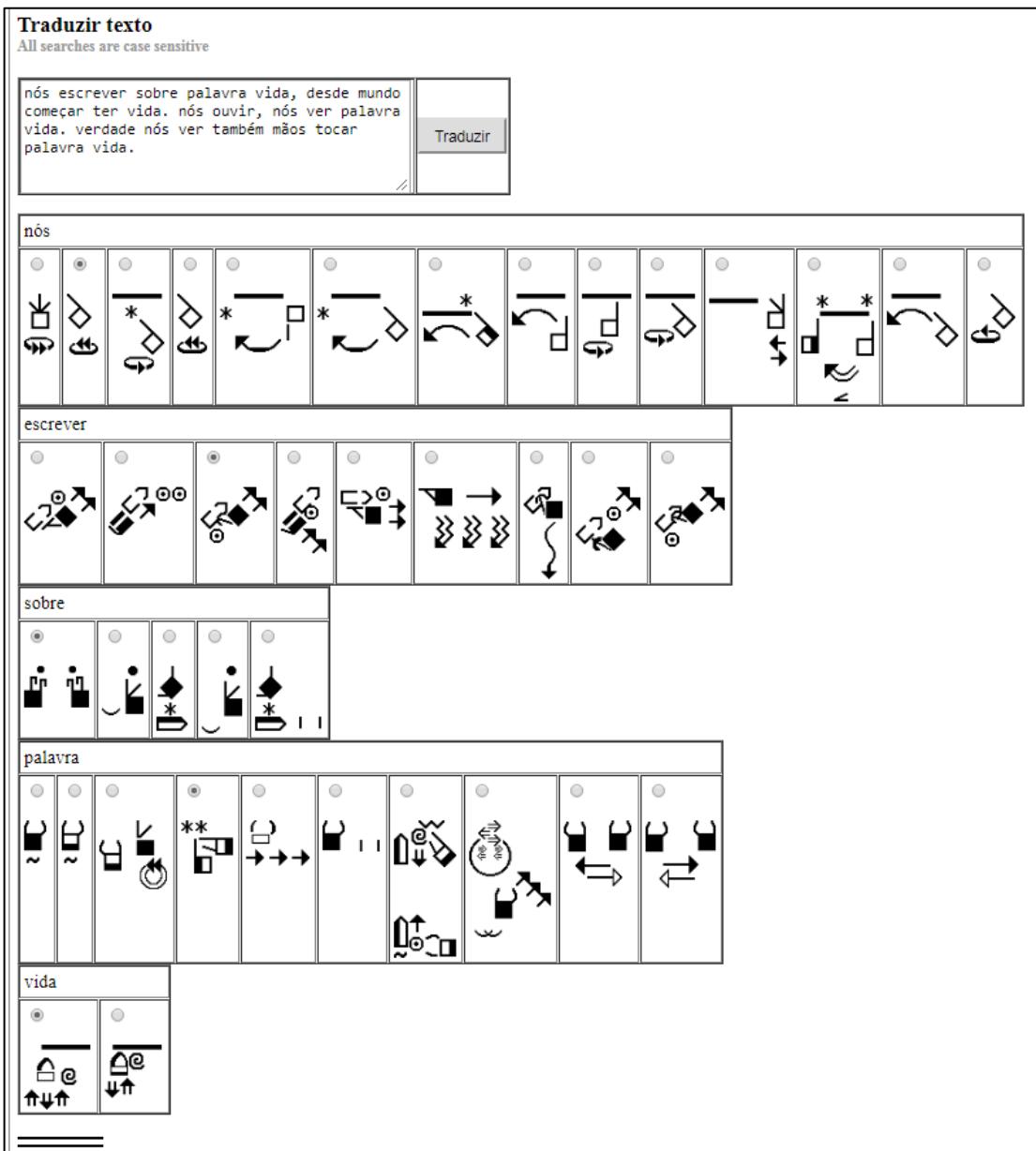
Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

Feitos os devidos ajustes, clica-se no botão Traduzir, do lado direito da caixa de texto, e a ferramenta opera da forma mais simples de tradução automática (conf. figura 76).

Na Tradução Automática Baseada em Regras, há um conjunto de regras a ser seguidas no momento da translação; em alguns casos, a regra está a nível lexical, e consiste basicamente na substituição da palavra em uma língua por uma palavra que se acredita equivalente em outra língua, processo conhecido como “tradução direta”; para tanto o sistema se servirá de um dicionário bilíngue para realizar a tarefa (BARROS, 2018, p. 18).

O banco de dados do dicionário, alimentado pelos usuários, fornece uma lista dos sinais vinculados às entradas para a ferramenta fazer a tradução palavra-por-palavra. Em seguida, deve-se fazer a seleção do sinal que se julgar mais adequado entre as opções para cada entrada marcando o botãozinho correspondente, acima de cada um (Figura 77).

Figura 77-Tela de seleção dos sinais disponíveis para cada termo do texto



Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

Pode acontecer de não haver entre as opções de sinais aquele que eu considere adequado ou escrito de forma correta e ainda ocorrer de a entrada não estar registrada. Neste último caso, surgirá um símbolo indicativo de termo não reconhecido (Figura 78). Para resolver isso, abro outra aba com o SP, vou à ferramenta Sinal Criador, escrevo o sinal que necessito, salvo-o no Dicionário Brasil e repito a operação Traduzir, no texto já editado, na aba em que eu estava trabalhando antes. Assim, o novo sinal surgirá entre as opções.

Figura 78-Símbolo indicativo de ausência de registro de um termo



Fonte:
www.signbank.org/signpuddle2.0/

No fim da lista, há o botão Atualizar. Ao se clicar nele, o conteúdo selecionado fica organizado em colunas. Logo acima delas, tem-se seis botões para executar funções que estarão disponíveis depois, exceto o botão Salvar para SignPuddle (Figura 79). Antes de clicar neste último e prosseguir com a tradução, eu costumo selecionar e copiar o texto da caixa de tradução para colá-lo numa das células de Termos e Títulos em um passo mais à frente.

Figura 79-Texto traduzido palavra-por-palavra para a Libras disposto em colunas e botões com funcionalidades

The interface shows a grid of sign language symbols arranged in columns. Above the grid are several buttons:

- A text input field containing the Portuguese sentence: "nós escrever sobre pessoa palavra vida, desde mundo começar ter pessoa vida. nós ouvir, nós ver. verdade nós ver também mãos pessoa tocar."
- A "Traduzir" button.
- Functional buttons below the input field: "Escrever SinalTexto", "ColumnMaker", "SinalMensagem", "Salvar para SignPuddle", "Copy Sign From SignText", and "Data Format".
- The main area contains a 5x6 grid of sign language symbols, each with a small number (e.g., 1, 2, 3, 4, 5) indicating its position or count.

Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

Salvo o texto escrito em Libras como está na pasta Literatura Brasil. Neste momento, abre-se uma caixa com células para serem preenchidas, igual a que se vê na figura 67 para salvar um sinal. Acrescento outros termos que ajudarão na busca, adiciono o texto bíblico que serviu de base para a tradução, ponho meu nome no campo Fonte e clico no botão Adicionar, na parte de baixo da caixa. O programa preenche automaticamente com a data da modificação da entrada e atribui a uma página do SP (Figura 80).

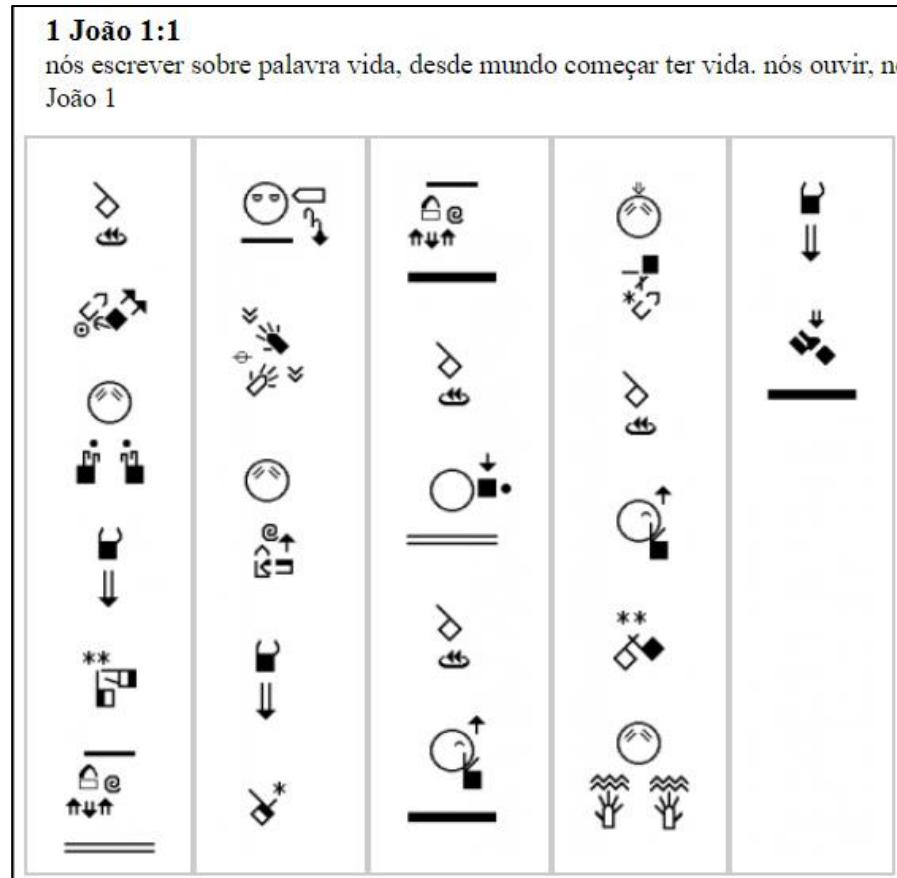
Figura 80-Caixa com células para preencher com termos e textos

Termos e Títulos:	1 João 1:1 nós escrever sobre pessoa Bíblia 1 João 1 João 1		
Texto:	Estamos escrevendo a vocês a respeito da Palavra da vida, que existiu desde a criação do mundo. Nós a ouvimos e com os nossos próprios olhos a vimos. De fato, nós a vimos, e as nossas mãos tocaram nela. 1 João 1:1		
Vídeo Markup:			
Fonte:	Josenilson Mendes		
Página começando:			
Página anterior:			
Página seguinte:			
		Atualizar	

Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

É normal que o texto em Libras tenha que ser editado na sequência. Expressões faciais e corporais, setas, símbolos de contato e dinâmica, orientação da palma, localização dos símbolos na coluna e pontuação podem ser ajustados, adicionados ou retirados. O texto traduzido que estava cru é então refinado, editado neste momento (Figura 81).

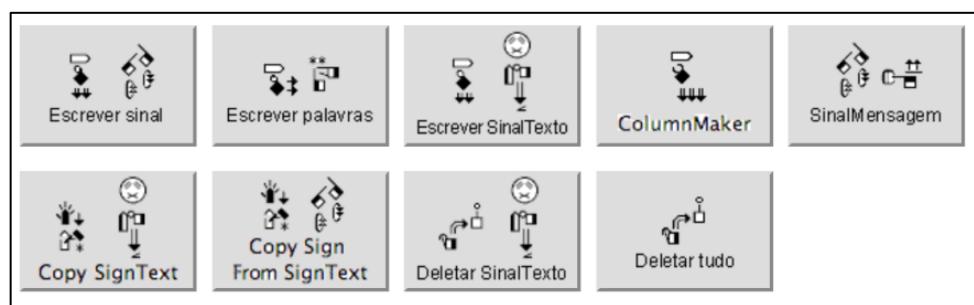
Figura 81-Texto em Libras editado após a tradução automática



Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

Botões localizados abaixo das colunas de texto oferecem nove funções que descrevo a seguir (Figura 82).

Figura 82-Botões com funcionalidades de manipulação do texto



Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

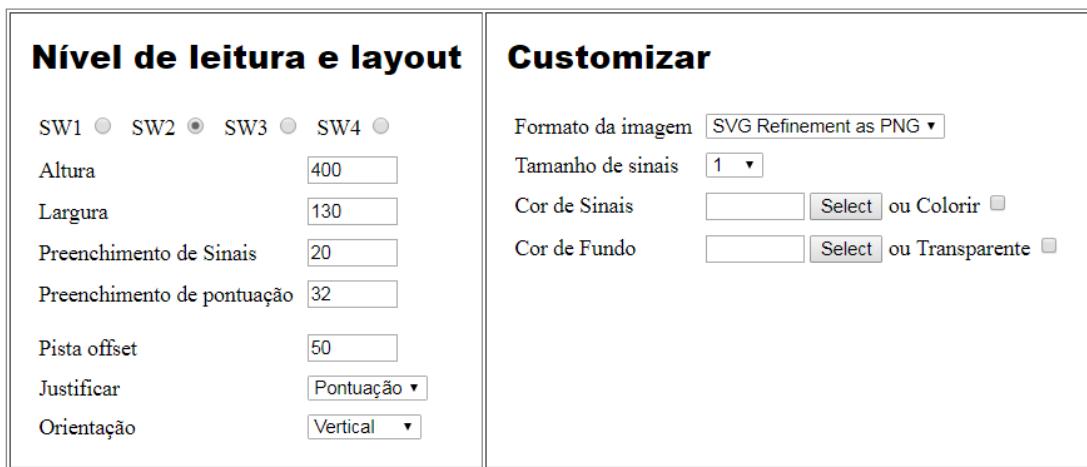
O primeiro botão, Escrever sinal, permite criar um sinal para identificar o texto em SW. O sinal ficará localizado ao lado direito das colunas.

O segundo botão, Escrever palavras, possibilita corrigir, adicionar ou apagar qualquer palavra ou texto na caixa destinada a isto.

O terceiro botão, Escrever Sinal Texto, abre a página do editor de texto (conf. Figura 69). Nele, não se pode acrescentar ou substituir os sinais por outros do dicionário, apenas usar as ferramentas do próprio editor. Isto dificulta o tempo da tradução, pois obriga o tradutor a construir o sinal que poderia selecionar do dicionário. Esta é ferramenta que mais uso, pois nela posso refinar a tradução, fazendo os ajustes necessários para adequar às características da modalidade da Libras. O uso do espaço com função sintática, explicitado pelo posicionamento do sinal numa das trilhas, expressões faciais que alteram a morfossintaxe dos sinais, presentes em orações interrogativas e com foco são exemplos de ações realizadas.

O quarto botão, ColumnMaker (criador de coluna), proporciona manipular largura e altura das colunas de texto, o preenchimento e espaçamento entre sinais e também pontuação, alterar o formato da imagem, tamanho, cor e fundo dos sinais (Figura 83).

Figura 83-Caixa de funcionalidades do criador de colunas de texto



Fonte: www.signbank.org/signpuddle2.0/

O quinto botão, Sinal Mensagem, permitiria enviar o texto por *e-mail*, mas esta funcionalidade está desativada.

O sexto botão, Copy Sign Text (copiar texto em sinais), serve para copiar o texto para outro SP.

O sétimo botão, Copy Sign From Sign Text (copiar sinal de um texto em sinais), possibilita salvar um sinal do corpo de um texto para um dicionário.

O oitavo botão, Deletar Sinal Texto, permite apagar apenas o texto em SW.

O nono botão, Deletar tudo, concede ao autor apagar todo o conteúdo do título.

Neste capítulo, descrevemos o modo de operar o programa SP e sua ferramenta de tradução automática e apresentamos suas possibilidades e limitações de uso na tradução

assistida por computador para línguas de sinais. A principal limitação da ferramenta é traduzir apenas no nível lexical, contudo a ferramenta de edição de texto em sinais minimiza a limitação da ferramenta de tradução ao permitir as adequações necessárias no texto na língua alvo.

No próximo capítulo, temos a tradução da I Epístola de João para a Libras escrita pelo sistema SW executada com o auxílio das ferramentas disponíveis no SP.

5 TRADUÇÃO

Iniciei o trabalho de tradução da I Epístola de João para a Libras em setembro de 2016 e o concluí em outubro de 2017. O trabalho foi realizado lentamente, enquanto ministrava aulas de estudo bíblico dominicais sobre a I Epístola de João para surdos, na Igreja Betesda de Fortaleza.

O texto da I Epístola de João, na página seguinte, está apenas em Libras, com capítulos e versículos indicados por numerais indo-arábicos. A opção pelo uso caracteres numéricos é justificada pelo compartilhamento desta forma de registro entre surdos brasileiros e pela facilidade de identificação de partes específicas do texto.

As configurações utilizadas na ferramenta de customização das colunas de texto em sinais são as seguintes: padrão SW2 de coluna, altura da coluna em 600, largura da coluna em 150, preenchimento de sinais em 20, preenchimento da pontuação em 20, pista *offset* em 50, justificar selecionado em “tanto” (significa ambos!), orientação vertical do texto, formato da imagem em *SVG Refinement as PNG*, tamanho de sinais em 0.9 e sem seleção de cor de sinais ou cor de fundo.

O título tem as mesmas configurações do texto, com exceção da altura da coluna em 300 e o preenchimento de sinais em 15.

As imagens geradas na ferramenta *online* foram copiadas, coladas no documento e ajustadas no tamanho para uma altura de 6cm. O título sofreu pouca diminuição.

Como resultado destas configurações, temos um texto distribuído em dez páginas, com quatro blocos de texto por página em uma folha A4, com uma média de seis sinais por coluna, sem contar com a pontuação.

O comentário da tradução segue após o texto em Libras, no capítulo 6.



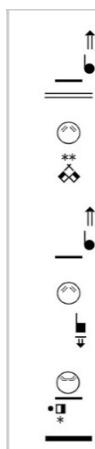
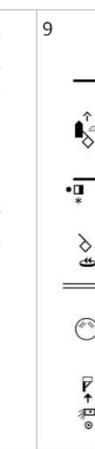
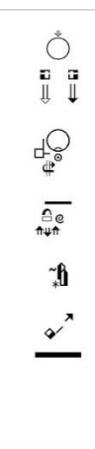
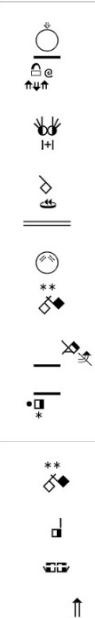
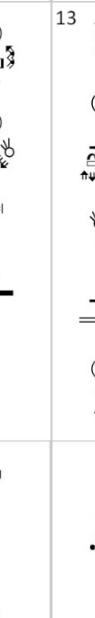
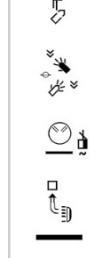
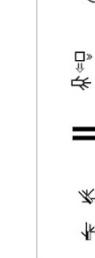
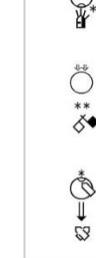
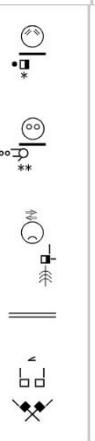
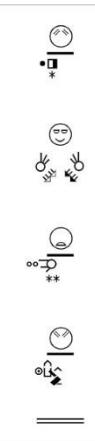


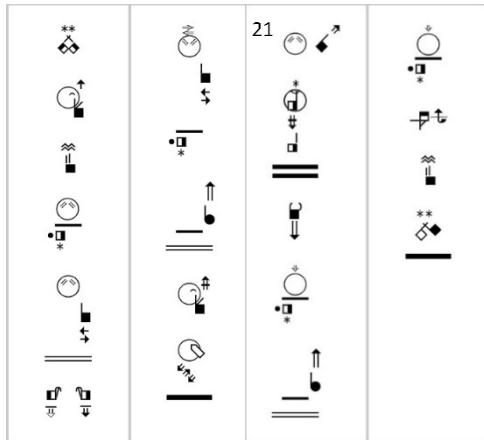
12		13			14		

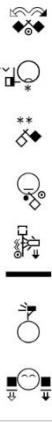
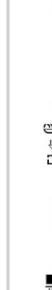
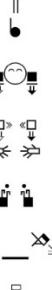


12				
15				
18				
21				
22				



11 	9 	10 	11 	12 	13 	14 
15 	16 	17 	18 	19 	20 	11 
15 	16 	17 	18 	19 	20 	11 
15 	16 	17 	18 	19 	20 	11 



5			2			3			4	
5			6			7			8	
9			10			11				

12		13		14	
15		16		17	
18		19		20	
		21			

6 TRADUÇÃO COMENTADA

Antes de passar ao comentário da tradução, faço uma exposição das teorias que fundamentam as escolhas e procedimentos tradutórios na I Epístola de João para a Libras pelo sistema SW.

6.1 Referencial teórico

Fazemos uma tradução comentada que explana embasamentos teóricos, escolhas tradutórias, justificativas para estratégias adotadas objetivando prover material para discussão sobre tradução para a Libras na modalidade escrita.

Primeiramente, vejamos como concebemos a tradução comentada:

Talvez uma das propriedades da tradução comentada em contexto acadêmico resida no registro do percurso tradutório do estudante, que deixa transparecer, por seus comentários de tipos diversos, suas dúvidas, suas escolhas iniciais, suas escolhas finais, seus embasamentos teóricos para os gestos cognitivos ou intuitivos, as justificativas das estratégias tomadas e os procedimentos fundamentais que colaboraram para a sua realização (ZAVAGLIA, RENARD & JANCZUR, 2015, p. 349).

As autoras, Zavaglia, Renard e Janczur, consideram este gênero textual como ainda em construção, pouco discutido, muito utilizado em dissertações de mestrado e que merece um lugar de reflexão no domínio dos Estudos da Tradução (2015, pp. 331 e 350).

Neste trabalho, as línguas envolvidas são de modalidades distintas. O termo “modalidade” refere-se tanto ao modo de expressão da estrutura linguística de uma língua que pode ser sinalizada/falada ou escrita, sem caracterizar uma dicotomia estrutural linguística, como se refere também ao plano articulatório-perceptual intrínseco à natureza das línguas, sejam elas orais-auditivas ou gestuais-visuais, aí, sim, caracterizando estruturas linguísticas distintas, corroborando com Quadros a respeito dos estudos sobre os **efeitos de modalidade** ao dizer que:

as evidências têm sido identificadas como consequências das diferenças nos níveis de interface articulatório-perceptual. Algumas investigações têm ainda levantado algumas hipóteses quanto à (sic) possíveis diferenças no nível da interface conceptual implicando em uma semântica enriquecida em função de propriedades visuais-espaciais (QUADROS, 2006, pp. 171 e 172).

Além da semântica, a sintaxe espacial e a morfologia dos sinais são afetadas.

O efeito de modalidade é um termo usado em psicologia experimental, mais frequentemente nos campos que lidam com memória e aprendizagem, na teoria da carga cognitiva (CASTRO-ALONSO & SWELLER, 2020), e afirma que o desempenho do aluno depende do modo de apresentação dos conteúdos estudados. O termo também se relaciona às pesquisas envolvendo memória de trabalho na tradução/interpretação.

Quadros e Souza elencam quatro exemplos de efeito de modalidade na tradução de textos escritos de língua portuguesa para a Libras na sua “versão ‘oral’... expressão em sinais” (2008, p. 175): a corporeidade do tradutor no ato da tradução, a tradução é uma versão filmada, concomitância de sinais e palavras (legendas), e a quadridimensionalidade, pois utilizam as dimensões de espaço e tempo encenadas linguisticamente (QUADROS & SOUZA, 2008, pp. 175-179). Rodrigues aponta mais dois efeitos: velocidade de articulação e quantidade de itens lexicais necessários para transpor a mensagem (RODRIGUES, 2012, pp. 104 e 105).

Efeitos de modalidade, nesta pesquisa, são identificados na tradução para a Libras escrita pelo sistema Sutton. Evidentemente, esses efeitos são distintos, em alguns aspectos, daqueles identificados na tradução para a modalidade sinalizada/oral da Libras, em vídeo. A corporeidade do tradutor no ato da tradução não ocorre e a tradução não é uma versão filmada (QUADROS & SOUZA, 2008, pp. 175-179), pois o produto é um texto escrito. A velocidade de articulação (RODRIGUES, 2012, pp. 104 e 105) também não se aplica ao texto escrito em Libras.

Outro efeito de modalidade que não ocorre é a concomitância de sinais e palavras, possível e usual em vídeos. O texto está traduzido apenas para a Libras escrita sem legendas em português.

As modalidades distintas entre línguas orais e línguas de sinais, ou seja, o meio ou canal em que cada uma delas se realiza, “acarreta aos seus ‘falantes’ condições de conhecimento de mundo ainda mais diversas e singulares, que refletem no contexto que influencia a materialidade da tradução e que é influenciado por ela” (SANTIAGO, 2012, p. 37).

A mesma compreensão tem Adail Sobral referindo-se especificamente às possibilidades de expressão, à dimensão articulatória da língua, e pode-se incluir a dimensão perceptual, que ela “reveia haver na LIBRAS – como em todas as outras línguas – uma dimensão que vai além dos sinais/das palavras, uma dimensão que constitui o universo em que a língua se forma e se reforma...” (SOBRAL, 2018, p. 131).

A terminologia para a modalidade articulatório-perceptual de línguas orais está resolvida. Ela é, no entanto, flutuante quanto às línguas de sinais. Chamada de “espaço-visual” por Ferreira-Brito ([1995] 2010, p. 11), por Bernardino (2000, p. 17), por Fernandes (2003, p. 21), por Carrancho da Silva (in FERNANDES, 2011, p. 39) e por Costa (2018, p. 14); de “visual-motora” na Lei 10.436 (BRASIL, 2002); de “visuoespacial” por Quadros & Karnopp (2004, p. 24) e por Fernandes (2011, p. 29); de “viso-espacial” por Nicoloso & Silva (2009, p. 94) e Quadros (2008, pp. 96 e 145); de “visual-gestual” e “espaciovisual” por Gesser (2009, pp. 19 e 23); de “visual-espacial” e “gesto-visual” por Segala (2010, pp. 14 e 27); de “gestual-visual” por Santiago (2012, p. 37) e por Albres (2015, p. 29); de “espaço visual”, “visual-espacial” e “cinésico-visual”, no mesmo livro, por Wanderley (2015, pp. 14 e 36); de “gestual e visual” por Barreto & Barreto (2015, p. 61) e de “viso-gestual” por Montero & Ferreiro (2018, p. 166). De qualquer modo, podemos perceber que o caráter perceptual, o visual, é sempre destacado.

A visualidade é referida como o principal artefato cultural do povo surdo, “é a experiência visual em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades...” (STROBEL, 2018, p. 44). Ela também é identificada como as “marcas surdas”: “olhar” e “presencialidade” por Chiella (2007, p.115).

Além do modo de recepção, a dimensão perceptual, a modalidade da Libras é marcada por um modo específico de produção e expressão, a dimensão articulatória. Neste caso, a terminologia usada como par, seja como primeiro ou segundo elemento, é variada: espaço/espacial, gesto/gestual, cinésica(o) e motora, sendo a primeira a mais recorrente.

A tradução em foco pode ser facilmente classificada, segundo Jakobson (1975), como interlingual, pois parea sistemas linguísticos distintos, e, por tratar-se de tradução entre línguas de modalidades articulatório-perceptuais diferentes, “pode ser considerada uma **Tradução Intermodal**.” (SEGALA, 2010, p. 28). Mas, considerando a modalidade escrita de expressão da estrutura linguística, é também **Tradução Intramodal** (RODRIGUES, 2018, p. 306; RODRIGUES & FERREIRA, 2020, p. 116)⁴³, ou seja, tradução de um texto fonte escrito para um texto alvo escrito. A classificação para este tipo de tradução é recente e o uso da nova terminologia não está amplamente difundido nos Estudos da Tradução.

⁴³ Os autores utilizam o termo “intramodal” considerando apenas para o plano articulatório-perceptual das línguas envolvidas na tradução. Utilizamos aqui o mesmo termo e conceito considerando também o plano de expressão da estrutura linguística das línguas envolvidas na tradução.

Quanto à morfologia da Libras, assim como de outras LS, os sinais/palavras pertencem a categorias lexicais como substantivo, verbo, adjetivo, advérbio etc, como as palavras de todas as línguas humanas.

A formação de sinais da Libras depende de

um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinadas. Entretanto, as línguas de sinais diferem das línguas orais no tipo de processos combinatórios que frequentemente cria palavras morfológicamente complexas. Para as línguas orais, palavras complexas são muitas vezes formadas pela adição de um prefixo ou sufixo a uma raiz. Nas línguas de sinais, essas formas resultam frequentemente de processos não-concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização... (QUADROS & KARNOOPP, 2004, p. 87)

O léxico da Libras é composto por léxico nativo e não-nativo. O léxico não-nativo é enriquecido por sinais de outras LS e por palavras de línguas orais via soletração manual (QUADROS & KARNOOPP, 2004, pp. 88 e 89)

Quanto à sintaxe, a Libras, como outras LS, apresenta uma organização espacial complexa das relações gramaticais.

No espaço onde são realizados os sinais, o estabelecimento nominal e o uso do sistema pronominal são fundamentais para tais relações sintáticas. Qualquer referência usada no discurso requer o estabelecimento de um local no espaço de sinalização (espaço definido na frente do corpo do sinalizador), observando várias restrições. (QUADROS & KARNOOPP, 2004, p. 127)

Ainda me serviu como base teórica a obra *Procedimentos técnicos da tradução – uma nova proposta, de Barbosa* ([1990] 2004), o ensaio *Português e Libras em diálogo: os procedimentos de tradução e o campo do sentido*, de Vânia Santiago (2012), em paralelo com a pesquisa apresentada no artigo: *Uma análise da interpretação da Bíblia para a LIBRAS à luz dos procedimentos técnicos da tradução*, de Ester Fidelis (2012), a crítica ao modelo de tradução de Barbosa feito por Jacqueline Bezerra (1999) e o modelo de Francis Aubert (1998) no artigo *Modalidades de tradução: teoria e resultados*.

Barbosa elenca treze procedimentos técnicos da tradução inspirada principalmente na obra dos autores Vinay e Darbelnet (1977): a tradução palavra-por-palavra, a tradução literal, a transposição, a modulação, a equivalência, a omissão *versus* explicitação, a compensação, a reconstrução de períodos, as melhorias, a transferência (que abrange o estrangeirismo, a transliteração, a aclimatação e a transferência com explicação), a explicação, o decalque e a adaptação. A autora defende uma categorização dos procedimentos técnicos da tradução pelo

grau de “convergência ou divergência linguística e extralingüística entre a LO e a LT⁴⁴”, agrupando nas seguintes categorias: com convergência do sistema linguístico, do estilo e da realidade extralingüística; com divergência do sistema linguístico; com divergência do estilo; com divergência da realidade extralingüística (BARBOSA, [1990] 2004, pp. 91 e 92).

A proposta de recategorização dos procedimentos técnicos da tradução de Barbosa chega a duas conclusões: hierarquizá-los pela frequência com que são usados não é producente e, por isso, defende a categorização dos procedimentos em quatro eixos pelo grau de convergência ou divergência linguística e extralingüística entre as línguas e “em uma ordem que vai do mais simples para o mais complexo” (BARBOSA, [1990] 2004, pp. 90, 91 e 100).

“Os procedimentos tradutórios podem, na verdade, ser escolhidos de acordo com a proximidade ou distância entre os sistemas linguísticos envolvidos em um ato tradutório e entre as realidades extralingüísticas que representam” (BARBOSA, [1990] 2004, p. 124). A Libras e o português brasileiro, por exemplo, ocupam o mesmo espaço geográfico, portanto a mesma realidade extralingüística, mas a modalidade do plano articulatório-perceptual das línguas envolvidas na tradução em questão é totalmente diversa, acarretando modos de percepção e representação diferentes das realidades extralingüísticas.

Pode-se concluir que a modalidade articulatório-perceptual das línguas molda, influí, caracteriza como as línguas recortam linguisticamente a realidade extralingüística (BARBOSA, [1990] 2004, p. 92), ou seja, como esta é percebida e, por conseguinte, como é representada. Por tanto, pode haver convergência na realidade extralingüística, divergência no sistema linguístico e divergência no estilo.

Santiago (2012) e Fidelis (2012) aplicam à Libras a classificação dos procedimentos feita por Barbosa sem uma crítica ao seu modelo, fazendo apenas ressalvas quanto à inadequação de alguns procedimentos na tradução do par português/Libras. Ademais, Santiago (2012) refere-se apenas a “procedimentos de tradução”, eliminando o termo “técnicos” usado por Barbosa ([1990] 2004). Santiago argumenta que “a palavra *técnico* traz consigo o sentido de algo padrão ou operacional” (SANTIAGO, 2012, p. 35) que pode ser reproduzido, mas não explica a supressão do termo.

As duas autoras, Santiago (2012) e Fidelis (2012), trabalham com a tradução para a Libras na sua modalidade sinalizada/oral.

Bezerra (1999) reagrupa os procedimentos propostos por Barbosa, comparando-os com as modalidades propostas por Aubert (1984). Ela afirma que “a transposição, a modulação, a

⁴⁴ LO-língua original; LT-língua da tradução.

reconstrução de períodos e a explicação [...] poderiam ser considerados subcategorias da equivalência”, que tradução literal englobaria o procedimento palavra-por-palavra (1999, p. 36), a explicação seria uma subcategoria de explicitação, propõe a amplificação⁴⁵ (1999, p. 37) e julga que o modelo de Barbosa, “apesar de abrangente, não engloba todos os recursos que podem ser utilizados na tradução” (1999, p. 39).

Aubert (1998), também baseado em Vinay e Darbelnet (1958), propõe “um modelo para a pesquisa tradutológica baseada em corpus e com possibilidade de análise quantitativa” (1998, p. 99). O autor expõe treze pontos que expressam uma graduação da diferenciação entre o texto fonte e o texto alvo, estabelecendo modalidades de tradução: omissão, transcrição, empréstimo, decalque, tradução literal, transposição, explicitação/implicitação, modulação, adaptação, tradução intersemiótica, erro, correção e acréscimo.

Enquanto Barbosa ([1990] 2004) e Santiago (2012), baseadas em Vinay e Darbelnet (1977) dão a entender que os procedimentos de tradução são estratégias disponíveis ao tradutor antes de realizar a tradução, Aubert (1984 e 1998), também baseado em Vinay e Darbelnet (1958)⁴⁶, e Bezerra (1999) indicam modalidades que têm caráter descritivo dos “recursos empregados espontaneamente pelo tradutor no momento em que exerce a sua atividade” (BEZERRA, 1999, p. 40). Por esse motivo, Aubert propõe que erro seja uma modalidade de tradução e Barbosa não o inclui entre os procedimentos. Eu também não.

Referir-me-ei aos recursos empregados na tradução da I Epístola de João para o sistema SW como procedimentos tradutórios.

Considerando a proposta de categorização e os procedimentos tradutórios de Barbosa ([1990] 2004) e as modalidades de tradução propostas por Aubert (1998), proponho e descrevo, em seguida, procedimentos tradutórios evolvendo línguas de modalidade articulatório-perceptual gesto-visual e oral-auditiva e na modalidade de expressão escrita da estrutura linguística de LS e de línguas orais. Os mesmos procedimentos tradutórios podem ser aplicados entre pares de LS e pares de línguas orais.

Os procedimentos tradutórios serão distribuídos, conforme elaborado por Barbosa ([1990] 2004, pp. 91 e 92), em quatro eixos: 1) convergência do sistema linguístico, da realidade extralingüística e do estilo; 2) com divergência do sistema linguístico; 3) com divergência do estilo; 4) com divergência da realidade extralingüística.

1) Eixo da convergência do sistema linguístico, da realidade extralingüística e do estilo.

⁴⁵ Quando há maior densidade semântica na língua alvo, conforme Vazquez-Ayora (1996, p. 56).

⁴⁶ VINAY, J.-P., DARBELNET, J. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Didier, 1958.

Línguas de mesma família e mesma cultura se enquadrariam na convergência do sistema linguístico.

Se houver duas línguas que compartilhem duas realidades com uma diferença mínima entre si, haverá convergência da realidade extralingüística.

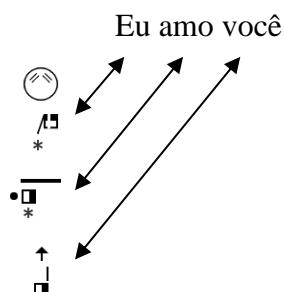
Havendo semelhança nos modos de expressão da linguagem, registro e/ou enunciados adequados a uma dada situação em línguas distintas, haverá convergência do estilo.

Em alguns casos, LS e línguas orais têm pontos de proximidade nos sistemas linguísticos, por exemplo: a ordem mais básica dos sinais/palavras na frase, sujeito-verbo-objeto (SVO), é uma estrutura aceita como gramatical também em LS (QUADROS, 2005, p. 139). Essa proximidade possibilita alguma convergência.

Transcrição. Este procedimento consiste em transcrever um segmento textual comum às línguas, por exemplo: sinal/palavra, “algarismos, fórmulas algébricas e similares” ou, ao contrário, de uma terceira língua, como “frases e aforismo latinos”. Também há transcrição se houver empréstimo na língua fonte que pertence à língua alvo (AUBERT, 1998, pp. 105 e 106).

Tradução literal. Este procedimento sobre um segmento textual traduzido para a língua alvo deve apresentar: a) o mesmo número de palavras; b) a mesma ordem sintática; c) as mesmas categorias gramaticais; d) opções lexicais sinonímicas no contexto específico. Será o mesmo que tradução palavra-por-palavra, como descrito por Aubert (1998, pp. 106 e 107). O modelo de Barbosa apresenta os dois procedimentos como distintos, mas ao final não se diferenciam. Ela ainda os iguala à omissão e à explicitação pelos exemplos dados em relação aos pronomes (BARBOSA, [1990] 2004, pp. 64, 65 e 68). Decalque, para Barbosa, seria também uma tradução literal para “sintagmas ou tipos frasais” ([1990] 2004, p. 76). Logo, seria apenas um tipo de tradução literal.

O exemplo abaixo é uma das poucas possibilidades de tradução literal entre português e Libras:



2) Eixo da divergência do sistema linguístico.

Neste eixo estão os procedimentos tradutórios adequados quando o tradutor trabalha com línguas que divergem no modo como recortam a realidade extralingüística e a organizam, seja no nível lexical, morfológico ou sintático (BARBOSA, [1990] 2004, p. 67).

Transposição. Este procedimento se dá quando ocorre rearranjos morfossintáticos pelo aumento ou diminuição de unidades lexicais, por exemplo: quando a sintaxe da língua alvo exige ou prescinde do pronome ou do artigo, pela inversão da ordem sintática dos sinais/palavras no mesmo período e pela alteração de classe gramatical. Ou seja, quando algum dos três primeiros critérios da tradução literal não for satisfeito (AUBERT, 1998, p. 107).

Modulação. Este procedimento ocorre pela “diferença no modo como as línguas interpretam a experiência do real” (BARBOSA, [1990] 2004, p. 67). Impõe-se “um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície” (AUBERT, 1998, p. 108), mantendo-se o efeito geral do sentido. Os significados podem distinguir, mas o sentido contextual se mantém. Este procedimento tradutório pode ser aplicado a expressões idiomáticas, provérbios, metáforas, clichês e outras formas fixas, incluindo quando o conteúdo da mensagem envolve o uso dos sentidos ouvir e ver. Neste caso, o recorte da realidade feito por ouvintes e por surdos não permite que algumas enunciações sejam intercambiáveis.

3) Eixo da divergência de estilo.

Sabendo-se que os modos de expressão da linguagem, registro e/ou enunciados adequados a uma dada situação variam em línguas distintas, “assim como variam as escolhas de uso da língua” (BARBOSA, [1990] 2004, p. 97), o tradutor deverá considerar divergência do estilo na escolha dos procedimentos tradutórios.

Omissão. Este procedimento ocorre quando um segmento textual com a informação que contém na língua fonte é excluído e não pode ser recuperado de modo nenhum na língua alvo. A razão para este procedimento pode ser por censura, limitações físicas de espaço, irrelevância do segmento textual e sua informação para a finalidade tradutória e outras situações (AUBERT, 1998, p. 105). Via de regra, não se omite ao traduzir.

Acréscimo. Este procedimento ocorre quando um segmento textual com informação que não consta no texto fonte é incluído no texto alvo. Pode ser um comentário velado, uma elucidação pela relevância da informação no contexto do ato tradutório (AUBERT, 1998, p. 109). Por exemplo; quando o texto fonte diz o nome de um personagem e o seu sinal na LS, se existir, é acrescido ao texto alvo.

Explicitação/Implicitação. Estes são procedimentos opostos que ocorrem quando o tradutor opta, ora por tornar uma informação implícita no texto fonte em explícita no texto alvo, por “aposto explicativo ou parentético, paráfrase, nota de rodapé etc”, ora por tornar uma

informação explícita no texto fonte em referência implícita, mas recuperável, no texto alvo (AUBERT, 1998, p. 107).

Reconstrução de períodos. Este “consiste em redividir ou reagrupar os períodos e orações” da língua fonte na língua alvo (BARBOSA, [1990] 2004, p. 70).

Compensação. Este procedimento consiste em usar um recurso estilístico da língua alvo equivalente ou semelhante ao usado na língua fonte em um segmento textual correspondente, ou deslocá-lo para outro segmento no texto da língua alvo. As rimas e os trocadilhos são exemplos de recursos estilísticos que podem passar por este procedimento.

Correção. O tradutor pode optar por fazer a correção de algum erro ou inconsistência, seja factual ou linguístico, presente no texto fonte (AUBERT, 1998, p. 109) Barbosa denomina o mesmo procedimento como *melhoria* (BARBOSA, [1990] 2004, p. 70).

4) Eixo da divergência da realidade extralingüística.

Neste eixo estão os procedimentos mais adequados no processo tradutório quando não há uma realidade extralingüística compartilhada entre as línguas, ocasionando “divergência no léxico e até nos modos expressivos” (BARBOSA, [1990] 2004, p. 97).

Empréstimo. Este procedimento consiste em introduzir um segmento textual da língua fonte na tradução (BARBOSA, [1990] 2004, p. 71). O modo como o empréstimo é realizado pode ter as seguintes variações: a) estrangeirismo, b) transliteração e c) aclimatação.

- Estrangeirismo consiste em “um empréstimo vocabular não integrado à língua que o toma, conservando da outra os fonemas, a flexão e a grafia”. Barbosa denomina este procedimento como *transferência* ([1990] 2004, p. 72). Como exemplos, pode-se inserir um sinal da ASL escrito pelo sistema SW em um texto em Libras ou pode-se inserir uma palavra em português ou grego, escritos nos alfabetos correspondentes, em um texto em Libras.

Ex.: , sinal da ASL, para “eu amo você”, inserido sem modificação na Libras.

- Transliteração “consiste em substituir uma convenção gráfica por outra” (BARBOSA, [1990] 2004, p. 73). Pode-se usar o alfabeto da Libras em SW para transliterar termos escritos em alfabeto latino. Outros alfabetos não têm correspondentes convencionados em Libras que possibilitem a transliteração.

Ex.: a transliteração da frase “I love you” seria .

- Aclimatação é o processo pelo qual os empréstimos de palavra ou expressão são inseridos na língua alvo por meio de adaptações gráficas e/ou morfológicas

(BARBOSA, [1990] 2004, p. 73; AUBERT, 1998, p. 106). Os autores também o chamam de *decalque*. Como se trata também de um processo, os falantes da língua podem adotar a proposta de tradução ou rejeitá-la.

Ex.: o advérbio “nunca” foi inserido na Libras como um empréstimo transliterado,



sofreu processo de aclimatação e pode ser escrito . Há outras variantes.

Tradução intersemiótica. Em casos muito específicos, é necessário informar da existência de “figuras, ilustrações, logomarcas, selos, brasões e similares” presentes no texto fonte por meio de descrição textual (AUBERT, 1998, p. 109).

Adaptação. Este é o procedimento considerado por Barbosa como “o limite extremo da tradução” ([1990] 2004, p. 76), quando a realidade extralingüística a que se refere o texto da língua fonte não existe na cultura dos falantes da língua alvo. Um tradutor pode, por exemplo, traduzir uma obra da literatura clássica e adaptar as características sensoriais de um personagem, tornando-o surdo, e das situações por que ele passa, priorizando a experiência visual, com o objetivo de alcançar a empatia de um leitor surdo. Isto é muito comum em literatura surda, contos de fadas e lendas.

Temos ao final dezesseis procedimentos tradutórios, se considerarmos cada um dos três tipos de empréstimos: estrangeirismo, transliteração e aclimatação, como procedimentos distintos. Os procedimentos tradutórios podem ser combinados, ocorrendo sobre um mesmo segmento textual.

No quadro a seguir, há um resumo da proposta de categorização dos procedimentos tradutórios em quatro eixos de convergência ou divergência do sistema linguístico e realidade extra linguística que pode servir aos pares: LS e língua oral, duas línguas orais e duas LS.

Quadro 3- Categorização dos procedimentos tradutórios

Convergência do sistema linguístico, da realidade extralinguística e do estilo	Divergência do sistema linguístico	Divergência do estilo	Divergência da realidade extralinguística
Transcrição			
Tradução literal			
	Transposição	Omissão	
	Modulação	Acréscimo	
		Explicitação	
		Implicitação	
		Reconstrução de períodos	
		Compensação	
		Correção	
			Empréstimo
			Estrangeirismo
			Transliteração
			Aclimatação
			Tradução intersemiótica
			Adaptação

Fonte: o autor

6.2 Comentário da tradução

Como descrito anteriormente e ilustrado pela figura 76, da seção 3.3, selecionei todo o versículo de 1 João 1:1, de uma das versões em português disponíveis, copiei-o e coleei-o no campo destinado a realizar a tradução para o SW, na ferramenta Traduzir do SP. Neste momento, fiz também o cotejo com outras traduções em espanhol, inglês e em grego koiné na internet.

Antes de comandar a tradução pelo programa SP, tenho que elaborar mentalmente uma versão em Libras para o texto e editá-lo para corresponder a entradas do dicionário do SP, na mesma sequência dos sinais da versão em Libras, uma vez que o programa traduz apenas no nível lexical, palavra-por-palavra, sem que, necessariamente, o texto faça sentido.

Artigos, algumas conjunções e preposições são eliminados, pois a Libras não os possui ou os despena. Os verbos são postos no infinitivo. Substantivos e adjetivos ficam prioritariamente no masculino singular. Tudo escrito em letra minúscula, excetuando nomes próprios. A ordem sintática também pode sofrer alterações para adequar-se à Libras.

Costumo manter aberta mais uma aba do SP, na ferramenta Dicionário, para verificar o registro ou não dos termos que editei na caixa de texto da ferramenta Traduzir. Se não eu encontrar o sinal desejado, abro mais uma aba do SP, na ferramenta Sinal Criador, escrevo o sinal e o salvo no dicionário correspondente à Libras.

Depois de feitos os devidos ajustes, dou o comando de traduzir. Ocasionalmente, alguma inconsistência ocorre, e o programa acusa o erro, conforme descrito com a figura 78, indicando não existir um sinal registrado para o termo digitado. A solução pode ser corrigir a escrita da entrada na caixa de tradução ou escrever e salvar um sinal no dicionário.

Feita a tradução direta no nível lexical pelo programa, a ferramenta oferece uma série de opções de sinais registrados para cada entrada na caixa de texto. Neste momento, selecionei um dos sinais para cada entrada e clico no botão Atualizar. O texto em Libras aparece disposto em colunas logo abaixo da caixa com o texto em português editado.

Salvo o texto em português e em Libras como estão na pasta Literatura Brasil. Crio algumas referências que permitirão encontrar o texto na ferramenta de busca.

O versículo ainda precisará de uma edição nos sinais. As expressões não manuais (faciais e corporais), setas e símbolos de contato que descrevem os movimentos, a orientação da palma da mão, pontuação, símbolos de dinâmica e o uso de classificadores⁴⁷ (CL) que devem ser escritos quando necessário, são algumas das operações que podem ser feitas. O botão Escrever Sinal Texto me permite realizar a edição no texto já em Libras.

Estas etapas descritas se repetiram durante todo o processo de tradução da I Epístola de João.

⁴⁷ Classificadores são propriedades morfológicas complexas de configuração de mão, movimento e locação que encerram características e qualidades de um referente e a ação sofrida ou executada por ele.

A tradução da I Epístola de João foi feita versículo a versículo⁴⁸, do final de 2016 a outubro de 2017. A decisão em fazer a tradução assim se deu pela facilidade de ir trabalhando porções menores de texto.

Seguiremos a mesma ordem de descrição dos procedimentos de tradução para a comentar a tradução da I Epístola de João para a Libras pelo sistema SW.

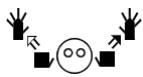
Transcrição. Iniciei decidindo fazer o procedimento tradutório de transcrição dos algarismos que enumeram capítulos e versículos em toda a epístola. Eu poderia fazer a transliteração, mas considerei usar os algarismos para facilitar a identificação de capítulos e versículos. O sistema ideográfico numérico indo-árabico é amplamente compartilhado e conhecido por surdos e ouvintes.

Tradução literal. Em 1 Jo. 1:3, tomei a decisão de traduzir o termo grego koiné Χριστοῦ (Christou, substantivo genitivo masculino singular), que já é a tradução do termo hebraico משיח הָ (ha Mashiach, transliterado e aclimatado em português como O Messias), pelo seu significado mais primitivo de “o ungido”, aquele sobre quem se derrama óleo. O CL usado

foi  (a mão esquerda vista de lado, com o indicador estendido, representa uma pessoa e a mão direita um pouco acima, palma para dentro, com o polegar e o mínimo estendidos, fazendo um movimento circular no plano chão, oriundo do sinal para óleo). Trata-se de uma tradução

literal do termo. Há outro sinal conhecido para Cristo, , mas que não traduz o significado. O sinal é, provavelmente, motivado por imagens de Cristo com um manto atravessado no corpo ou ainda pelo sinal de governar em Libras que faz o mesmo movimento, a mão parte do ombro esquerdo e vai até o quadril direito.

Em 1 Jo. 1:5, 6 e 7; 2:8, 9, 10 e 11, mantive a mesma linguagem metafórica da oposição

entre luz e treva em Libras. Para luz, escrevi  (registrado no SP como: luz) e para

treva, escrevi  (registrado no SP como: escuro). O sentido e o efeito de oposição são mantidos na língua alvo, pois a realidade extralingüística é compartilhada entre surdos e ouvintes, em sua grande maioria. A tradução literal, ao menos no nível lexical, foi possível.

⁴⁸ A Bíblia ainda manuscrita foi dividida em capítulos em 1227 por Stephen Langton. No mesmo século, o cardeal Hugo de Saint-Cher dividiu os capítulos de Langton em versículos de A a G. Em 1527, Paganino de Luca traduziu e dividiu o texto em versículos numerados. Robert Stephanus publicou uma versão impressa com capítulos e versículos, em 1553, em francês e, em 1555, em latim. A primeira Bíblia impressa com capítulos e versículos como se conhece hoje foi publicada em 1560. No fim do século XVI, judeus, católicos e protestantes adotaram a divisão em capítulos feita por Langton e a subdivisão em versículos feita por Stephanus.

Ainda em 1 Jo. 1:5, o verbo “é”, que traduz o termo grego *koiné εστιν* (*estin*, verbo no presente do indicativo na terceira pessoa do singular), é traduzido por  (registrado no SP como: é). A Libras, normalmente, não faz uso de verbo de ligação. O sinal é aplicado para dar ênfase ao predicado nesta e nas catorze ocorrências seguintes (1:9; 2:22 [duas vezes], 27, 29; 3:1, 2; 4:4, 7, 8, 16, 20; 5:1, 17).

Neste caso, fiz o procedimento de tradução literal da oração, considerando as traduções para o português, ARA, ARC, NAA, NVI e NTLH, que vertem “Deus é luz” ou uma transposição, considerando o texto em grego *koiné: ὁ θεὸς φῶς ἐστὶν (ho theos phōs estin, o Deus luz é)* que traz um artigo. A Libras não tem artigo, o que não lhe faz falta.

Transposição. Em Jo. 1:1, o sinal  (registrado no dicionário do SP como: escrever) não é flexionado e exige a presença do pronome como sujeito,  (registrado no SP como: nós), por isso o procedimento tradutório de transposição é necessário aqui e em toda a tradução da I Epístola de João para a Libras em casos semelhantes e na eliminação de artigos prescindidos na Libras, bem como preposições.

No mesmo versículo 1, o efeito de modalidade sobre a quantidade de itens lexicais necessários para transpor a mensagem (RODRIGUES, 2012, pp. 104 e 105) fica evidente no texto em língua alvo. Em Libras são apenas 23 itens lexicais, enquanto na língua portuguesa podem ser mais de 30 nas versões ARA, ARC, NAA, NTLH e NVI.

Em 1 Jo. 1:5, há uma transposição pela mudança de categoria gramatical de substantivo, “mensagem” (*ἀγγελία, angelia*, substantivo feminino singular nominativo), para verbo (, registrado no SP como: ensinar-me).

Não há sinal da Libras que traduza “mensagem” com o sentido de conteúdo, ensino, doutrina. A transposição do termo combinada com a modulação do segmento textual me pareceu a melhor escolha.

Em 1 Jo. 1:6, o procedimento tradutório de transposição do pronome  (registrado no SP como: nós) ocorre pela divergência do sistema linguístico da Libras em não conjugar os verbos existentes no trecho, como ocorre em português e em grego *koiné*, pelo acréscimo de morfemas flexionais. Contudo, julguei desnecessário repetir o procedimento para o verbo  (registrado no SP como: praticar) no final do versículo, pois o contexto permite saber que se trata da mesma pessoa.

Em 1 Jo. 2:5, os procedimentos tradutórios foram a transposição e a reconstrução de

períodos. A última oração do versículo 5 inicia por pronome demonstrativo antecedido de preposição, ἐν τούτῳ (*en toutō, em isto* - preposição e pronome demonstrativo singular neutro) traduzido para português como “Nisto”, na ARA, ARC e NVI, como “Nesta” na NAA e como “É assim que” na NTLH. A oração afirmativa tornou-se em Libras uma oração interrogativa. A



oração foi reconstruída e houve transposição pelo uso do advérbio interrogativo (registrado no SP como: como).

Em 1 Jo. 2:9, há um procedimento de transposição que desejo destacar, pois foi necessário menos unidades lexicais. A expressão “até agora”, como está na ARA, ARC, NAA e NTLH que traduz do grego koiné: ἔως ἡρτί (*heos arti*, preposição e advérbio: até agora) foi



traduzida por um só sinal, (registrado no SP como: até-agora, ainda).

Em 1 Jo. 2:15, há procedimento de transposição para traduzir o termo “amor”, como consta na ARA, ARC, NAA e NVI, que traduz o termo em grego koiné: ἀγάπη (*agapē*, substantivo feminino singular nominativo: amor), para a Libras, porque (registrado no SP como: amar, gostar) é um verbo e não um substantivo. Houve mudança da classe gramatical na língua alvo.

Em 1 Jo. 3:10, a sintaxe espacial da Libras exige uma transposição dada a disposição linear dos itens lexicais na escrita das línguas orais. O sistema SW permite dispor, no plano bidimensional, os itens lexicais em colunas e subdividir o espaço nelas em trilhas, uma à esquerda, uma ao centro e outra à direita, onde são estabelecidos referentes e suas relações gramaticais como ocorrem no plano tridimensional real.

Para o segmento “os filhos de Deus e os filhos do diabo”, na ARA, ARC, NAA, NVI e NTLH e em grego koiné: τὰ τέκνα τοῦ θεοῦ καὶ τὰ τέκνα τοῦ διαβόλου (*ta tekna tou theou kai ta tekna tou diabolou, os filhos do Deus e os filhos do diabo*) escrevi:



(filhos Deus)

filhos diabo).

Modulação. Em 1 Jo. 1:5, ocorre modulação no segmento “a mensagem que dele” na ARA, ARC, NAA e NVI, e em grego koiné: αὐτῇ ἡ ἀγγελία ἦν (*hautē hē angelia hēn, dele a*



mensagem que). O trecho é vertido como: (registrado no SP como: Jesus) e pelo verbo (registrado no SP como: ensinar-me) que pode ser entendido como “Jesus nos ensinou” pelo contexto, mantendo o sentido geral do segmento ainda que o significado dos termos utilizados sejam diferentes.

Também em 1 Jo. 1:5, ocorre modulação quando o pronome demonstrativo “esta”, (αὐτῇ, *autē*, pronome demonstrativo nominativo singular feminino) que está no início ou no final da primeira oração na ARA, ARC, NAA, NTLH e NVI, torna-se um pronome interrogativo, (registrado no SP como: que, quem), seguido do grafema que finaliza frase interrogativa. Procedimento semelhante ocorreu em 1João 2:25; 3:23; 4:10 e 5:11.

Em 1 Jo. 2:8, na última parte que diz: “Pois a escuridão está passando, e já está brilhando a verdadeira luz” na NTLH, “porque as trevas se vão dissipando, e a verdadeira luz já brilha” na ARA, “porque vão passando as trevas, e já a verdadeira luz alumia” na ARC, “porque as trevas vão se dissipando, e a verdadeira luz já brilha” na NAA e “pois as trevas estão se dissipando e já brilha a verdadeira luz” na NVI, fiz a escolha do procedimento tradutório de modulação ao traduzir “passando/dissipando”, no grego koiné: παράγεται (*paragetai*, verbo no

(registrado no SP como: claro), com o sentido de ir clareando. O símbolo de dinâmica para lento altera o aspecto do sinal para claro.

Na segunda oração, para traduzir “está brilhando”, em grego koiné: φαίνει (*phainei*, verbo no presente indicativo ativo na terceira pessoa do singular) e também “luz”, em grego koiné: φῶς (*phōs*, substantivo nominativo neutro singular), a modulação também ocorre ao

escolher apenas um sinal: (registrado no SP como: luz) que significa luz acesa, brilhando ou iluminando. Ainda escrevi a cabeça, como locação do sinal e o movimento na diagonal para baixo e para a esquerda, com a intenção de reforçar o sentido de iluminação, brilho, sobre alguém.

Pode-se dizer que as escolhas tradutórias feitas no versículo 8 são motivadas pelas

divergências de sistema linguístico e de estilo.

Em 1 Jo. 2:21, fiz modulações combinada com uma reconstrução de período, ao transformar a primeira oração negativa, “Não vos escrevi”, na ARA e ARC, “Não escrevi a vocês”, na NAA, “Não lhes escrevo”, na NVI e em grego koiné: οὐκ ἔγραψα ὑμῖν (ouk



egrapsa hymin, não escrevi a vocês) em uma afirmativa, , como na NTLH: “eu escrevo a vocês”, e a segunda oração, “porque não saibais a verdade”, na ARA, “porque não soubésseis a verdade”, na ARC, “porque não conhecem a verdade” na NAA e NVI e em grego koiné: ὅτι οὐκ οἴδατε τὴν ἀλήθειαν (*hoti ouk oidate tēn alētheian - porque não conhecem a verdade*) em



uma interrogativa, (*porque vocês verdade saber-não*), por uma questão de estilo.

Outra modulação em 1 Jo. 2:21 foi usada para traduzir “mentira alguma jamais procede da verdade”, na ARA, “nenhuma mentira vem da verdade”, na ARC e NTLH, “nenhuma mentira procede da verdade”, na NAA e NVI e em grego koiné: πᾶν ψεῦδος ἐκ τῆς ἀληθείας οὐκ ἔστιν (*pan pseudos ek tēs alētheias ouk estin, toda mentira de a verdade não é*) é vertido



em Libras como (*mentira verdade combinar-não*).

Em 1 Jo. 4:6, fiz uma modulação para a tradução em Libras do verbo “ouve”, na ARA, ARC, NAA, NVI e NTLH e em grego koiné: ἀκούει (*akouei*, presente ativo indicativo na

terceira pessoa do singular) mantendo o sentido de “dar atenção”. Escrevi o sinal (registrado no SP como: atenção-para-mim). Em 1 Jo. 5:14,15, para o mesmo verbo, usei o sinal



* (registrado no SP como: responder-me) acompanhado de uma seta de movimento diagonal

com função sintática. O contexto é de o de pedir algo a Deus e ele ouvir, ou seja, responder a quem pede.

Os CLs  , em 1 Jo. 1:2; 2:28; 4:2, 14; 5:20,  , em 1 Jo. 2:1, 18, 19, 22; 3:23; 4:2, 3; 5:6, 20,  , em 1 Jo. 2:19 e  (CL para pessoa vindo ou se aproximando em movimento diagonal da direita para a esquerda), em 1 Jo. 4:3, são modulações para exprimir ações realizadas ou sofridas por um agente.

Omissão. Em 1 Jo. 1:5, o procedimento de omissão do verbo “ouvimos”, que consta na ARC, NAA e NVI, em grego koiné: ἀκηκόαμεν (*akēkoamen*, verbo segundo ativo perfeito indicativo na primeira pessoa do plural), e não consta na NTLH, foi necessário devido ao outros procedimentos de transposição e modulação no mesmo segmento textual.

A tradução de um vocativo em português para a Libras, como em 1 Jo. 2:1, sofre um efeito de modalidade caracterizado por um elemento extralingüístico, a visualidade, chamada de “artefato cultural experiência visual” por Strobel (2018, p. 44) e que também pode ser entendida como o par de “marcas surdas”: “olhar” e “presencialidade”, quando Chiella afirma que “o olhar está diretamente relacionado ao uso da língua de sinais, à necessidade de presencialidade...” (CHIELLA, 2007, p. 115).

Este elemento molda a estrutura linguística da Libras dispensando o vocativo, posto que a Libras “é uma língua que acontece a partir do estabelecimento do olhar” (QUADROS & SOUZA, 2008, p. 111).

O uso de nome/sinal, substantivo ou adjetivo como chamamento não faz sentido, do ponto de vista pragmático, quando se está frente a frente e não é necessário chamar a atenção já estabelecida pelo olhar, sem a qual nem haveria a interação comunicativa.

Ainda que o gênero epistolar, como qualquer texto escrito, sirva para a comunicação não presencial, ele não se exime do sistema linguístico marcado pela representação da realidade, no caso das LS, filtrada pela visualidade (STROBEL, 2018, p. 44; CHIELLA, 2007, p. 115; QUADROS & SOUZA, 2008, p. 111).

A solução tradutória seria omitir o vocativo “Meus filhinhos”, como está na ARC, NAA, NVI e NTLH, e o mesmo em grego koiné, Τεκνία μου (*Teknia mou*), por ser algo muitas vezes desnecessário em Libras, ou ainda transformar o vocativo em um predicativo ou aposto. Optei pela omissão, neste trecho do versículo 1 do capítulo 2 por duas razões: pelo vocativo não ser uma expressão comunicativa tão usual em Libras e porque João parece se referir aqui a todos os destinatários da epístola que formam a comunidade.

A omissão pode ser entendida aqui como procedimento de tradução resultante de um efeito de modalidade pragmática entre os sistemas linguísticos, com divergência do sistema linguístico, dado o modo como recortam a realidade extralingüística.

Acréscimo. Em 1 Jo. 2:19, pode-se dizer que também houve um procedimento de acréscimo em relação aos textos da ARA, ARC, NAA, NVI e do grego koiné pelo uso do sinal  (registrado no SP como: grupo), mas não em relação ao texto da NTLH.

Em 1 Jo. 5:8, fiz o procedimento de acréscimo de itens lexicais, motivado pela divergência de estilo. Os itens lexicais acrescidos ao texto alvo são um recurso linguístico comum na Libras para se referir a itens de uma lista ou conjunto. Uma das mãos expressa a quantidade, estendendo um dedo por vez, enquanto se aponta para o dedo selecionado e se vai nomeando cada item ou dá-se previamente a quantidade e cada dedo estendido é, por sua vez, indicado e nomeado. Este último modo é como foi traduzido o versículo 8.

No versículo 7, a quantidade é informada: “três”, na ARA, ARC, NAA, NVI e NTLH e em grego koiné: *τρεῖς* (*treis*, adjetivo plural masculino nominativo). No versículo 8, a mão esquerda permanece mostrando a quantidade, três, mas cada dedo foi nomeado na mesma

ordem em que os itens foram nomeados na língua fonte. Então escrevi   , para indicar o

   primeiro item de três,  , para indicar o segundo item de três e  , para indicar o terceiro item de três.

Explicitação. Em 1 Jo. 1:1, escolhi deixar claro em Libras que o pronome “que”, precedido do artigo “o”, nas versões ARA, ARC, NAA, NTLH e NVI, que traduz o termo grego koiné ὁ (ho, pronome relativo acusativo singular neutro), faz referência não a uma coisa, mas a uma pessoa, um humano. Para este fim, usei o sinal  (registrado no dicionário do SP como: pessoa). O procedimento usado aqui foi a explicitação.

Ainda no versículo 1, para explicitar que *ἀρχῆς* (*archés*, substantivo genitivo singular feminino: princípio, começo, origem), traduzido como “princípio” na ARA, ARC, NAA e NVI,

  se refere ao começo do mundo, como também o faz a NTLH, escrevi o sinal   (registrado no dicionário do SP como: mundo, Terra).

Em 1 Jo. 1:2, fiz outra explicitação como procedimento tradutório. Trata-se da informação de que “a vida”, em grego koiné: η ζωή (*hē zōē*, artigo definido feminino

nominativo singular e substantivo nominativo feminino singular), é alguém que “se manifesta”, ἐφανερώθη (ephannerōthē, verbo aoristo passivo indicativo na terceira pessoa do singular). Para

expressar esta personificação, além do sinal  (aparecer/surgir), escrevi um CL para pessoa



de pé que chega ou vem:  (registrado no dicionário do SP como: pessoa-vir, pessoa-chegar).

Outro elemento coesivo que acompanha o CL citado, formando com ele um aglomerado, é o olhar que acompanha o movimento feito pela mão, expresso por . A expressão facial usada tem função sintática.

Na última frase do versículo 2, fiz uma escolha um pouco diferente: o verbo



“manifestar-se” foi traduzido pelo sinal  que significa mostrar para mim/nós (registrado no dicionário do SP como: me mostrar), antecedido pelo CL “pessoa-vir”, pela expressão facial já citada e seguido do sinal para “nós”. Este verbo, em Libras, tem concordância marcada pela orientação da palma da mão e a direção do movimento. A última frase, portanto, significa: mostrou-se/manifestou-se a nós. Além da explicitação, o período foi reconstruído.

No mesmo versículo, e em várias outras vezes na epístola, fiz o procedimento de



explicitação ao inserir o sinal  (registrado no SP como: Deus), antes do sinal  (registrado no SP como: pai), para traduzir “o Pai” na ARA, ARC, NAA, NVI e NTLH, e em grego koiné: πατέρα (patera, substantivo acusativo masculino singular: pai). O recurso gráfico de usar uma letra maiúscula em português para se referir a Deus como Pai não existe na escrita pelo sistema SW. Pareceu-me melhor deixar explícito que o termo se refere a Deus e não aos pais humanos, que serão referenciados mais à frente na epístola com o mesmo sinal.

Também houve uma explicitação em 1 Jo. 1:5 quando fiz a troca do pronome αὐτοῦ (autou: pronome pessoal masculino singular genitivo), traduzido por “dele” em ARA, ARC,



NAA e NVI, pelo nome/sinal  (registrado no SP como: Jesus). A NTLH traz “Cristo” e, provavelmente, influenciou minha escolha.

Em 1 Jo. 2:2, fiz uma explicitação, quando substitui o pronome “ele” que traduz αὐτὸς



(*autos*, pronome pessoal masculino singular nominativo) pelo sinal/nome de ✝ (registrado no SP como: Jesus).

Em 1 Jo. 5:21, ocorre uma explicitação tornando o vocativo “Filhinhos”, na ARA, ARC, NAA e NVI e em grego koiné: Τεκνία (*teknia*, substantivo vocativo plural neutro: filhinhos),



em um aposto precedido pelo pronome possessivo * (registrado no SP como: meu) como versa na NTLH.

Reconstrução de períodos. Em 1 Jo. 1:1, o procedimento de reconstrução de período foi aplicado, antecipando a informação “escrevemos”, que só aparece em Jo. 1:4, para o início versículo 1, como também é antecipada na NTLH, juntamente com o trecho “a respeito da Palavra da vida” que está no final do mesmo versículo 1 no documento em grego koiné Westcott e Hort / [NA27 variants]⁴⁹, na ARA, na ARC, na NAA e na NVI.

Em 1 Jo. 1:5, os procedimentos tradutórios foram de reconstrução de período, pela transformação de oração subordinada, na ARA, ARC, NAA, NTLH e NVI, em oração coordenada, separada por um grafema — que indica uma pausa curta no texto em Libras, motivada pela divergência do estilo na Libras.

Em 1 Jo. 1:6, fiz outra reconstrução de período. A oração principal é separada da oração subordinada substantiva objetiva direta pelo grafema —, equivalente a dois pontos, logo

↑
depois do verbo ✏ (registrado no SP como: dizer).

Em 1 Jo. 2:2, também fiz a reconstrução de período ao traduzir “E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos...”, conforme consta na ARC e de forma semelhante em ARA, NAA e NVI, que traduz do grego koiné: καὶ αὐτὸς ἵλασμός ἐστιν περὶ τῶν ἀμαρτιῶν ἡμῶν, οὐ περὶ τῶν ἡμετέρων (*kai autos hilasmos estin peri ton hamartion hemon, ou peri ton hometeron*), transformando as orações coordenadas e independentes em três orações: uma subordinada, iniciada por uma termo que exprime causalidade * (registrado no

⁴⁹ Edição de Brooke Foss Westcott e Fenton John Anthony Hort, *The New Testament in the Original Greek, vol. 1: Text; vol. 2: Introduction [and] Appendix* (Cambridge: Macmillan, 1881) combinada com variantes da tradução de Eberhard Nestlè e Kurt Aland, o *Nestlè-Aland Novum Testamentum Graece. 27th ed.* Stuttgart: (Deutsche Bibelgesellschaft, 1993). Também conhecido como Texto Crítico ou Minoritário é adotada pelas traduções ARA, NVI e NTLH.

SP como: por-causa), uma oração principal composta pelos termos  (registrado no SP como:



nós),  (registrado no SP como: pecado) e   (registrado no SP como: perdoar-me), equivalente a “nossos pecados são perdoados”. A segunda oração coordenada e negativa, “e



não somente pelos nossos”, torna-se uma interrogativa, composta pelos termos  (registrado no SP como: só) e  (registrado no SP como: nós) seguidos do grafema  que finaliza frase



interrogativa, equivalente a “somente nós?”, e uma frase negativa:  (registrado no SP como: não). O recurso estilístico é muito utilizado em Libras devido à divergência do estilo. Em situações comunicativas em que a língua portuguesa usa orações subordinadas, a Libras usa orações independentes. A sequência costuma ser: a primeira oração é interrogativa e a segunda é afirmativa ou negativa de acordo com o contexto ou intenção.

Fui influenciado pelo modo como a NTLH verte o trecho: “É por meio do próprio Jesus Cristo que os nossos pecados são perdoados. E não somente os nossos...”

Em 1 Jo. 2:3, vali-me, na forma escrita, do sistema pronominal da Libras, compartilhado com outras LS. Este sistema é caracterizado principalmente por apontações, denominadas dêixis.

As LS apresentam “em sua estrutura uma variedade de recursos que permite a execução de um discurso claro e completo, assim como em todas as línguas” (NICOLOSO & SILVA, 2009, p. 80). Um dos recursos mais utilizados para manter a coesão textual em Libras é a “referência dêitico-anafórica para representação do sujeito” (NICOLOSO & SILVA, 2009, p. 80). Isto é realizado pela retomada do sujeito por meio da apontação para um local no espaço à frente do corpo do sinalizador que fora previamente estabelecido como a localização do sujeito. Uma vez marcada a localização do sujeito no espaço, esta será a locação para os verbos com concordância como parte de sua flexão. Outros referentes também podem ser marcados no espaço.

Os referentes são introduzidos no espaço à frente do sinalizador, através da apontação em diferentes locais. As formas verbais para pessoa são estabelecidas através do início e fim do movimento e da direção do verbo, incorporando estes pontos previamente

indicados no espaço para determinados referentes. (QUADROS & KARNOOPP, 2004, p. 112)

Para fazer a referência dêitico-anafórica a Jesus junto ao Pai, citado nos versículos 1 Jo. 2:1 e 2, no texto em Libras, usei, no versículo 3, o sinal — ↗ (a mão direita apontando numa diagonal para cima, na altura do ombro. Registrado no SP como: ele), mas com uma modificação, o acréscimo de expressão facial, para adequação semântica.

Em toda a epístola, a tradução dos pronomes eu, ele, nós, vós/vocês e eles é feita por

dêiticos. Os sinais respectivos aos pronomes usados na epístola são: * (registrado no SP como: eu), ↗ (registrado no SP como: ele), ↘ (registrado no SP como: nós), ↙ (registrado no SP como: vocês), ↖ (registrado no SP como: eles).

A divergência do sistema linguístico da Libras com as línguas orais-auditivas também pode ser percebida aqui pela sintaxe espacial característica de línguas gestuais-visuais.

Em 1 Jo. 2:9, o procedimento de reconstrução de período, por questão de estilo, manteve o sentido e a figura de linguagem de paradoxo, presente no texto, em “viver ou estar na luz e odiar ou aborrecer seu irmão”, como reza na ARA, ARC, NAA, NVI e NTLH. O texto em grego koiné usa os verbos εἰναι (*einai*, verbo no presente infinitivo: estar, existir) e μισῶν (*mison*, verbo no presente particípio ativo nominativo singular masculino: detestar, odiar).

Em Libras, usei o sinal — (registrado no SP como: vida, viver) e (registrado no SP como: odiar, abominar).

Nos versículos de 1 Jo. 2:12, 13 e 14, procedi de modo diferente quanto aos vocativos para “Filhinhos”, “Pais” e “Jovens”, na ARA, ARC, NAA, NVI e NTLH, que traduzem, respectivamente, os termos em grego koiné: τεκνία (*teknia*, substantivo - vocativo plural neutro: filhinhos, criancinhas, no v.12), παιδία (*paidia*, substantivo - vocativo plural neutro: crianças), πατέρες (*pateres*, substantivo - vocativo plural masculino: pais) e νεανίσκοι (*neaniskoi*, substantivo - vocativo plural masculino: jovens). Para a Libras, eu os traduzi, respectivamente,

como: (registrado no SP como: crianças), (registrado no SP como: jovem) e (registrado no SP como: pai).

(registrado no SP como: pai). O plural dos dois últimos é dado no contexto.

A razão para esta decisão é que João direciona mensagens específicas a grupos distintos entre os destinatários da comunidade. Mesmo o vocativo não sendo tão usual em Libras, algumas vezes, ele é necessário para direcionar a mensagem a um ou alguns indivíduos em um grupo. Isso ocorre em interações comunicativas em grupo de sinalizantes. Aquele que deseja transmitir uma mensagem para uma pessoa, em um grupo a sua frente, faz o sinal da pessoa para que ela e os outros saibam a quem se destina a mensagem, evitando o ruído de comunicação.

Em 1 Jo. 2:19, a frase “Eles saíram do nosso meio”, na ARA, NAA e NVI, “Saíram de nós”, na ARC, “essas pessoas nos deixaram”, na NTLH e em grego koiné: ἐξ ἡμῶν ἐξῆλθαν

(*ex hēmōn exēlthan - de nós saíram*) foi traduzida com um CL que sintetiza toda a frase, ☰↗ (registrado no SP como: pessoas-sair-do-grupo). O procedimento de reconstrução de período é possível e indicado pela sintaxe espacial característica das LS. O CL apresenta componentes morfológicos que fazem referência a itens lexicais citados anteriormente, quais sejam, o sinal

☐ (registrado no SP como: grupo) e ☰↗ (registrado no SP como: pessoa). Este último, representado pela mão direita tamborilando os dedos e que se afasta da mão esquerda, em um movimento diagonal, incorpora tanto a ação de sair, dispersar-se, quanto os agentes.

Em 1 Jo. 5:21, fiz a reconstrução do período e uma transposição na qual o nome “Filhinhos” na ARA, ARC, NAA e NVI e em grego koiné: Τεκνία (*teknia*, substantivo vocativo

plural neutro: filhinhos) foi substituído pelo pronome ☰ (registrado no SP como: vocês) no início do versículo.

Empréstimo por aclimatação. Na tradução da epístola, há o registro de um empréstimo por aclimatação, não realizado por mim, mas estabelecido na Libras, que inicia no versículo de 1 Jo. 1:6 e se repete vinte e uma vezes na epístola (1:7, 8, 9, 10; 2:1, 4, 5, 15, 19, 24, 29; 3:17, 20, 21; 4:1, 2, 15, 20; 5:2, 14, 16) unicamente para o “se”, que traduz o termo grego koiné: ἐὰν

(ean, partícula condicional). Para traduzir usei o sinal ☰↑ (o sinal inicia com a configuração de mão do punho fechado que translitera a letra S, tem um movimento para frente indicado pela seta e termina com uma configuração de mão do punho fechado com o dedo mínimo estendido

que translitera a letra I). A conjunção subordinativa sofreu diacronicamente uma transliteração e uma posterior aclimatação na Libras.

Sobre o procedimento citado por mim aqui, denominado por Barbosa como “transferência”, na forma de transliteração (BARBOSA, [1990] 2004, pp. 71 e 73), Santiago diz que “este também não é o caso de procedimento evidenciado entre o português e a Libras que utilizam o mesmo alfabeto para a escrita/soletração” (SANTIAGO, 2012, p. 48). Fidelis (2012, p. 196) acompanha o mesmo entendimento quando afirma, sobre os procedimentos propostos por Barbosa ([1990] 2004), que “alguns deles não se aplicam às línguas de sinais, como é o caso da Transliteração”.

Devo discordar das autoras Santiago e Fidelis, dado que os alfabetos são completamente distintos e que não podemos confundir a datilologia, ou seja, representação do alfabeto latino usado no português por configurações de mão da Libras, com o próprio alfabeto da Libras que não é constituído de caracteres latinos (conf. a seção 3.1.1), o que implica de fato em transliterar, “substituir uma convenção gráfica por outra” (BARBOSA, [1990] 2004, p. 73).

Adaptação. Em 1 Jo. 3:18, onde reza a expressão sobre o modo de amar: “de palavra, nem de língua” na ARA e ARC, “de palavra nem de boca” na NAA e NVI, “de palavras e de conversa” na NTLH e em grego koiné: λόγῳ μηδὲ τῇ γλώσσῃ (*logō mēde tē glōssē – [por]*



palavra nem pela língua), resolvi fazer o procedimento de adaptação usando o sinal  (registrado no SP como: sinalizar), com um aspecto negativo e interrogativo pelo uso da expressão facial, pois também fiz uma reconstrução de período, tornando a oração que era uma proposição somente negativa em uma também interrogativa.

Nos versículos 1 Jo. 1:1 e 3, diz “temos ouvido” na ARA, “ouvimos” na NAA, NVI e NTLH, traduzindo do grego koiné: ἀκηκόαμεν (*akēkoamen*, segundo ativo perfeito indicativo da primeira pessoa do plural: temos ouvido, ouvimos, entendemos). Eu traduzi para a Libras como  (registrado no dicionário do SP como: ouvir, escutar). Não houve adaptação ou modulação para o público surdo. João se refere a si e a seus companheiros, todos ouvintes.

Para “ouvistes” na ARA e ARC, “ouviram” na NAA, NVI e NTLH e em grego koiné: ἤκουσατε (*ēkousate*, aoristo ativo indicativo na segunda pessoa do plural: ouvistes, ouviram), nas passagens 2:7, 18 e 3:11, e em 4:3 em grego koiné: ἀκηκόατε (*akēkoate*, segundo ativo perfeito indicativo na segunda pessoa do plural: ouvistes, ouviram) com o mesmo verbo e

mesma conjugação, em que João se dirige aos destinatários, também ouvintes, não fiz adaptação para o público surdo e usei o mesmo verbo em Libras aplicado antes.

Os procedimentos tradutórios utilizados na tradução da I Epístola de João para a Libras pelo sistema SW foram: transcrição, tradução literal, transposição, modulação, omissão, acréscimo, explicitação/implicitação, reconstrução de períodos e adaptação.

O empréstimo por aclimatação descrito na pesquisa, mas não realizado nesta tradução, já está estabelecido na Libras. Apenas, considerei relevante exemplificá-lo e distingui-lo de empréstimo por transliteração ou estrangeirismo.

Os procedimentos tradutórios de implicitação, compensação, correção, empréstimo por estrangeirismo, empréstimo por transliteração, empréstimo por aclimatação e tradução intersemiótica não foram utilizados na tradução da I Epístola de João para a Libras pelo sistema SW.

O quadro a seguir sintetiza os dados da pesquisa apresentando as ocorrências dos procedimentos tradutórios utilizados na tradução da I Epístola de João para a Libras pelo sistema SW.

Quadro 5-Ocorrências dos procedimentos tradutórios na tradução da I Epístola de João para a Libras pelo sistema SW.

Procedimentos tradutórios	Ocorrências dos procedimentos tradutórios na tradução da I Epístola de João para a Libras pelo sistema SW
Transcrição	Sim, em toda a epístola (algarismos nos capítulos e versículos)
Tradução Literal	Sim, 15 vezes (1:5, 9; 2:22, 27, 29, 3:1, 2; 4:4, 7, 8, 16, 20; 5:1, 17)
Transposição	Sim, em toda a epístola (eliminação de artigos inexistentes em Libras, diminuição ou acréscimo de unidades lexicais pelo uso obrigatório de pronomes junto a verbos sem flexão em Libras, mudança de categoria gramatical e inversão de ordem sintática)
Modulação	Sim, 33 vezes (1:2, 3, 5; 2:1, 2, 8, 18, 19, 21, 22, 25, 28; 3:23; 4:2, 6, 8, 10, 11, 14; 5:1, 5, 6, 11, 14, 15, 19, 20)
Omissão	Sim, 2 vezes (1:5; 2:1)
Acréscimo	Sim, 4 vezes (2:19; 5:8)
Explicitação	Sim, 23 vezes (1:2, 7; 2:1, 2, 4, 6, 8, 12, 16, 22, 23, 24, 28; 3:2, 6, 24; 5:12)
Implicitação	Não
Reconstrução de Períodos	Sim, 11 vezes (1:1, 4, 5, 6; 2:2, 9, 12, 13, 14, 19; 5:21)
Compensação	Não
Correção	Não
Empréstimo por	Não

Estrangeirismo	
Empréstimo por Transliteração	Não
Empréstimo por Aclimatação	Não
Tradução Intersemiótica	Não
Adaptação	Sim, 1 vez (3:18)

Fonte: o autor

No próximo capítulo, faço considerações finais sobre a pesquisa.

7 CONCLUSÃO

A tradução da Bíblia para a Libras tem esforços mantidos até o momento atual, principalmente na sua modalidade sinalizada/oral, por registro em vídeo. Vimos outra forma de registro do texto bíblico por meio de ilustrações ou fotografias dos sinais da Libras. O primeiro exige o acesso a meios eletrônicos para uso do material traduzido, seja o seu suporte uma mídia física, como um DVD ou CD-ROM, ou virtual, como um *site* ou aplicativo na internet. O segundo pode ser disponibilizado impresso ou em meio virtual. A compreensão do conteúdo bíblico traduzido, neste caso, depende da habilidade artística de representação dos sinais da Libras ou a clareza do registro fotográfico e da interpretação desta representação pelo leitor, já que não há aí uma padronização de representação dos sinais da Libras compartilhada entre autores e leitores.

No intervalo de dois séculos, surgiram vinte e um sistemas de notação ou sistemas de ELS. O século XX foi o período de maior produção de sistemas com a finalidade de registro de LS para fins exclusivamente científicos ou como forma de escrita corrente e usual.

O sistema alfabético fonético, SW, desenvolvido por Valerie Sutton tornou-se o mais difundido, pesquisado e utilizado por usuários de LS de vários países, incluindo o Brasil que, desde 1996, tem iniciativas de ensino e difusão deste sistema do ensino fundamental à formação superior de docentes e tradutores e intérpretes de Libras. O sistema SW mostrou-se capaz de representar adequadamente diversas LS, como não é possível fazê-lo com alfabetos de línguas orais.

Vimos também que o registro lexicográfico da Libras remonta ao final do século XIX com o registro iconográfico de Flausino da Gama, passando também por registro fotográfico até o início do século XXI com a inclusão de SW no dicionário DEIT-Libras.

Demonstramos que o programa *online* SP oferece mais um repositório lexicográfico para a Libras escrita pelo sistema SW e que a ferramenta de tradução auxiliada por computador, mesmo com limitações por operar apenas no nível lexical, permite a tradução da língua portuguesa para a Libras na sua modalidade escrita.

Além da pasta Dicionário, no SP brasileiro, que serve de repositório de sinais da Libras escritos pelo sistema SW, há a pasta Literatura, onde devem ser armazenados textos em Libras escritos também pelo sistema SW. Esta última é a pasta onde está salva a I Epístola de João em Libras.

A tradução da I Epístola de João para a Libras pelo sistema SW pode ser caracterizada como interlingual (JAKOBSON, 1975), por envolver sistemas linguísticos distintos, intermodal

(SEGALA, 2010), por envolver línguas de modalidades distintas, ou seja, diferem quanto ao plano articulatório-perceptual intrínseco à natureza das línguas, orais-auditivas ou gestuais-visuais e intramodal (RODRIGUES, 2018, p. 306; RODRIGUES & FERREIRA, 2020, p. 116), quando consideramos o plano de expressão da estrutura linguística na modalidade escrita das línguas envolvidas.

A tradução intermodal sofre, inevitavelmente, efeitos de modalidade (QUADROS & SOUZA, 2008, pp. 175-179; RODRIGUES, 2012, pp. 104 e 105), pois as línguas envolvidas no processo tradutório modulam a realidade para seus falantes, estabelecendo condições de conhecimento de mundo singular, constituindo o universo em que cada língua se estrutura (SANTIAGO, 2012, p. 37; SOBRAL, 2018, p. 131).

A tradução da I Epístola de João para Libras escrita pelo sistema SW revelou os seguintes efeitos de modalidade: a sintaxe espacial, que não pode ser dispensada, e é perfeitamente passível de representação gráfica pelo sistema Sutton, podendo vir acompanhadas de anáforas dêiticas e implica em procedimentos tradutórios de reconstrução de períodos, transposição e modulação. A dimensão temporal que toma o corpo do sinalizante como referência (QUADROS & SOUZA, 2008, pp. 175-179) também pode ser registrada, o que implica em procedimentos tradutórios de transposição. A quantidade de itens lexicais necessários para transpor a mensagem (RODRIGUES, 2012, pp. 104 e 105) que pode variar para mais ou para menos itens, o que implica em procedimentos tradutórios de transposição e reconstrução de períodos. Outro efeito de modalidade que aparece na tradução entre línguas orais-auditivas e gestuais-visuais, causado pelo modo prioritariamente visual como surdos experienciam a realidade, é a estrutura do sistema linguístico marcado pelo recorte do real influenciado pela visualidade (STROBEL, 2018, p. 44; CHIELLA, 2007, p.115), o que pode implicar em procedimentos tradutórios dos eixos de divergência do sistema linguístico, divergência do estilo e divergência da realidade extralingüística. Na tradução da I Epístola de João para Libras escrita pelo sistema SW, os procedimentos tradutórios foram transposição, modulação, omissão, acréscimo, explicitação, reconstrução de período e adaptação.

Também houve procedimentos tradutórios do eixo de convergência do sistema linguístico, do estilo e da realidade extralingüística, ou seja, transcrição dos algarismos indo arábicos para os capítulos e versículos e tradução literal de algumas frases.

Na tradução da I Epístola de João para Libras escrita pelo sistema SW, os procedimentos tradutórios de implicitação, compensação, correção, empréstimo por estrangeirismo, empréstimo por transliteração, empréstimo por aclimatação e tradução intersemiótica não foram utilizados.

Esperamos, com essa pesquisa e seu produto imediato, a saber, a tradução da I Epístola de João para Libras escrita pelo sistema SW, poder contribuir para dar visibilidade ao sistema SW, evidenciar a tradução para a modalidade escrita da Libras como objeto de pesquisa no campo dos Estudos da Tradução e incentivar outros pesquisadores a preencher lacunas ainda existentes no campo dos Estudos da Tradução envolvendo a modalidade escrita Libras como língua fonte e língua alvo. Pretendo continuar, em nível de doutorado, a pesquisa de tradução do texto bíblico para a Libras, na modalidade escrita pelo sistema SW.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, N. de A. **Intérprete educacional**: políticas e práticas em sala de aula inclusiva. São Paulo: Harmonia, 2015.
- ALVES, Fábio. A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução. In: PAGANO, A. S. (org). **Metodologia de Pesquisa em Tradução** Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001. p. 69-92.
- AMPESSAN, J. P., M. LUCHI, e M. R. STUMPF. Tradução de escrita de sinais para português: recriação do texto?. In: **Anais do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa**, 2012. Disponível em: <http://www.congressotools.com.br/anais/anais.html>. Acesso em: 07 nov. 2018.
- ANDRADE, M. L. da C. V. de O. Língua: modalidade oral/escrita. In: **Caderno de formação**: formação de professores didática geral, Vol. 11, por Universidade Estadual Paulista. Prograd. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 50-57. Disponível em: http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/292072/mod_resource/content/1/Texto%20da%20Atividade%201.pdf. Acessado em: 22 mar. 2019.
- ASLFONT. **Symbol Font For ASL**. março de 2013. Disponível em: <http://aslfont.github.io/Symbol-Font-For-ASL/>. Acesso em: 07 nov. 2018.
- AUBERT, F. H. Modalidades de Tradução: Teoria e Resultados. In: **TradTerm**. v. 5. CITRAT/FFLCH-USP, 1998. p. 99-128.
- AUBERT, F. H. Descrição e quantificação de dados em tradutologia. In: **Tradução & Comunicação**. n. 4. Álamo, 1984. p. 71 -82.
- BARBOSA, Heloisa G. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. 2. Campinas: Pontes, 2004.
- BARRETO, Madson, e Raquel BARRETO. **Escrita de Sinais sem Mistérios**. 2. ed. rev. atual. e ampl. - Salvador, v.1: Libras Escrita, 2015.
- . *Escrita de Sinais sem Mistérios*. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2012.
- BARROS, M. E. **ELiS – Escrita das Línguas de Sinais**: proposta teórica e verificação prática. 2008. Tese (Doutorado em Linguística), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.
- BARROS, M. E. Princípios básicos da ELiS: escrita das línguas de sinais. In: **Revista Sinalizar**. v. 1, n. 2. 2016. p. 204-210.
- BARROS, Ricardo O. **Contribuições da tradução automática para o trabalho do tradutor de português e libras escrita**. 2018. 76 p. Monografia (Bacharelado em Letras Libras) - Departamento de Artes e Libras, Universidade Federal de Santa Catarina. São Luiz, 2018.
- BENASSI, C. A. **VisoGrafia**: escrita de sinais. s.d. Disponível em:

- <https://www.visografia.com>. Acesso em: 07 nov. 2018).
- BENASSI, C. A. Visografia: uma nova proposta de escrita da língua de SINAIS. In: **Traços de linguagem**: revista de estudos linguísticos. v. 2, n. 2. 2018. p. 71-82. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/2842/2514>. Acesso em: 21 mai. 2019.
- BERNARDINO, E. L. **Absurdo ou lógica?**: os surdos e sua produção linguística. Belo Horizonte: Profetizando vida, 2000.
- BEZERRA, J. F. Verificação do modelo de tradução de Heloisa Gonçalves Barbosa na tradução da linguagem popular do romance Essa Terra, de Atônio Torres. In: **Revista de Letras**, 1999: p. 35-41. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2151/1626>. Acesso em: 07 dez. 2018.
- BRASIL, Lei 10.436, de 22 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 07 dez. 2018.
- CALVET, Louis-jean. **Tradição Oral & Tradição Escrita**. Tradução: Waldemar Ferreira Netto, Maresa de Freitas Vieira. São paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CAMPOS, S. A. U. A. A Escrita de Sinais no Brasil sob o olhar da comunidade acadêmica. In: **CIPSI-Congresso Internacional de Psicologia**, V. Maringá, 2012. Anais...Maringá, 2013. p. 54-61.
- CAPOVILLA, Fernando C., e Walkiria D. RAPHAEL. **Dicionário enciclopédico trilíngue da língua de sinais brasileira**. 3. Vol. I: Sinais de A a L. 2 vols. São Paulo: USP, 2008.
- CASAGRANDE, Fernanda C. G. **Língua falada e língua escrita**: uma proposta didática para as aulas de língua portuguesa. s.d. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/lingua_falada_e_lingua_escrita_um_a_proposta_didatica_para_as_aulas_de_lingua_portuguesa.pdf. Acesso em: 22 mar. 2019.
- CASTRO-ALONSO, J. C., e J. SWELLER. The Modality Effect of Cognitive Load Theory. Vol. v. 963, In: KARWOWSKI, W.; AHRAM, T. e NAZIR, S. **Advances in Human Factors in Training, Education, and Learning Sciences. AHFE 2019. Advances in Intelligent Systems and Computing**. Cham: Springer, 2020. p. 75-84. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333560791_The_Modality_Effect_of_Cognitive_Load_Theory. Acesso em: 09 ago. de 2020.
- CHIELLA, V. E. **Marcas surdas**: escola, família, associação, comunidade e universidade constituindo cultura e diferença surda. 2007. 155 p. Dissertação (Mestrado em Educação) UNISSINOS. São Leopoldo, 2007.
- CLARK, A., e J. DEMERON. **ASLwrite**. s.d. Disponível em:

<https://www.think.ovh/%D7%AA%D7%97%D7%A9%D7%95%D7%91/en/ASLwrite>
e. Acesso em: 08 mai. 2019.

CLARK, Adrean. Why did ASLwrite split from si5s?. In: **Quora**. 17 de 07 de 2015.
Disponível em: <https://www.quora.com/Why-did-ASLwrite-split-from-si5s>. Acesso em: 01 mai. 2019.

COLORADO, L. M. M., e S. M. S. RUÍZ. **Prototipo de una aplicación web para la enseñaza y el apredizaje de la visagrafía (escritura de la lengua de señas) a personas no oyentes y oyentes.** Caso de estudio. 2010. Monografia (Graduação em egenharia de sistemas e computação), Facultad de Igeniería Eléctrica, Eletrónica, Física y Ciencias de la Computación, Universidad Tecnológica de Pereira. Pereira, Colômbia, 2010.

COSTA, L. T. Meu mundo nada ouvinte. In: STUMPF, M. R. e QUADROS, R. M. de (org.). **Estudos da língua brasileira de sinais**, vol. IV. Florianópolis: Editora Insular, 2018. p. 13-16.

DOUETTES, Brenno B. **A tradução na criação de sinais-termos religiosos em uma proposta para organização de glossário terminológico semibilingue**. 2015. 438 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, 2015.

FERNANDES, Eulalia (org.). **Surdez e bilinguismo**. 4. Porto Alegre: Editora Meditação, 2011.

FERNANDES, Eulalia. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 2010.

FIDELIS, Ester B. Uma análise da interpretação da Bíblia para a LIBRAS à luz dos procedimentos técnicos da tradução. In: ALBRES, N. A. e SANTIAGO, V. A. A. **Libras em estudo**: tradução/interpretação. FENEIS-SP, 2012. p. 195-212.

FRYE, Northrop. **O código dos códigos**: a Bíblia e a literatura. Tradução: Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? :Que língua é essa?** : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOHN, Carlos. Pesquisas em torno de textos sensíveis: os textos sagrados. In: PAGANO, A. S. (org.). **Metodologia de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 147-170.

GRUSHKIN, D. A. Writing signed languages: What for? What form?. In: **American Annals of the Deaf** . v. 161, n. 5. Gallaudet University Press, 2017. p. 509-527. Disponível em: https://slla.lab.uconn.edu/wp-content/uploads/sites/1793/2017/06/Grushkin_2017.pdf. Acesso em: 04 abr. 2019.

- HANKE, Thomas. **HamNoSys** – representing sign language data in language resources and language processing contexts. Hamburgo: Universidade de Hamburgo, 2004. Disponível em: https://www.sign-lang.uni-hamburg.de/dgs-korpus/files/inhalt_pdf/HankeLRECSLP2004_05.pdf. Acesso em: 07 nov. 2018.
- HIGOUNET, Charles. **História Concisa da Escrita**. Tradução Marcos Marcionilo. 10. ed. corrigida. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- HOLLOWAY, Steph. **SignFont Notation**. s.d. Disponível em: https://scriptsource.org/cms/scripts/page.php?item_id=script_detail&key=Qao. Acesso em: 26 mar. 2019.
- IES. **IES-Instituto Expressão Surda**. s.d. Disponível em: <http://www.iesurda.com/#firstPage>. Acesso em: 13 mar. 2019).
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. ed. 8. São Paulo: Cultrix, 1975.
- LAGUNA, Maria C. V. **Moralidade, idoneidade e convivência**: discursos sobre as práticas dos repetidores de classe do INES no período de 1855 a 1910 que incidem na atuação profissional dos tradutores-intérpretes de língua de sinais da atualidade. 2015. 157 p. Dissertação (Pós-graduação em educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2015.
- LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução: Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: EDUSC, 2007.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. In: **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 10, n. 19: 2012. p. 150-184. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 06 mai. 2019.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. **Escrita SEL**. s.d. Disponível em: <http://sel-libras.blogspot.com>. Acesso em: 07 nov. 2018.
- LOPES, Mariú M. M. A Sensibilidade na tradução de textos sagrados. In: **Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura**. v. 2. UPM: 2009. p. 62-73.
- MANHÃES, Marília. **Breve trajetória de missões com surdos**: a plantação igrejas em Libras. 07 de junho de 2017. Disponível em: http://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2017/06/07/breve-trajetoria-de-missoes-com-surdos-a-plantacao-igrejas-em-libras/#_ftn1. Acesso em: 30 nov. 2018.
- MARTINS, Marcia do A. P. As Contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução. In: **Cadernos de Letras**. 30 de dezembro de 2010. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl30122010marcia.pdf. Acesso em: 09 set. 2017.
- MAZACOTTE, A. C. B. **As prábolas de Jesus**. DVD. Foz do Iguaçu, 2007.

MONTERO, I. C. B., e R. L. FERREIRO. O sistema de sinais internacional. In: STUMPF, M. R. e QUADROS, R. M. de (org.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. Florianópolis: Editora Insular, 2018. p. 165-186.

NASCIMENTO, Marcus V.B. **Formação de intérprete de Libras e língua portuguesa: encontro de sujeitos, discursos e saberes**. 2016. 318 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC-SP, 2016.

NÈVE, F. X. **Essai de grammaire de la langue des signes française**. Genebra: Droz S.A., 1996. Disponível em:
https://books.google.com.br/books?id=ye4OfQobKQAC&pg=PA31&lpg=PA31&dq=Fran%C3%A7ois-Xavier+Neve+LSF&source=bl&ots=-qCRP2agJN&sig=N1kqOWJiH_uepoR1yuC9JrSt2NE&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwj2w82Oq8PeAhVEgJAKHRYRBXAQ6A. Acesso em: 07 nov. 2018.

NICOLOSO, S., e S. M. da SILVA. Lendo sinalizações em Libras: onde está o sujeito? In: QUADROS. R. M. de e STUMPF, M. R. (org.). **Estudos surdos IV**. STUMPF, 78-111. Petrópolis: Arara Azul, 2009.

NOBRE, Rundesth S. Aprendizagem de Escrita da Língua de Sinais. In: GOMES, G. N. C. e NASCIMENTO, J. de B. M. do (org). **Experiências Exitosas em Educação Bilíngue Para Surdos**. Fortaleza: SEDUC, 2011. p. 181-224.

OATES, Eugênio. **Linguagem das mão**. 5. ed. Aparecida: Editora Santuário, 1990.

OLIVEIRA, A. S. C. L. de. **Escrita SEL - Sistema de Escrita para Línguas de Sinais**. 2012. Disponível em: <http://sel-libras.blogspot.com/>. Acesso em: 15 mar. 2019.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução: história, teoria e métodos**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

OVIEDO, Alejandro. Vuelta a un hito histórico de la lingüística de las lenguas de señas: la mimographie de Bébian en el sistema de transcripción de Stokoe. In: **Lenguaje**, 2009. p. 293-313.

PETERSON, D. J. **SLIPA: An IPA for Signed Languages**. s.d. Disponível em:
<https://dedalvs.com/slipa.html>. Acesso em: 07 nov. 2018.

PIERRAT-FRAPPÉ, M. **SMYLE**. 23 de junho de 2016. Facebook: Méthode Signographie Manuscrite YaelLE, Spirit Of Sign. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/Signographie/>. Acesso em: 24 mai. 2019.

PIERRAT-FRAPPÉ, Maryline. **Signographie Manuscrite YaelLE**. 2012. Disponível em: <http://www.signographie.fr/spip.php>. Acesso em: 07 nov. 2018.

PIZZUTO, E. A., I. CHIARI, e P. ROSSINI. Representing Signed Languages: Theoretical, Methodological and Practical Issues. In: PETTORINO et all. **Spoken Communication**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2010. p. 205-241.

- QUADROS, R. M. de (org.). **Letras Libras; ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2014.
- QUADROS, R. M. de. Aquisição das línguas de sinais. *In: QUADROS, R. M. de e STUMPF, M. R. (org.). Estudos surdos IV*. Petrópolis: Arara Azul, 2009. p.142-169.
- . Aquisição de L1 e L2: o contexto da pessoa surda. **Anais do Seminário: Desafios e Possibilidades na Educação Bilíngue para Surdos**. Rio de Janeiro: INES,1997. p. 70-87. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/me002964.pdf>. Acesso em: 22 set. 2015.
- . Efeitos de modalidade de língua: as línguas de sinais. *In: ETD-Educação Temática Digital*, jun de 2006. p.168-178. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/801>. Acesso em: 22 mar. 2019.
- QUADROS, R. M. de, e L. B. KARNOOPP. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUADROS, R. M. de, e S. X. de SOUZA. Aspectos da tradução/encenação na língua de sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutorias do curso de Letras Libras. *In: QUADROS, R. M. de (org.). Estudos surdos III*. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 170-209.
- RODRIGUES, C. H. Efeitos de modalidade no processo de interpretação simultânea para a Língua. *In: Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL*. v. 10, n. 19. Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF: 2012. p. 93-124. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 24 abr. 2019.
- . Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para um possível competência tradutória intermodal. *In: Trabalhos em Linguística Aplicada*, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem: jan./abr. 2018. p. 287-318.
- RODRIGUES, C. H., e J. G. D. FERREIRA. Tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos: prática profissional e competências. *In: Revista Espaço: periódico científico do Instituto Nacional de Educação de Surdos*. jan-jun de 2020, 51. ed.: p. 109-125.
- SANTIAGO, V. A. A. Português e Libras em diálogo: os procedimentos de tradução e o campo de sentido. *In: SANTIAGO, V. A. A. e ALBRES, N. A. (org.). Libras em estudo: tradução/interpretação*. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 35-56.
- SANTOS, S. A. dos. **O intérprete de língua brasileira de sinais: um estudo sobre as identidades**. Dissertação (Mestrado em educação) Universidade Federal de Santa Catarina.Florianópolis: UFSC, 2006.
- SBB. **Sociedade Bíblica do Brasil**. 2019. Disponível em: <https://www.sbb.org.br/a-biblia-sagrada/as-traducoes-da-sbb/almeida-revista-e-corrigida/>. Acesso em 24 mar. 2020.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. *In:*

- HEIDERMANN, Werner (org.). **Clássicos da teoria da tradução: antologia bilíngue, alemão-português**: Tradução: Margarete von M. Poll, 218 p. Florianópolis: UFSC, NUT, 2001.
- SEGALA, Rimar R. **Tradução Intermodal e Intersemiótica/Interlingual: português brasileiro escrito para a Língua Brasileira de Sinais**. 2010. 74 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). UFSC, Florianópolis, 2010.
- SILVA, Aline M. Um estudo sobre o Processo de Tradução de Textos em Língua de Sinais Escrita para a Língua Portuguesa: Desafios e Estratégias. In: **Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, II**. Florianópolis, 2010, Anais...online, 2010. Disponível em: <http://www.congressotools.com.br/anais/anais2010/Aline%20Miguel%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2017.
- SILVA, C. A. de A. A constituição da língua brasileira de sinais: considerações sobre a missão protestante com surdos. In: **Sures-Revista Digital do Instituto Latino-Americanano de Arte, Cultura e História**, 2014. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/143>. Acesso em: 21 abr. 2018.
- SILVA, J. E. F. da, e I. J. PETERSON. Comunicando com as mãos em LSB: contribuições de John Everett Peterson para a língua de sinais do Brasil. In: ALBINO, I. B.; SILVA J. E. F. da e OLIVEIRA, L. N. S. **A muitas mãos: contribuição aos estudos surdos**. Natal: EDUFRN, 2016. p. 77-90.
- SLEVINSKI JUNIOR, S. **Sutton SignWriting Standard of 2010**. Disponível em: <https://steveslevinski.me/>. Acesso em: 05 mar. 2019.
- SLEVINSKI, S., e V. SUTTON. **SignPuddle Reference Manual**. La Jolla, CA: The SignWriting Press, 2007. Disponível em: <http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0485-US-SignPuddle15Manual.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2019.
- SOBRAL, Adail. **Dizer o 'mesmo' a outros: ensaios sobre tradução**. São Paulo: Special Book Services, 2008.
- SOFIATO, C. G., e L. REYLI. Justaposições: o primeiro dicionário brasileiro de língua de sinais e a obra francesa que serviu de matriz. In: **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 18. Out-Dez 2012. p. 569-586.
- STONE, Thomas. ASLSJ. In: **ASLSJ: American Sign Language - Sign Jotting**. 8 de março de 2009. Disponível em: <http://aslsj.blogspot.com/2009/>. Acesso em: 04 abr. 2019.
- . **ASLSJ**. s.d. Disponível em: <https://sites.google.com/site/aslsignjotting/>. Acesso em: 04 abr. 2019.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.
- SUTTON, Valerie. SignWriting History : chapter 1. In: **DanceWriting The Early Years**

- (1966-1974).** La Jolla: Deaf Action Committee for SignWriting, 1998. Disponível em: <http://www.signwriting.org/library/history/hist002.html>. Acesso em: 18 set. 2015.
- . SignWriting History : chapter 2. In: **SignWriting Early Years in Denmark (1974-1978).** La Jolla: Deaf Action Committee for SignWriting, 1998. Disponível em: <http://www.signwriting.org/library/history/hist003.html>. Acesso em: 18 set. 2015.
 - . **The SignWriting alphabet, read and write any sign language in the world.** La Jolla, Califórnia: SignWriting Press, 2011. Disponível em: http://www.signwriting.org/archive/docs7/sw0636_SignWriting_Alphabet_Manual_2010.pdf. Acesso em: 06 mar. 2019.
- TIMÓTEO, Janice G. Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Nordeste.** 2012. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.
- VINAY, J. P. & DARBELNET, J. Stylistique comparée du français et de l'anglais.** Paris: Didier, 1958.
- . **Stylistique comparée du français et de l'anglais: Méthode de traduction.** Nova edição revista e corrigida. Primera edição: 1958. Paris: Didier, 1977.
- WANDERLEY, Débora C. A Leitura e Escrita de Sinais de Forma Processual e Lúdica.** Curitiba: Prisma, 2015.
- ZAVAGLIA, A., C. M. C. RENARD, e C. JANCZUR.** A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. In: **Aletria: Revista de Estudos de Literatura.** v. 25. UFMG: 2015. p. 331-352.